FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.067 | DOMINGO, 6 DE ABRIL DE 2025 | R$ 9,90

Cenário com Lula, Tarcísio e Ciro
Resposta estimulada e única, em %



2º turno
Em %



Fonte: Datafolha; margem de erro de 2 p.p., para mais ou para menos

Lula venceria Bolsonaro e nomes da direita se eleição fosse hoje, diz Datafolha

Petista tem menor diferença contra ex-presidente, que está inelegível

O presidente Lula (PT) venceria todos os nomes da direita apoiados por Jair Bolsonaro (PL) se as eleições de 2026 fossem hoje, indica nova pesquisa Datafolha. O petista também derrotaria o ex-presidente, se este recuperasse os direitos políticos. Bolsonaro está inelegível até 2030 por decisão da Justiça Eleitoral.

O Datafolha testou cinco cenários de primeiro turno com Lula. Contra Bolsonaro, o presidente marca 36% ante 30%, a menor folga entre possíveis adversários. Sem Bolsonaro, lidera com 35% no cenário com principais nomes cogitados até agora: Tarcísio de Freitas (15%) e Ciro Gomes e Pablo Marçal (11% cada um).

O desempenho de Lula pouco varia nos cenários com diferentes herdeiros políticos do ex-presidente, entre eles Eduardo e Michelle Bolsonaro. No quesito rejeição, a de Lula continua alta, 42%, abaixo apenas da de Bolsonaro (44%). A pesquisa tem margem de erro de dois pontos para mais ou menos. Política A6

ilustrada ilustríssima

NO MASP, O 1º DESFILE DE MODA BRASILEIRA

Em 1952, Lina e Pietro Bardi buscaram estética nacional em apresentação com 50 looks B8

Apartamentos subutilizados marcam a verticalização em SP, escreve Philip Yang B4

MÔNICA BERGAMO

Até hoje sinto a falta dele, diz sertanejo Daniel sobre morte de João Paulo B2

esporte

Presença de estrangeiros triplicou no Brasileiro A38

EDITORIAIS A2

Rejeição de Lula para de subir, mas não dissipa incerteza Acerca de pesquisa do Datafolha.

Ofensiva contra o conhecimento nos EUA Sobre o cerco liderado por Trump às universidades.



Manifestantes na Quinta Avenida, em Nova York, em um dos protestos nos EUA contra o presidente Donald Trump Caitlin Ochs 5.abr.25/Reuters

Bolsonaro reunirá presidenciáveis em 1º ato após virar réu

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) promove hoje ato em São Paulo pela anistia aos envolvidos no 8/1, menos de duas semanas após se tornar réu pela trama golpista. A manifestação deve atrair possíveis presidenciáveis da direta. Política A11

Na chefia da Câmara, Motta privilegia bastidor

Em dois meses como presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB) comandou 10 de 23 sessões deliberativas e articulou acordo com STF sobre emendas. A falta de agenda em plenário abriu caminho a projeto de anistia do 8/1. Política A13

Antonio Prata

O juiz que fez harmonização nominal

Em algum momento da vida, José Eduardo Franco dos Reis cansou-se de ser apenas mais um Zé e decidiu: serei inglês, serei nobre, serei Edward Albert Lancelot Dodd Canterbury Caterham Wickfield. Como juiz, aposentou-se em 2018 convertido num nobre inglês. A33

Protestos contra Trump reúnem milhares e dão fôlego à oposição

Na semana marcada pelo anúncio de um tarifaço a todos os países, chamado de "dia de libertação" por Donald Trump, ocorreram os maiores atos de contestação, dentro e fora dos EUA, ao presidente americano desde sua volta ao poder, há três meses. Neste sábado (5), milhares de pessoas foram às ruas em protestos em Washington e outras cidades americanas. Mundo A27



Reunião do BC com bancos indica solução para o Master

O presidente do BC, Gabriel Galípolo, se reuniu extraordinariamente com os quatro maiores bancos privados do país, reforçando a expectativa de solução para a aquisição do Master pelo Banco de Brasília. A19

Cidade de SP tem mais homicídios na periferia e furtos no centro A30

Biblioteca que deu origem à Faculdade de Direito da USP completa 200 anos A31

Tarifas vão reduzir renda anual de famílias nos EUA

As famílias norte-americanas devem perder, em média, US$ 3.800 anuais (R$ 21,9 mil) como reflexo do tarifaço de Trump. A perda decorrerá de reajuste médio de 2,3% nos preços de produtos tarifados. A15

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Rejeição de Lula para de subir, mas não dissipa incerteza

Presidente aparece na frente nas intenções de voto, embora a sua vantagem quatro anos atrás fosse mais larga; eleição de 2026 será plebiscito sobre o mandato atual, bem mais atribulado que os da década retrasada

Foi estancada a queda da popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que havia sido detectada pelo Datafolha no início de fevereiro. Mas, de acordo com a pesquisa do instituto que foi a campo nesta primeira semana de abril, não há motivo para comemoração nas hostes situacionistas.

A cada 100 entrevistados, 38 consideram que Lula faz um governo ruim ou péssimo (ante 41 na rodada anterior), 29 avaliam como ótima ou boa a sua administração (24 em fevereiro) e os mesmos 32 entendem que o seu desempenho é regular. O quadro pouco variou, considerada a margem de dois pontos de erro.

Questionados diretamente sobre se aprovam ou desaprovam a gestão petista, os brasileiros se dividem em duas metades iguais. A expectativa em relação ao restante do mandato presidencial é menos otimista e mais pessimista do que há um ano.

A terceira passagem de Lula pelo Palácio do Planalto distingue-se qualitativamente por alguns fatores das suas duas primeiras, na década retrasada. O vento de cauda da economia internacional não bate mais. Pelo contrário, entra-se agora num período de insegurança sobre o comércio e a divisão do trabalho globais como não ocorria há muitas décadas.

Em 2003 o presidente neófito teve o bom senso de poupar recursos orçamentários no início do governo. Em 2023, na verdade ainda antes da posse, um político experiente afundou o pé no acelerador da despesa e agora tem pouca margem para contra-arrestar os efeitos colaterais de sua opção, sob a forma de carestia da comida e juros asfixiantes.

Os poderes presidenciais foram solapados pela hipertrofia do Legislativo na execução das verbas discricionárias e pelo lauto financiamento estatal dos partidos. Além disso, a oposição ao incumbente ganhou musculatura. No Brasil e em outras democracias, é mais raro que se governe sob larga aprovação popular.

A resultante desses vetores torna mais incerta a trajetória do presidente brasileiro até a eleição de outubro do ano que vem. Lula aparece na dianteira na pesquisa de intenções de voto, embora a sua folga para os segundos colocados não seja tão dilatada quanto era nesse momento de 2021.

Em relação a suas duas primeiras passagens, o governante foi imprudente ao iniciar a gestão com o pé no acelerador da despesa e lida com um Legislativo muito mais poderoso, uma conjuntura global adversa e uma oposição popular

Seu adversário mais forte, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), está inabilitado para a disputa, mas não faltarão pleiteantes, hoje ainda relativamente pouco conhecidos dos eleitores em nível nacional, para rivalizar com o petista pela preferência majoritária.

O torneio que se descortina será um plebiscito sobre este mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. Com poucos cartuchos para queimar e acossado por um tumulto econômico e geopolítico internacional, o presidente pode apostar em mais do mesmo — paternalismo, populismo, gastança — para tentar melhorar a sua condição.

Pode, alternativamente, tentar se conectar com o Brasil moderno — empreendedor, austero e maduro. Dessa escolha dependerão suas chances de reeleger-se.

Ofensiva contra o conhecimento nos EUA

Política tresloucada conduzida por Trump, que inclui corte de verbas para universidades, perseguição a estrangeiros e sucateamento de institutos de pesquisa contraria ideário liberal fundador do país

A investida do governo de Donald Trump contra a academia e a ciência americanas corre o sério risco de vir a figurar na galeria de desastres históricos autoinfligidos.

As ações se dão em várias frentes. A de maior visibilidade recentemente foi o corte de verbas federais para instituições de elite. A Universidade Columbia perdeu US$ 400 milhões; a UPenn, US$ 175 milhões; bolsas foram suspensas em Princeton; o governo diz que está revisando acordos de US$ 9 bilhões para Harvard.

A Casa Branca alega que as instituições não agem contra o antissemitismo como deveriam.

De fato, sob inspiração do movimento identitário, essas universidades eram inconsistentes na aplicação de sua disciplina interna. Professores e alunos que discordassem de consensos progressistas eram rapidamente punidos, mas a tolerância para com discursos contra judeus e Israel era quase inesgotável.

Esse, contudo, é um problema que deve ser resolvido pela gestão acadêmica interna, sem interferência estatal.

Ademais, pela lei americana, até discursos nazistas são protegidos pela liberdade de expressão. E contam-se nos dedos os casos em que as manifestações pró-Palestina deram lugar a agressões e crimes que exigem intervenção de autoridades.

Note-se que o governo foi além das verbas e mirou alguns estudantes e professores estrangeiros envolvidos nos protestos, com cancelamento de vistos, detenções e potenciais deportações — contrariando o ideário liberal que fundou os EUA.

Outra frente é o esvaziamento de agências e institutos federais de pesquisa. Em nome da eficiência governamental, setor a cargo do empresário Elon Musk, vários órgãos tiveram seus orçamentos drasticamente reduzidos, e milhares de cientistas atuantes em setores vitais, como saúde, agronomia, meteorologia e ambiente, correm risco de ser demitidos.

Em nome da eficiência governamental, vários institutos tiveram orçamentos drasticamente reduzidos, e milhares de cientistas de setores vitais, como saúde e ambiente, correm risco de ser demitidos

É difícil estimar a magnitude dos danos, mas alguns resultados nefastos são previsíveis. Pesquisas importantes serão interrompidas, e parte do corpo científico que hoje desbrava as fronteiras do conhecimento será desmobilizada. Jovens talentos de todo o mundo, que se dirigiam aos EUA para aprimorar sua formação e eventualmente radicar-se lá, pensarão antes de fazê-lo.

Trump está erodindo, sem nenhum respaldo em evidências, as bases da liderança que o país vinha exercendo no setor ao longo do último século. E, pior, o fazem num momento em que a China, com seu governo autoritário, busca espaços para ocupar.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*), João Cestari (*tecnologia*) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

Uma economia para o Antropoceno

Hélio Schwartsman

José Eli da Veiga é um economista que gosta e entende de ciências —as de verdade (desculpem-me não resisti à provocação). É também um dos sujeitos mais eruditos que conheço. Quando Zé Eli se dispõe a escrever sobre um assunto, já leu quase tudo de relevante que foi publicado sobre a matéria. E ele é metódico ao explicitar suas fontes.

Daí que seus livros são sempre um ótimo mapa do caminho para quem quer assenhorar-se de um tema. Quem quiser se aprofundar pode ir às obras citadas; quem não quiser pode fiar-se em seu resumo do panorama das discussões. "O Antropoceno e o Pensamento Econômico", terceiro livro de sua trilogia sobre o impacto da humanidade na biosfera, não foge a esse padrão.

Para Zé Eli, a maioria dos manuais de economia tem um problema, que é o de ser excessivamente mecanicista e ignorar a física mais moderna, mais especificamente a termodinâmica e a entropia.

A forma extrativista de que nos valemos para produzir coisas inevitavelmente degrada o sistema. Podemos e devemos tentar minimizar nossas "pegadas", a de carbono, a da depleção dos recursos naturais e a do aumento de poluições diversas, mas não há mágica que permita fugir às leis da termodinâmica.

Se formos reescrever os livros-texto levando isso em conta e em consonância com a obrigação moral de legar um mundo habitável para as próximas gerações, então precisamos abandonar a ideia de que o crescimento econômico é a resposta infalível para todos os nossos problemas sociais.

Fatores ambientais precisam entrar nas equações ensinadas nos cursos de economia. É preciso desacoplar o bem-estar humano de um contínuo aumento da produção e do consumo.

Zé Eli reserva várias páginas para mostrar como esse desacoplamento pode ser feito. Não cai nem no pessimismo extremo dos que afirmam que o decrescimento já é inevitável, nem no otimismo panglossiano dos que dizem que o desenvolvimento tecnológico nos presenteará com uma saída indolor. Basicamente, a responsabilidade é nossa —e estamos falhando.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

Um paliativo para ansiedade que cerca Lula

Catia Seabra

O Datafolha mitigou angústias que rondam o Palácio do Planalto. Os números coincidem com pesquisas do governo que já apontavam para um freio na queda na popularidade do presidente Lula.

Embora encarado como uma tendência de recuperação, esse paliativo não tem sido suficiente para aplacar certa inquietação entre aliados de Lula, especialmente com sinais contraditórios emitidos pelo presidente.

Lula condiciona uma candidatura em 2026 ao bom estado de saúde. Lembra sua avançada idade (79), citando até o ex-presidente americano Joe Biden (82).

Um ministro saiu alarmado da primeira reunião do ano, após ouvir de Lula que só Deus saberia seu destino político. Outro deixou a mesma reunião convencido da candidatura do presidente.

Na quarta-feira, em reunião com senadores, o líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), chegou a apelar para que Lula parasse de lançar, também ali, dúvidas sobre sua disposição de concorrer à reeleição.

O senador Renan Calheiros (MDB-AL) endossou. Alertou não haver outro nome à esquerda para corrida presidencial. "Nosso campo não tem plano B", advertiu.

Lula aquiesceu. Contou que faz exercícios diariamente. Disse que será candidato contra "qualquer um". Concordou com visitas a templos evangélicos, alimentando em Cid Gomes (PSB-CE) a certeza de que é candidatíssimo.

Renan acerta ao afirmar que hoje não há outro candidato. Só se esqueceu de ressaltar que, em boa parte, por culpa do próprio Lula.

Líder maior da esquerda, o presidente inibiu o florescimento de sucessores. No governo, tem permitido severos arranhões à imagens de ministros, como Fernando Haddad (Fazenda), e o crepúsculo de estrelas em potencial. Hoje no STF, Flávio Dino costuma comparar, por exemplo, seu momento político a um exílio em Paris, segundo relatos.

A ausência de herdeiros obriga Lula a concorrer à reeleição. Usando metáfora repetida por Lula, o presidente colhe o que plantou.

Catia Seabra é repórter especial na Folha

Dora Kramer

A colunista está de férias

RIO DE JANEIRO

Falas de Fernanda

Ruy Castro

Imagine-se tendo a oportunidade de se sentar com Fernanda Montenegro e conversar com ela sobre o teatro, o ofício de representar e a dádiva (ou maldição) de ser atriz. Você ouviria frases assim:

"Não se cumpre essa profissão sem devoção, sem obstinação, sem coragem. Eu sou uma obstinada." "No palco, tudo acontece. Do mais torpe ao mais sublime." "Já recusei muitos projetos. Mas um papel ou personagem por motivos éticos, de caráter, nunca. Já fiz de tudo: prostituta, vilã, assassina. Mas, quando aceito, tenho que fazer bem feito." "Não é seu corpo que vai dominar a palavra. É a palavra que vai dominar o seu corpo."

[Por que ser atriz]: "[Porque] Você não se conforma em ser só você." "É uma profissão de absoluta solidão, em que o outro é fundamental. Buscar o outro, confundir-se com o outro, somar com o outro um só corpo." "O outro [a plateia], na medida em que aceita o jogo artístico, também é um artista. Estão todos sentados, esperando serem chamados." "Tenho sempre uma respiração com a plateia." "Às vezes, nem a plateia tem talento, dizia Louis Jouvet." "Custo muito a decorar. Porque cada frase pode ser uma emoção." "Eu idolatro o mistério inarredável de cada segundo que eu vivo."

"Há sempre um espaço além da racionalidade." "Há feitiçaria em todos nós." "Por que não podemos apenas ser mestiços, mestiços de corpo e alma?" "Arlette [seu nome real] é um encosto. Fernanda pulou para fora de Arlette." "Na vida, o que não é possível?" "Não sou marionete de nenhum autor." "Embora no teatro se repita, dia após dia, o mesmo gesto, a mesma intenção, repentinamente uma faísca inesperada de percepção revela outra zona a seguir —que depende de sua inquietação." "Ah! A atriz é tão poderosa! Quando eu falo, eu tomo o poder."

Fernanda disse tudo isso e muito mais para seu confrade de Academia Brasileira de Letras, Joaquim Falcão, no magnífico livro de Joaquim sobre ela, "Pausa & Linha — O Poder em Fernanda Montenegro", recém-lançado pelas Edições Pinakotheke. Ela é assim.

O vicioso círculo do espelho no celular

O aparelho banaliza a imagem por sua instantaneidade, de maneira irresistível para a maioria, jovens em especial

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Muitos anos atrás, uma pesquisa sobre televisão indagava a adolescentes cariocas o que mais gostariam de ver na telinha. "Eu", respondeu um deles. Na mesma época, parecia divertida a anedota da mãe zelosa que, passeando no parque com o bebê, escuta de uma outra o elogio: "que lindo, o seu filho". E ela responde: "Você ainda não viu a foto".

As duas pequenas histórias mantêm atualidade explicativa na época do celular e redes sociais. Após a crescente proibição do uso de celulares nas escolas, aparecem notícias de adolescentes que os substituem por velhas câmeras digitais, naturalmente permitidas. Com elas, podem copiar trechos de textos e, mais do que tudo, fazer selfies. É o círculo vicioso do espelho, a compulsão de se reproduzir infinitamente em imagem.

Os episódios são variantes de um fenômeno que se pode chamar de espectralização. Não se trata apenas de fazer pose conveniente para uma foto, gesto instintivo quando se é alvo de uma câmera, e sim de criar um espectro de si mesmo, isto é, a ficção de uma personalidade paralela capaz de circular em situações de comunicação diversas. Nesse duplo espectral, que é de algum modo o negativo da visibilidade comunitária, o pretenso ser real e único dá lugar à sutil simulação de um personagem.

> **Não se trata apenas de fazer pose conveniente para uma foto, gesto instintivo quando se é alvo de uma câmera, e sim de criar um espectro de si mesmo, isto é, a ficção de uma personalidade**

O celular banaliza a imagem por instantaneidade e ausência de custos, de maneira irresistível para a maioria, jovens em especial. Não se trata, porém, de efeito exclusivo do artefato. A raiz atrativa está na paixão pela autoimagem, daí a produção do espectro individual, um modo de existir na realidade virtual criada pela rede eletrônica e pelas máquinas de visão, que não param de surgir. É uma forma de vida paralela, ainda mal compreendida, mas já nomeada pelo antigo grego como "bios".

São fortes as consequências na formação da personalidade. E costumam enganar cientistas atentos a mudanças sociais apenas por aspectos fisicamente observáveis. Mal se dão conta do universo imaterial sobreposto ao real-histórico com outra linguagem, feita de códigos digitais e figurativos. Notável é o impacto sobre o psiquismo plástico, senão enigmático, do adolescente. É esse o fio dramático de "Adolescência", série televisiva sobre a assustadora captura de uma consciência ainda púbere pela realidade dúbia e sombria do celular.

Já no filme "Emília Perez", a protagonista transgênero reflete que "há sempre dois: meu eu verdadeiro e o animal que me segue como uma sombra". "Animal" é metáfora para a contraparte obscura da alma. Nas redes, entretanto, animalidade ou bestialidade (racismo, misoginia, sociopatia) torna-se vetor de um regime de epidemia moral suscetível de abalar a estabilidade do laço social. Infecciosa é a irrupção de formações perversas, inequívocas reações a dificuldades afetivas no mundo real.

A "machosfera" é um exemplo: agregado de ideias e emoções confusas sobre o feminino, com efeitos de ressentimento e ódio. Danosa à consciência adulta, é uma usina de monstros juvenis. O cômodo e útil celular é também máquina de morte. Olho vivo, pais e educadores.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Trump estabelece nova forma de governo: a extorsocracia

Valendo-se da capacidade coercitiva e do poderio financeiro, acrescenta outra dimensão aos processos de erosão democrática promovidos por populistas

Cláudio Couto
Cientista político, professor da FGV-Eaesp, pesquisador do Centro de Política e Economia do Setor Público (Cepesp-FGV) e bolsista de produtividade do CNPq

O segundo governo de Donald Trump trata de forma peculiar atores políticos e sociais, como governos locais, universidades e escritórios de advocacia: submete-os à extorsão sistemática.

Se não se curvarem a seus caprichos e diretrizes, pune-os severamente, abusando dos poderes presidenciais, algo certamente inconstitucional. Porém, a estratégia de não ceder à extorsão, enfrentando o presidente nas cortes, é demasiado custosa. Leva muito tempo, com prejuízos imediatos irrecuperáveis e ameaças à própria sobrevivência.

Veja-se o caso da cidade de Washington, capital do país. Trump a achacou, ameaçando-a com grandes cortes de recursos caso a prefeita Muriel Bowser não removesse a inscrição "Black Lives Matter" do pavimento de uma praça. Segundo o republicano, a expressão seria "símbolo de ódio". Diante do risco de penúria, a prefeita —negra e democrata— curvou-se ao capricho presidencial. Justificou sua sujeição assim: "Agora nosso foco é garantir que nossos moradores e nossa economia sobrevivam".

A situação é mesmo crítica, pois as finanças de Washington são ameaçadas também pelo risco de 40 mil residentes perderem o emprego devido a cortes de pessoal promovidos pelo governo federal. Isso se confirmando, menos gente poderá pagar impostos e consumir na capital do país, minando a arrecadação local.

Outra frente de ataque são as grandes universidades americanas, que correm três riscos significativos quanto a seu financiamento. Um, o aumento de 1,4% para 21% na taxação sobre ganhos advindos de seus fundos. Outro, a limitação do montante desses fundos: de US$ 500 mil por estudante para apenas US$ 200 mil, definhando a base do autofinanciamento. Por fim, o puro e simples corte de verbas federais necessárias para diversas atividades acadêmicas, em particular a pesquisa científica.

Tais iniciativas visam esmagar princípios e práticas progressistas vigentes nas universidades. Tom Cotton, senador republicano do Arkansas, afirmou no X: "Nossas universidades de elite precisam saber o custo de promover agendas antiamericanas e pró-terroristas". Chama atenção o termo "antiamericanas": evoca o Comitê de Ações Antiamericanas da Câmara e sua perseguição a supostos comunistas nos anos 1950, associadamente a Joseph McCarthy no Senado. Ou seja, o macarthismo ressurge em nova roupagem e com escopo ampliado.

O estrangulamento financeiro das universidades visa submetê-las à agenda reacionária do trumpismo. No caso de Columbia, a sujeição chega ao ponto de a universidade permitir ao governo nomear o chefe do departamento de estudos do Oriente Médio, escrutinando o currículo e seus professores, avaliando se os deve manter ou demitir.

> **A terrível novidade é que a extorsão não é mero instrumento para a obtenção ilícita de ganhos pontuais, como propinas. Trata-se de exercício imediato do poder para a sujeição política dos demais atores. Ou seja, torna-se a própria forma de governo**

Um terceiro alvo do presidente dos EUA são escritórios de advocacia que recentemente o enfrentaram na Justiça. Dois deles, Perkins Coie e Paul Weiss, foram nominalmente citados em ordens executivas (tipo de decreto presidencial com força de lei) especificamente editadas para inviabilizar seu trabalho junto a órgãos governamentais. Em decorrência de tais atos normativos, os dois escritórios sofreram uma sangria de clientes, que não teriam como ser representados. O Paul Weiss rapidamente negociou com o presidente, sujeitando-se a seus termos e lhe oferecendo serviços "pro bono" (sic) no valor de US$ 40 milhões.

A terrível novidade é que a extorsão não é mero instrumento para a obtenção ilícita de ganhos pontuais, como propinas. Trata-se de exercício imediato do poder para a sujeição política dos demais atores. Ou seja, torna-se a própria forma de governo —uma "extorsocracia", ou "ekviasmocracia", considerando o termo grego para extorsão, "ekviasmos".

Donald Trump requinta e acrescenta nova dimensão aos processos de erosão democrática promovidos por governantes populistas. Valendo-se da capacidade coercitiva do Estado e de seu poderio financeiro, achaca governos subnacionais, entes da sociedade civil e empresas, minando sua autonomia. Desse modo, pouco a pouco, instaura um governo autoritário na mais antiga democracia do mundo.

O Oscar é nosso, mas ainda estamos aqui sem sala de cinema

À exceção de sucessos esparsos, produções nacionais disputam com alto investimento de Hollywood; monopólio eclipsa bons potenciais de público

Filipe Gontijo
Cineasta, é diretor do filme "Capitão Astúcia" e sócio da produtora e distribuidora Papai Pequeno Filmes

"Ainda Estou Aqui", vencedor inédito do Oscar de Melhor Filme Internacional, não só colocou nossa cinematografia em um novo patamar, mas também despertou um forte sentimento de orgulho nacional.

Além de se reconhecer nas telas, o brasileiro gosta de ver nossas histórias contadas para o mundo. Se puxar pela memória, você vai lembrar que vivemos algo parecido com "Central do Brasil" (1998), "Cidade de Deus" (2002) e "Tropa de Elite" (2007). Os talentos continuam aqui, e a criatividade também. Então por que os lapsos de tempo entre os sucessos e por que dentro do próprio Brasil nossas produções têm dificuldade para encontrar espaço e público rotineiramente?

O orçamento do filme nacional é menor que o do estrangeiro, mas depois de produzido a desigualdade é ainda maior. Enquanto blockbusters de Hollywood fazem campanhas milionárias e ocupam a maioria das salas de cinema, as produções nacionais precisam disputar, sessão a sessão, sua permanência.

Em 2019, por exemplo, "Vingadores: Ultimato" dominou mais de 2.700 das 3.300 salas do país, deixando pouco espaço para qualquer outra produção. Essa concentração recorrente deixa de fora filmes nacionais com potencial de público, infantis, de ação, terror, suspense, drama... Até filme de herói nós temos por aqui e as pessoas nem ficam sabendo.

Neste ano, uma semana antes do lançamento de "Capitão América", lançamos o brasileiro "Capitão Astúcia", com a veterana Nivea Maria no elenco. Nosso herói protagonista, aos 80 anos de idade, não é tão musculoso quanto o estadunidense, mas o "Capitão Astúcia" vinha de uma carreira de sucesso, com 49 prêmios, críticas positivas de jornalistas e comentários emocionados do público na internet. No final das contas, o "Capitão América" foi lançado em 2.000 salas e o "Capitão Astúcia" exibido em apenas 40. Os conformados consideram uma marca "boa" para a média nacional de um filme independente. Afinal, nessa luta de Davi contra Golias, o público muitas vezes não tem tempo para descobrir e prestigiar as produções nacionais e, quando tenta, descobre que os filmes brasileiros quase sempre são relegados às sessões vespertinas.

> **Nessa luta de Davi contra Golias, o público não tem tempo para descobrir e prestigiar as produções nacionais. Quando tenta, descobre que filmes brasileiros quase sempre são relegados às sessões vespertinas**

Voltando ao duelo entre o "Capitão América" e o "Capitão Astúcia". Enquanto um lida com bombas, chamados do presidente americano e a dominação mundial, o outro interage com o guardador de carro, se aventura em um centrão típico de cidade brasileira e, mesmo derrotado, não desiste de seus sonhos.

Reconhecemos costumes, personagens e nossa realidade na tela. Não precisamos dos US$ 300 milhões da Marvel para fazer um filme competitivo, mas precisamos de espaço, divulgação e tela.

Para além de um tipo de proteção à indústria nacional (como acontece em outros setores), é essencial fortalecer a cota de tela em sua busca por algo fundamental: a promoção do acesso à nossa cultura e a liberdade de escolha do público frente ao monopólio de Hollywood. Com mais opções concorrendo de forma equânime no mercado (com divulgação suficiente e bons horários de exibição), talvez as escolhas do público fossem diferentes.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Datafolha e as eleições 2026

"Datafolha: Lula estanca queda de popularidade, mas reprovação (38%) ainda supera aprovação (29%)" (Política, 5/5). Ter 29% de ótimo/bom, mais 32% de regular, soma 61% de entrevistados que estão com Lula e seu governo. Isso é mais próximo das experiências reais que vivemos. Há queixas, sim, mas o governo segue firme, promovendo a reconstrução do país e a melhoria de vida para a base da pirâmide
Taniara Aguiar de Souza (Florianópolis, SC)

*

O que explica a vantagem de Lula sobre os adversários nas pesquisas de intenção de voto são os "regulares"! Diante das opções, o pessoal aposta no menos ruim!
José Prado (Uberaba, MG)

*

"Caiado defende urnas e harmonia entre Poderes e se descola de Bolsonaro ao se lançar para 2026" (Política, 4/4). Poderia fazer uma parceria com o Ciro Gomes como vice. Acredito ser uma nova opção para tentar acabar com esse racha existente na população e no meio político! O povo está cansado e envergonhado.
Paulo Teixeira (Rio de Janeiro, RJ)



O presidente Lula (PT) participa de evento organizado para divulgar ações dos dois anos de gestão do governo Gabriela Biló - 3.abr.25/Folhapress

Trump e o tarifaço

"Dólar fecha em disparada de mais de 3% e Bolsa derrete após China retaliar tarifas de Trump" (Mercado, 4/4). Nos jardins da Casa Branca, durante um discurso para aterrorizar o mundo todo, aquele senhor, carregando uma placa imensa com estética que misturava cardápio de boteco com tabela de preço de oficina, faz a humanidade pensar: onde foi que nós erramos?
Kleber Ponzi (Belém, PA)

Face à catastrófica gestão trumpista onde estão as lideranças democratas? Obama está em algum retiro em outro planeta?
Domingos Sávio de Campos Rosa (Ibiúna, SP)

Pets

"Cristo Redentor abraça pet em ação para promover adoção responsável" (Bom pra Cachorro, 4/4). "Muito bacana! Que Cristo proteja os pets, os seus tutores e todos os amantes de animais.
Gisele Araujo (Brasília, DF)

Assunto Qual a importância da memória do golpe?

Não se pode esquecer jamais os absurdos que as pessoas sofreram, as mortes, as surras, o exílio... Tudo muito triste. Temos que lembrar das vítimas e lutar para que essa ditadura nunca mais volte a nos ameaçar. É a história do nosso país, patrimônio público, devemos fazer jus a memória daqueles que se foram devido à ditadura militar.
Viviane Conceição de Mascena (São Paulo, SP)

*

A anistia danificou a memória do golpe e a democracia: torturadores e assassinos da ditadura não poderiam ter se livrado. Agora querem repetir o erro diante da tentativa de golpe no 8/1.
Pedro Valentim (Bauru, SP)

*

Precisamos lembrar do golpe para que não se repita. Foi uma época muito ruim, em que pessoas inocentes morreram e até hoje há corpos que ninguém encontrou.
Bianca Medeiros (Niterói, RJ)

Já tivemos império, golpe da república, golpe dado por Getúlio Vargas, golpe de 1964, e o país não muda. Continuamos mal: educados, corruptos, violentos. Lembrar é importante para quem sofreu; para mim, nem vi.
Paulo Cury (Rio de Janeiro, RJ)

*

A memória do golpe de 1964 é fundamental pois permite refletir sobre a importância da democracia e os riscos do autoritarismo. A ditadura foi marcada por censura, perseguição política, tortura e restrição de liberdades civis. Lembrar desse período ajuda a evitar que erros se repitam e reforça a necessidade de preservar instituições democráticas.
Dilson Freitas Nascimento Júnior (Ribeira Do Pombal, BA)

*

É importante alertar especialmente os jovens, nas redes sociais. Sem consciência crítica tornam-se presas da desinformação.
Eduardo da Silva (São Paulo, SP)

Por mais que o Brasil tenha superado o golpe militar nos anos 1980, ainda há grupos que não admitem plenamente o Estado Democrático de Direito e o respeito às instituições. Uma forma de qualificar a democracia é não esquecer e ser crítico ao golpe, pois a memória é parte de um processo que inibe arroubos e encantos autoritários que afrontam a democracia.
Aloisio Francisco (Cuiabá, MT)

*

Como o golpe foi um ataque à democracia orquestrado de dentro do regime democrático, com participação até mesmo do Congresso, rememorá-lo nos ajuda a entender também o próprio regime democrático em seus pontos mais frágeis e contraditórios.
Andre Albino de Almeida (Americana, SP)

*

A importância é gritante para a valorização da democracia.
Guido Jose da Costa (Santa Rita do Passa Quatro, SP)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 49,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA MENSAL* Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA

São Paulo

Hoje 14° 22°

0h 6h 12h 18h 24h

Amanhã 14° 24°

	Hoje	
Rio	19°	25°
Brasília	17°	28°
Ribeirão	17°	28°

	Amanhã	
Rio	18°	28°
Brasília	18°	28°
Ribeirão	18°	30°

Fonte: www.climatempo.com.br

TRANSPORTE PÚBLICO

Alterações na operação da CPTM hoje

LINHA 7-RUBI Neste domingo (6), até as 6h da manhã, os trens utilizarão apenas a plataforma 6 da estação Palmeiras-Barra Funda, e a plataforma 2 na estação Água Branca. A CPTM fará o transporte de materiais e a implantação de postes para o futuro funcionamento da subestação Memorial da América Latina.

Entre 9h e 17h, só a plataforma 1 será usada em Botujuru para que a companhia faça reparos no muro entre as estações Botujuru e Francisco Morato.

LINHA 10-TURQUESA Os passageiros que utilizam a estação Prefeito Celso Daniel-Santo André farão o embarque e o desembarque por meio da plataforma 5. Nas estações Prefeito Saladino e Utinga, serão usadas as plataformas 2. As mudanças se devem a reformas no viaduto Pres. Castelo Branco, que fica ao lado da estação Prefeito Saladino, em Santo André (SP).

LINHA 11-CORAL Até as 8h, as estações Braz Cubas, Mogi das Cruzes e Estudantes utilizarão a plataforma 1. Em Suzano, somente a plataforma 1 será utilizada. Serão feitas obras na via permanente.

Das 21h até o fim da operação, o embarque e desembarque na estação Tatuapé será realizado pela plataforma 1, devido a montagem de estrutura para pintura do viaduto Carlos de Campos.

LINHA 12-SAFIRA Durante toda a operação comercial, os trens utilizarão a plataforma 1 das estações Itaim Paulista e Jardim Romano, devido a adequações na rede aérea.

Fonte: CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos)

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 6.ABR.1925



Folha da Noite

A paixão de Jesus

A DATA

UMA NOITE EM SEVILHA

JOALHERIA CASTRO

Presentes para as festas de PASCHOA

Militares fazem levante em Mato Grosso, mas são contidos

Jornais de Mato Grosso narraram circunstancialmente o levante militar que ocorreu em 27 de março, em Corumbá (cidade hoje do Mato Grosso do Sul), e que foi derrotado por soldados fiéis ao governo federal. Na madrugada daquele dia, grande parte do 17º Batalhão dos Caçadores, composto por 120 homens, tinha se rebelado sob a chefia dos sargentos Carlos de Aquino e Armando Granja. Oficiais que pernoitavam fora do batalhão organizaram a resistência e percorreram as ruas com fuzis. No quartel dos caçadores, militares que haviam fingido concordar com o motim também passaram a agir. Assim, o movimento rebelde foi debelado.

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Balcão único

A AGU (Advocacia-Geral da União), a CGU (Controladoria-Geral da União) e o Ministério Público Federal devem assinar na última semana de abril um acordo de cooperação técnica para padronizar regras envolvendo negociações de leniência. O protocolo é estudado há anos para atenuar divergências nas tratativas efetuadas separadamente pelos órgãos. Isso se manifestou na Lava Jato, por exemplo, quando houve uma espécie de competição entre as instâncias para negociar acordos com empresas envolvidas.

CACOFONIA Uma das questões mais sensíveis era a diferença entre MPF e CGU sobre sanções e valores a serem devolvidos pelas empresas. A padronização vai aumentar a segurança jurídica e reduzir riscos na assinatura dos acordos, avaliam especialistas dos órgãos envolvidos nas tratativas.

MURO O coronel da reserva Rubens Pierrotti Jr., que foi indiciado pelo Exército por declarações críticas à corporação em entrevista a um canal do YouTube, afirmou que o Alto Comando tinha uma atitude oportunista em relação à tentativa de golpe em 2022, sem dar apoio explícito, mas não se contrapondo à articulação. Em novembro de 2024, ele disse ao Canal Tramontina News que havia dois grupos principais no Exército, o dos golpistas e legalistas. Segundo o militar, de 80% a 90% dos oficiais do Exército estavam apoiando o golpe.

SABERES O deputado Aliel Machado (PV-PR), relator na Câmara do projeto do mercado de carbono, enviou ofício ao ministro Fernando Haddad (Fazenda) pedindo que sejam providenciadas traduções da lei para línguas indígenas, quilombolas e de outros povos tradicionais do Brasil. Segundo ele, a medida daria oportunidade para que estas comunidades participem "de forma ativa, consciente e justa de um processo que pode transformar conservação em geração de riquezas".

SIRENE

As mulheres da Guarda Civil Metropolitana de SP serão homenageadas em sessão na Câmara Municipal na segunda (7). O evento ocorrerá apenas três dias após o afastamento do comandante da corporação, Eliazer Rodella, por causa de acusações de violência doméstica feitas por sua ex-esposa. A solenidade já estava marcada.

LAJE 1 O Minha Casa, Minha Vida pode atingir 3 milhões de unidades habitacionais até 2026, fim do mandato do presidente Lula, estima o ministro Jader Filho (Cidades). A meta inicial era de 2 milhões. A ampliação se deve à criação da faixa 4, que permitirá que famílias com renda de R$ 8.000 a R$ 12 mil mensais possam financiar imóveis até R$ 500 mil.

LAJE 2 A extensão do programa para a classe média é uma promessa de Lula desde 2023. O presidente conta com mais ações do tipo para tentar estancar sua queda de popularidade, medida pelas pesquisas.

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O presidente da Câmara, **Hugo Motta**, que conseguiu suportar a pressão do PL pelo projeto da anistia, em seu primeiro grande teste no comando da Casa.

PERDEDOR DA SEMANA
O ministro da Educação, **Camilo Santana**, pressionado com a decisão de omitir dados sobre alfabetização e pelas suspeitas de irregularidades no Pé-de-Meia.

FIQUE DE OLHO
Semana começa com **ato de Jair Bolsonaro** na Paulista; Brasil decide se vai retaliar os EUA após as **tarifas** impostas por Donald Trump.

Com Danielle Brant e Carlos Petrocilo

Lula venceria Bolsonaro e outros da direita se eleição fosse hoje, mostra Datafolha

Petista lidera os cenários para 2026; ex-presidente está inelegível

Bruno Ribeiro

SÃO PAULO Com sinais de freio na queda de popularidade e diante da indefinição de seus adversários, o presidente Lula (PT) venceria todos os nomes apoiados por Jair Bolsonaro (PL) se as eleições de 2026 fossem hoje, indica pesquisa Datafolha.

O levantamento mostra que, mesmo se Bolsonaro recuperasse seus direitos políticos e entrasse na disputa, também seria derrotado pelo petista. O ex-presidente está inelegível até 2030 e é réu sob a acusação de liderar uma trama golpista em 2022.

Faltando um ano e meio para a eleição, o Datafolha testou cinco cenários de primeiro turno com o atual presidente. No confronto direto contra Bolsonaro, Lula tem 36% das intenções de voto, contra 30% do adversário.

Foram ouvidas 3.054 pessoas com 16 anos ou mais em 172 municípios de terça (1º) até quinta-feira (3). A margem de erro é de dois pontos percentuais.

O cenário com Lula e Bolsonaro inclui também o ex-governador do Ceará Ciro Gomes (PDT), com 12%; o influenciador Pablo Marçal (PRTB), com 7%; e o governador gaúcho Eduardo Leite (PSDB), com 5%. Brancos, nulos e "nenhum" somam 9%, e outros 2% não souberam responder.

Já no quadro sem Bolsonaro, Lula lidera com 35% contra os principais nomes da direita cogitados até agora. Atrás dele, vem um bloco com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (15%), Ciro e Marçal (11% cada um). O petista lidera em quase todos os recortes de faixa etária, renda e escolaridade. No Nordeste, ele vai a 50%.

Aliados do PL especulam que, mantida a inelegibilidade de Bolsonaro, ele apoiaria um familiar —o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) ou a ex-primeira-dama Michelle— e conservaria Tarcísio no Governo de São Paulo. O desempenho de Lula varia pouco em qualquer um dos cenários testados com esses herdeiros políticos.

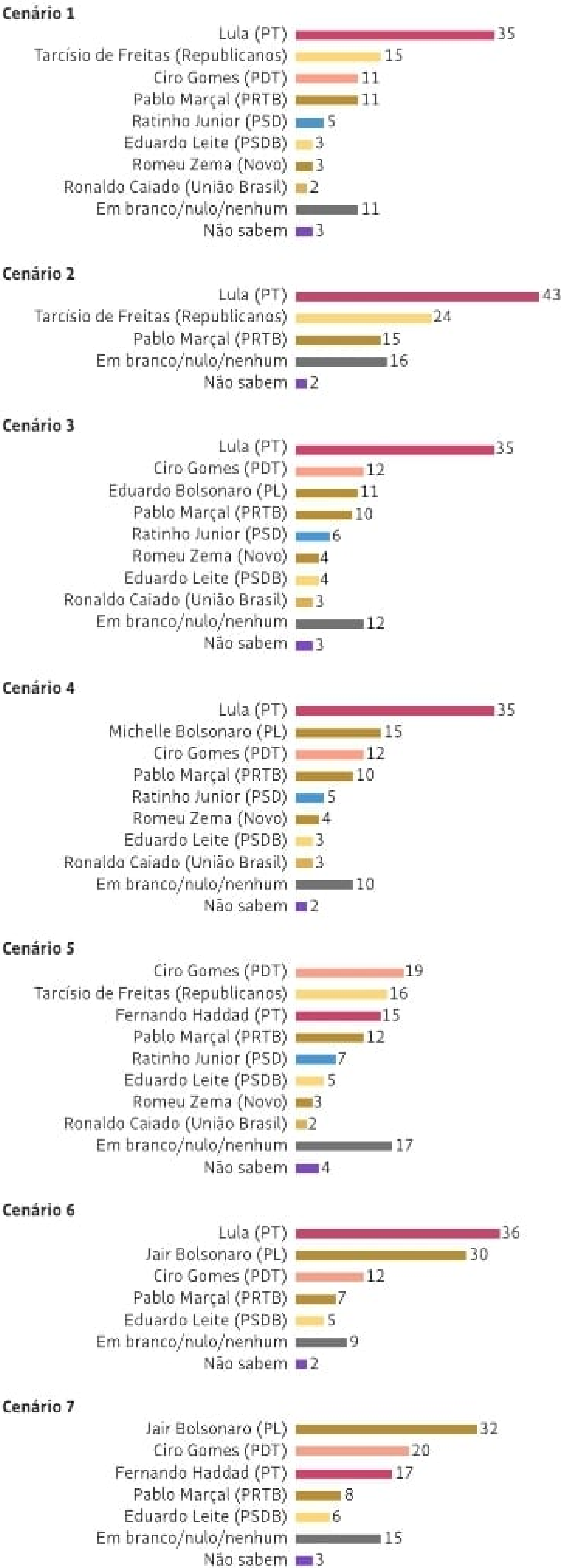
Contra Eduardo, que anunciou autoexílio nos EUA em março, o petista marca 35% a 11% (em empate técnico com Ciro). Já contra Michelle, Lula mantém os 35%, e ela marca 15%, também em empate com o pedetista.

Em uma projeção só com Tarcísio e Marçal, o petista tem 43%, e o governador, 24%, com Marçal fora do segundo turno.

Por último, uma eventual eleição sem Lula nem Bolsonaro teria embolados à frente Ciro, Tarcísio e o atual ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), indica a pesquisa.

Continua na pág. A7

Intenção de voto para presidente 2026
Resposta estimulada e única, em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 3.054 pessoas de 16 anos ou mais em 172 municípios pelo Brasil nos dias 1 a 3.abr; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos

Lula bateria Bolsonaro se eleição fosse hoje, mostra Datafolha

Continuação da pág. A6

Caso queiram disputar a Presidência, os governadores têm que renunciar até abril do ano que vem. Eles, no entanto, vivem situações diferentes.

O goiano Ronaldo Caiado (União Brasil) já lançou sua pré-candidatura. Tarcísio nega publicamente que tenha interesse na disputa, mas segundo aliados já admitiu que concorrerá se Bolsonaro pedir. O mineiro Romeu Zema (Novo) e Eduardo Leite, por sua vez, admitem participar da disputa presidencial em 2026.

Desse grupo, apenas Tarcísio exerce o primeiro mandato e pode tentar a reeleição no próximo ano.

O Datafolha indica que o interesse do eleitor pela disputa ainda é baixo. Em levantamento espontâneo —em que os nomes não são apresentados aos entrevistados—, 52% disseram não saber em quem votar. Lula também lidera nessa sondagem, citado nominalmente por 20%, e Bolsonaro, mesmo inelegível, tem 14%.

A rejeição ao atual presidente segue alta: 42% dizem que não votariam nele de jeito nenhum, patamar numericamente abaixo do de Bolsonaro (44%). Tarcísio tem a melhor marca entre os herdeiros do ex-presidente (13%), se comparado a Michelle (27%) e a Eduardo (26%).

Nas sondagens de segundo turno feitas pelo instituto, Lula também sai vitorioso, apresentando 48% das intenções de voto contra 39% de Tarcísio. O petista lidera os cenários contra Michelle por 50% a 38% e contra Eduardo Bolsonaro por 51% a 34%.

Em um eventual segundo turno entre Lula e Bolsonaro, numa reedição da disputa de 2022, o atual presidente tem 49% das intenções de voto, contra 40% do antecessor.

Caso decida não disputar a reeleição e apoie o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, as possibilidades de segundo turno ainda são mais favoráveis ao campo petista, porém com margem mais apertada. Haddad tem 43% contra 37% de Tarcísio, por exemplo.

A pesquisa aponta que 62% acreditam que Lula participará da disputa no ano que vem —sendo que 40% dizem ter certeza. Por outro lado, 37% afirmaram que, caso o presidente não concorra, ele deveria apoiar Haddad.

Em intenção espontânea de voto, Lula é citado por 20% e Bolsonaro por 14%

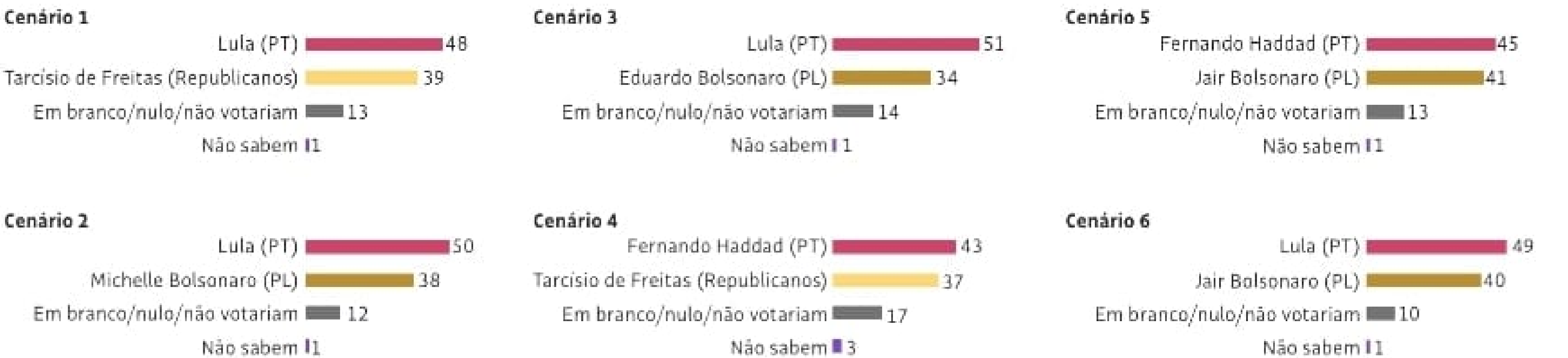
Total de menções em %, outros nominalmente mencionados não atingiram 1%



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 3.054 pessoas de 16 anos ou mais em 172 municípios pelo Brasil nos dias 1 a 3.abr; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos

Intenção de voto para presidente 2026 no 2º turno

Resposta estimulada e única, em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 3.054 pessoas de 16 anos ou mais em 172 municípios pelo Brasil nos dias 1 a 3.abr; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos

Datafolha aponta que 67% acham que Bolsonaro deveria abrir mão de ser candidato

Michelle e Tarcísio são os mais citados dentre possíveis apoiados

Bruno Ribeiro

SÃO PAULO Apesar de o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) seguir se colocando como candidato à Presidência em 2026 —mesmo estando inelegível—, a maior parte da população acredita que ele deveria abrir mão de disputar as próximas eleições.

Pesquisa Datafolha aponta que apenas 28% do eleitorado acha que ele deveria manter sua candidatura, contra 67% que dizem que ele deveria apoiar outro nome no ano que vem.

O Datafolha entrevistou 3.054 pessoas com 16 anos ou mais em 172 municípios de terça (1º) até quinta-feira (3). A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Bolsonaro está inelegível até 2030 após condenação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por abuso de poder em razão de reunião com diplomatas estrangeiros em que divulgou informações falsas sobre a segurança das urnas e pelo uso político da celebração de 7 de Setembro em 2022.

Ele tem feito articulações políticas para viabilizar uma anistia aos presos pelo 8 de janeiro, e tem também com o objetivo criar um ambiente favorável à recuperação de seus poderes políticos.

Bolsonaro e aliados —como o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, e o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos)— endossam o discurso do ex-presidente, replicado também por parlamentares, de que o candidato do grupo é ele.

Uma das hipóteses levantadas por aliados de Bolsonaro é que o ex-mandatário manteria a candidatura até o fim e faria o registro eleitoral no ano que vem — até ter a candidatura impugnada pela Justiça Eleitoral.

Entre o eleitorado que se declara fortemente bolsonarista, o discurso tem mais aderência, segundo a pesquisa. Ao todo, 63% dos eleitores que se identificam dessa forma dizem que Bolsonaro deveria manter a candidatura, e 36%, que ele deveria abrir mão da disputa em 2026.

Aliados fazem críticas reservadas ao plano, uma vez que ele não daria tempo para que outro nome pudesse se desincompatibilizar do cargo atual.

Segundo a pesquisa, 23% dos entrevistados disseram que Bolsonaro deveria apoiar a candidatura presidencial da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL), índice tecnicamente empatado com o de 21% que disseram que o apoio deveria ser a Tarcísio.

Já 14% citaram apoio ao deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que, no começo do mês, anunciou um autoexílio nos EUA.

O ex-presidente convocou uma manifestação pela anistia aos presos do 8 de janeiro para este domingo (6), na avenida Paulista, em São Paulo.

No mês passado, com essa mesma finalidade, ele chegou a negociar até com desafetos históricos, como o presidente do PSD, Gilberto Kassab.

67% acreditam que Bolsonaro deveria abrir mão de candidatura à Presidência e apoiar alguém

Resposta estimulada e única, em %



Caso Bolsonaro não tente o Planalto novamente, 23% acreditam que ele deveria apoiar Michelle

Resposta estimulada e única, em %



40% acreditam que Lula certamente disputará a reeleição à Presidência, e 34%, que não disputará

Resposta estimulada e única, em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 3.054 pessoas de 16 anos ou mais em 172 municípios pelo Brasil nos dias 1 a 3.abr; a margem de erro é de 2 p.p., para mais ou para menos


SAIBA MAIS
SOBRE A JHSF


JHSF
SURPREENDENTE
SÃO PAULO SURF CLUB.
AS MELHORES ONDAS SEGUNDO
OS MELHORES SURFISTAS.

Eufrázio

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

Donald Trump acelera sua montanha-russa

Até quem está acostumado à cobertura continua a se espantar com desmandos do presidente

Alexandra Moraes



Carvall

Em apenas duas semanas, a já movimentada montanha-russa da cobertura do governo Donald Trump se acelerou de maneira brutal. Primeiro com a história de um jornalista da The Atlantic adicionado a um grupo de mensagens da Defesa dos EUA. Depois, o presidente diz que "não está brincando" a respeito de buscar um terceiro mandato, apesar do veto constitucional. Em seguida, ele impõe ao mundo seu tarifaço a partir de um tabelão gigante, à moda dos cheques de programa de auditório.

Vale notar que o Brasil é tão adiantado em maluquices político-econômicas que tem um nome como "tarifaço" para dar a medida do que está sendo discutido.

As palavras, e o que elas carregam, importam. O repórter de economia do The New York Times Ben Casselman, que fazia a cobertura do anúncio do tarifaço ao vivo, notou como era complicado transmitir todo o absurdo que se passava.

"Não sei se eu consigo expressar o quanto esse discurso é atípico como um meio para anunciar medidas importantes. Repórteres, investidores e economistas franziam para as imagens da tabela que Trump segurava, tentando entender o que aquilo significava para a política comercial".

O repórter de economia do The New York Times Ben Casselman, que fazia a cobertura do anúncio do tarifaço ao vivo, notou como era complicado transmitir todo o absurdo que se passava: 'Não sei se eu consigo expressar o quanto esse discurso é atípico'

Se para quem acompanha mais de perto é complicado traduzir o que o movimento tem de surreal, desvelar a guerra tarifária deflagrada por outro país é um desafio ainda maior. As consequências para o Brasil ainda não estão todas claras, e os comentários de que os 10% que couberam ao país parecem não ser tão maus são quase sussurrados, diante da incerteza generalizada.

Quem eventualmente se divertia com memes do "Taxadd" uns meses atrás emudeceu diante da ofensiva antiliberal de Trump.

Além da imprevisibilidade das medidas e de sua ainda desconhecida extensão (para nem falar em desfecho, porque o governo Trump já deixou claro que é uma "obra aberta" igual a novela brasileira), a troca de sinais ideológicos confunde e complica as explicações.

Em vídeo recente, o ex-presidente americano Barack Obama tenta dar outra medida do absurdo, convidando a plateia a pensar no que ocorreria se fosse ele o autor dos desmandos de Trump. "Imaginem se eu tivesse feito isso." O público ri, Obama continua sério. "É inimaginável que os mesmos partidos que estão calados agora teriam tolerado um comportamento como esse de mim ou de vários de meus antecessores."

Um leitor escreve preocupado com a cobertura que a **Folha** faz do governo Trump e de seus desdobramentos, "tanto em termos da política norte-americana quanto no que se refere aos processos geopolíticos". "Não se trata de afirmar que a cobertura da **Folha** é insuficiente na apresentação dos fatos. Neste sentido, o jornal vem cumprindo razoavelmente a missão", pondera ele, que cobra "matérias mais analíticas".

"Com exceção de alguns textos na Ilustríssima e artigos de Lúcia Guimarães e Demétrio Magnoli, o acompanhamento da **Folha** vem sendo superficial. Trump, neste momento, dá início, por assim dizer, 'oficial' à estratégia de buscar um terceiro mandato, seguindo a cartilha dos autocratas que admira, Putin sobretudo. Este jornal vai tratar a questão com mais cuidado ou ficará, novamente, somente no noticiário superficial?", questiona ele.

Não há respostas fáceis, porém, nem parece ser um problema só da **Folha**. Trump é um bully e age como tal. Para o mandatário, o choque é parte da estratégia. Ainda assim, é preciso buscar recursos mais eficientes para contar a história que se desenrola diante de um mundo atônito.

A cobertura de assuntos internacionais no Brasil passa necessariamente por muito do que a mídia estrangeira publica. A **Folha** tem acordos para republicar gigantes como The New York Times, The Washington Post e Financial Times —e eles são caros. Além disso, esse conteúdo também está nos concorrentes.

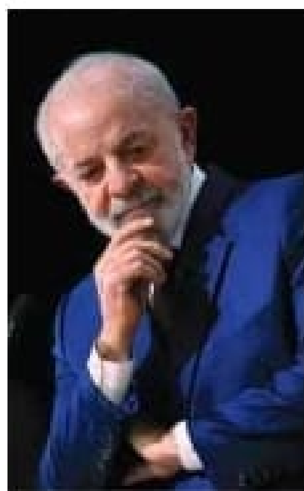
Esses veículos carregam também suas próprias crises. As mais recentes se referem ao Washington Post, submetido à decisão de publicar artigos de convidados apenas quando não destoassem da visão do dono do jornal e da Amazon, Jeff Bezos. O periódico também vive uma reestruturação editorial e viu alguns dos seus maiores nomes irem embora decepcionados.

A questão é que veículos de porte médio (para os padrões americanos), como as revistas The Atlantic, que deu o megafuro do chat da Defesa, e Wired têm feito um trabalho denso e menos óbvio que pouco alcança o leitor brasileiro. Republicá-los também não sai barato, mas renovar as fontes seria um diferencial positivo para o jornal e principalmente para quem o assina.

Governistas ligam aprovação de Lula no Datafolha a economia, mas temem desajuste na comunicação

Cézar Feitoza

BRASÍLIA Lideranças governistas avaliam que a tímida melhora na economia e o arrefecimento de crises políticas internas são os principais motivos para o presidente Lula (PT) estancar sua queda de popularidade e ter um leve aumento nos índices de aprovação, como mostra a mais recente pesquisa Datafolha.



O presidente Lula, durante evento do governo em Brasília

Adriano Machado - 3.abr.25 Reuters

A base do governo no Congresso, porém, avalia que a gestão Lula ainda não acertou a comunicação e vê futuro incerto na economia com as tarifas anunciadas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Por isso, esses líderes dizem ser necessário fazer novos ajustes no governo e observar questões econômicas para que a melhora na aprovação ultrapasse a reprovação nos próximos meses.

O líder do PT na Câmara, deputado Lindbergh Farias (RJ), diz que o resultado já era esperado após o anúncio de bons resultados econômicos, como o crescimento de 3,4% do PIB e o recorde de abertura de vagas em fevereiro. Ele diz que o governo "começou assumir o protagonismo em pautar suas realizações".

Apesar do discurso do líder do PT, o presidente manifestou a senadores na última quarta-feira (2) a dificuldade do governo em se comunicar com a população.

"O presidente disse, como todos nós bem sabemos, que a gente ainda não acertou na narrativa. Ela ainda não foi suficiente para as pessoas saberem o que o governo está fazendo", diz o vice-líder do governo no Senado, Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB).

"Nada justifica —em condições normais— que um governo que tem resultados de entregas não tenha uma razoável para boa aceitação. Está havendo alguma coisa e a gente precisa saber o que é: se é só a narrativa que não mais convence, se é só a comunicação", completa Veneziano.

O líder do PSD no Senado, senador Otto Alencar (BA), avalia que o governo Lula viveu uma tempestade no início do ano. Para ele, era natural que a popularidade tivesse leve melhora, em especial pelos índices econômicos e o foco da oposição na anistia.

Otto diz que um ponto de preocupação é o impacto das medidas anunciadas por Trump. "Há uma desorganização do comércio internacional, ninguém sabe como é que vão acontecer as coisas."

O resultado do Datafolha também foi comemorado pelo líder do governo na Câmara, José Guimarães (CE). "Com muito trabalho e entregas de tudo que está planejado, vamos virar o jogo."

O líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante (RJ), destaca que a reprovação do governo Lula segue em patamares mais elevados que a aprovação. "Não sei quando esse governo vai tocar no fundo do poço", afirma.

QUESTÃO AGRÁRIA

MST inicia ações do Abril Vermelho em MG e PE para pressionar governo

BELO HORIZONTE E RIO DE JANEIRO O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) iniciou neste sábado (5) as invasões de terra do Abril Vermelho em Minas Gerais e Pernambuco. A mobilização tem como objetivo pressionar o governo Lula a acelerar a reforma agrária, avaliada como tímida pelo grupo.

Em Goiânia (PE), 800 famílias invadiram a Usina Santa Teresa. A direção do movimento afirma que a ação evita que o terreno seja vendido pela massa falida da empresa.

Em Frei Inocêncio (MG), a ação de 400 famílias ocorreu em fazenda às margens da BR-116, segundo o movimento.

Em abril, o MST intensifica suas ações pelo país em lembrança ao massacre de Eldorado do Carajás, no Pará, quando 19 militantes foram mortos em abril de 1996.

Eufrázio



O ex-presidente Jair Bolsonaro (ao centro), sua esposa, Michelle Bolsonaro, e o pastor Silas Malafaia em ato na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, em abril de 2024 Tércio Teixeira -21.abril.24/Folhapress

Ato com Bolsonaro, agora réu no STF, atrai presidenciáveis da direita e mira mulheres

Protesto na avenida Paulista neste domingo (6) tenta pressionar Congresso a aprovar urgência de projeto de anistia ao 8 de janeiro

Victória Cócolo e Juliana Arreguy

SÃO PAULO Menos de duas semanas após se tornar réu sob acusação de liderar uma trama golpista, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) promove novo ato pela anistia aos envolvidos no 8 de janeiro ao lado de apoiadores —e possíveis herdeiros políticos— neste domingo (6), na avenida Paulista, em São Paulo.

Quatro dos principais nomes da direita cotados à Presidência da República em 2026, diante da inelegibilidade de Bolsonaro, confirmaram presença: os governadores de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), e do Paraná, Ratinho Jr. (PSD). Entre eles, apenas Tarcísio esteve no protesto realizado em 16 de março em Copacabana, no Rio de Janeiro.

O ato, segundo seus organizadores, busca demonstrar apoio popular ao projeto de anistia —hoje parado na Câmara dos Deputados— e pressionar sua votação em caráter de urgência. A mobilização também mira o STF (Supremo Tribunal Federal), que aceitou a denúncia na qual o ex-presidente é acusado de participação em trama golpista em 2022.

Como mostrou a **Folha**, aliados de Bolsonaro têm concentrado esforços no público feminino para liderar o movimento. Nesta semana, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro publicou vídeo convocando as mulheres a comparecer ao ato munidas de batons —referência ao caso da cabeleireira Débora Rodrigues Santos, que pichou a estátua em frente ao STF, ficou detida por dois anos e passou à prisão domiciliar na semana passada.

Bolsonaristas têm explorado o episódio para criticar as penas aplicadas aos envolvidos no 8 de janeiro, e como parte do protesto, um batom inflável de 6 metros de altura deve ser erguido na avenida. A organização prevê que a convocatória de Michelle deve atrair muitas mulheres, já que ela estará presente, diferentemente do que ocorreu no ato do Rio, e fará um discurso.

O ato tem início marcado para às 14h, em frente ao Masp. O discurso de Bolsonaro, que encerra o protesto, está previsto para ocorrer por volta das 16h. Interlocutores apostam que, repetindo o roteiro usado em Copacabana, a fala deve focar na anistia, sem enfatizar tantas críticas ao STF. Essa parte seria atribuída ao pastor Silas Malafaia, um dos organizadores da manifestação.

O mesmo deve acontecer em relação à fala do principal afilhado político de Bolsonaro, Tarcísio. Aliados afirmam que o governador fará um discurso mais ameno e focado nas penas impostas aos condenados do 8 de janeiro, evitando ataques às instituições. Ele ainda deve repetir elogios a Bolsonaro, a quem sempre agradece por tê-lo lançado e a quem publicamente defende na disputa em 2026, mesmo que o ex-presidente esteja inelegível.

"O Brasil era diferente, a gente tem que voltar a caminhar pela prosperidade. A gente precisa de um grande líder e esse líder é Jair Messias Bolsonaro", afirmou Tarcísio em seu discurso no Rio.

Tarcísio deve ser o único dos governadores presentes a discursar. Ao todo, oito devem comparecer. Também estarão na avenida Cláudio Castro (PL), do Rio de Janeiro, Jorginho Mello (PL), de Santa Catarina, Mauro Mendes (União), do Mato Grosso e Wilson Lima (União), do Amazonas.

Embora Tarcísio negue publicamente a intenção de se candidatar ao Planalto, aliados do governador afirmam que a sua saída do cargo é dada como certa pelo seu entorno. Possíveis cotados para concorrer ao governo do estado, como o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), e o presidente na Assembleia Legislativa de São Paulo, André do Prado (PL), têm articulado suas candidaturas nos bastidores e confirmaram presença no ato deste domingo. Nunes, inclusive, foi incluído na lista de discursos.

A expectativa é que o ato em São Paulo seja maior do que o que ocorreu no Rio. Na ocasião, esperava-se 1 milhão de participantes, segundo o ex-presidente. No entanto, a estimativa do Datafolha contabilizou 30 mil presentes. Desta vez, a coordenação do ato e Bolsonaro não apresentaram o quanto esperam atrair.

De forma a evitar que o protesto seja esvaziado pelos alertas de chuvas para o domingo, a organização prepara tendas para os trios elétricos onde serão realizados os discursos e pede que as falas sejam breves, de até três minutos.

A deputada federal Priscila Costa (PL-CE) fará uma oração abrindo o evento. Michelle Bolsonaro, o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) e o senador Rogério Marinho (PL-RN) também vão discursar na manifestação.

O Trump day

Os economistas não têm a menor ideia de onde surgiu a fórmula do tarifaço

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

O Reino Unido tem muito o que comemorar. Afinal, desde que Donald Trump anunciou seu tarifaço na quarta-feira (2), o brexit deixou de ser o suicídio geopolítico mais idiota de um país rico nas últimas décadas.

Trump falou segurando uma tabela de boteco que listava, em uma coluna, o quanto cada país cobrava de tarifas dos produtos americanos; na outra, que tarifas os Estados Unidos, de agora em diante, passariam a cobrar deles. Logo ficou claro que os números na tabela de Trump não haviam sido calculados por economistas, mas sim extraídos por proctologistas.

Os números não eram as tarifas que cada país cobrava, mas o resultado de uma fórmula matemática que não está em livros de economia pelo mesmo motivo que a frase "Blagabuuuu!" não está em "Hamlet": é uma conta que não faz sentido. É só uma sobreposição aleatória de números relacionados a comércio internacional sem qualquer sentido econômico.

Os economistas não têm a menor ideia de onde Trump tirou a fórmula maluca, mas o pessoal de computação tem sua suspeita: ela é parecida com o que você obtém quando pergunta a uma dessas inteligências artificiais disponíveis para o grande público, como o ChatGPT: "Como resolver o problema do déficit comercial americano?". Ou seja, nos próximos anos a economia mundial será regulada pelo equivalente daquelas imagens geradas por IA em que o sujeito tem um terceiro braço saindo da orelha.

A fórmula matemática do tarifaço de Trump não está nos livros de economia pelo mesmo motivo que a expressão 'blagabuuu!' não está no texto de 'Hamlet', de Shakespeare: não faz sentido nenhum

Em décadas recentes, os EUA lideraram o projeto ideológico da globalização. Ficaram ricos com isso, pois têm uma economia altamente competitiva —o que explica suas tarifas baixas. A globalização permite que as grandes empresas americanas produzam onde for mais barato, com os insumos e a mão de obra que forem mais baratos. O atraso de um país como o Brasil, nas últimas décadas, se explica, em grande parte, porque não conseguimos nos inserir nessas cadeias produtivas internacionais.

Na quarta-feira, Trump contou uma história em que os EUA eram prósperos até o começo do século 20, quando não tinham imposto de renda, mas tinham tarifas altas. O fim das tarifas teria levado à crise de 1929 porque, sei lá, Blagabluuuuu. Após a crise, ainda segundo Trump, os EUA teriam tentado voltar com as tarifas, mas era tarde demais.

É tudo mentira. Na verdade, a retomada das tarifas depois da crise de 1929, conhecida como tarifa Smoot-Hawley, provocou uma corrida protecionista ao redor do mundo. Na opinião de dez entre dez especialistas, Smoot-Hawley agravou seriamente os efeitos da crise de 1929.

A revista The Economist chamou o tarifaço de quarta-feira de "o erro econômico mais profundo, danoso e desnecessário da era moderna". Todos os indicadores econômicos americanos desabaram após o anúncio. As grandes empresas americanas, cujas cadeias de produção estão espalhadas pelo mundo todo, perderam bilhões de dólares em valor de mercado. De maneira chocante, o valor do dólar caiu em um momento de turbulência global. Em geral, acontece o contrário.

O "Make Smoot-Hawley Great Again" de Trump vai deixar os americanos mais pobres e pode gerar uma nova crise mundial poucos anos depois do fim da pandemia. Mas pelo menos ninguém mais vai ter que aprender os pronomes certos dos trans.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros SEG. Camila Rocha | **Lara Mesquita** TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SAB. Demétrio Magnoli



A cabeleireira Débora Rodrigues dos Santos após pichar estátua em frente ao STF com a frase 'Perdeu,mané' Gabriela Biló -8.jan.23/Folhapress

'Guerra do batom' inflama projeto de anistia e expõe Judiciário como alvo

Especialistas dizem que pichação na estátua que representa a Justiça é afronta ao Supremo Tribunal Federal, que precisou se politizar com um Congresso melindrado

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO Em um vídeo publicado nas redes sociais, a ex-primeira dama Michelle Bolsonaro (PL) convocou a militância bolsonarista para o ato a favor da anistia aos golpistas que invadiram , há dois anos, as sedes dos três Poderes, em 8 de janeiro de 2023.

Ao fundo,uma música épica serviu de trilha sonora para o texto, recitado à maneira de um jogral por apoiadoras do ex-presidente. Todas vestiam camisa branca com o dizer "Anistia Já!", escrito com batom, e incentivavam que as mulheres fossem à avenida Paulista, neste domingo, empunhando a maquiagem.

Era uma referência ao caso de Débora Rodrigues dos Santos, acusada de cinco crimes: tentativa de abolição violenta do Estado democrático de Direito, golpe de Estado, dano ao patrimônio tombado, além de dano qualificado com violência e o crime de associação criminosa armada.

Ela ficou conhecida em todo o país por ter pichado a estátua diante do STF (Supremo Tribunal Federal) durante os atos golpistas e virou símbolo da defesa de anistia pela oposição na Câmara. Para especialistas, seu caso reflete também a maneira como o Judiciário se tornou um alvo político na história recente do país.

"A razão da anistia é deixar essa história que a esquerda insiste em resgatar para trás. O governo Lula é atrapalhado, falar em tentativa de golpe é cortina de fumaça para a falta de liderança do PT", diz a deputada federal Rosana Valle (PL-SP), que participou do vídeo da ex-primeira dama.

"Os bolsonaristas estão usando Débora para ter uma comoção, são milhares de mulheres presas no país. Não pode haver anistia, porque a impunidade deixa um recado de que é possível dar golpe", afirma a deputada federal Luciene Cavalcante (PSOL-SP).

> **A razão da anistia é deixar essa história que a esquerda insiste em resgatar para trás. Falar em tentativa de golpe é cortina de fumaça para a falta de liderança do PT**
> **Rosana Valle**
> deputada federal (PL-SP)

> **Os bolsonaristas estão usando Débora para ter comoção. Não pode haver anistia porque a impunidade deixa um recado de que é possível dar um golpe**
> **Luciene Cavalcante**
> deputada federal (PSOL-SP)

> **Não acho que seja grande a pena de 14 anos. A nossa democracia não está consolidada**
> **Gabriela Zancaner**
> professora de direito da PUC-SP

Nascida em Irecê, na Bahia, Débora, de 39 anos, mora em Paulínia (SP), a 117 km da capital paulista. Ela é casada, tem dois filhos —um de 11 anos e outro de 8— e concluiu um curso, há quase duas décadas, para trabalhar como cabeleireira. Em seu depoimento à Polícia Federal, disse ter pagado R$ 50 do próprio bolso para viajar de ônibus do interior paulista até o Distrito Federal.

Ela ficou um dia acampada em frente à sede do Quartel-General do Exército e, no dia da invasão, caminhou oito quilômetros até a praça dos Três Poderes. Chegando lá, disse ter avistado um homem tentando pichar a estátua do STF com o dizer "perdeu, mané" e resolveu ajudá-lo, relata a denúncia da PGR (Procuradoria-Geral da República).

Naquele contexto, a frase "perdeu, mané" fazia referência à fala do ministro do STF Luís Roberto Barroso, dita a bolsonaristas que o hostilizaram, durante uma viagem a Nova York, logo depois das eleições presidenciais de 2022.

A cabeleireira passou dois anos presa em Rio Claro, no interior paulista, e chegou a enviar uma carta pedindo desculpas ao ministro do STF Alexandre de Moraes, que negou à sua defesa nove pedidos de liberdade provisória.

O ministro ainda votou pela condenação dela a 14 anos de prisão, com uma multa de R$ 50 mil. O ministro Flávio Dino acompanhou o voto, e Luiz Fux pediu vistas, suspendendo o julgamento.

No dia 28 de março, Moraes decidiu por conceder prisão domiciliar a Débora. Bolsonaro viu, na decisão do ministro, um "recuo tático", acreditando ser desmedida a pena de 14 anos de prisão.

Paulo Ramiro, professor de sociologia da ESPM (Escola Superior de Marketing e Propaganda), afirma que a ação da cabeleireira não é só uma pintura em um monumento: tem peso simbólico, antes mesmo das consequências políticas e jurídicas do caso.

"É uma afronta aos Poderes instituídos e uma tentativa de passar por cima das leis", diz ele, lembrando a importância da escultura "A Justiça", criada em 1961 pelo artista plástico mineiro Alfredo Ceschiatti. A obra reproduz a deusa romana Justiça, que corresponde, na tradição da mitologia grega, a Dice. Estilizada, a escultura tem os olhos vendados, numa representação da imparcialidade do Judiciário.

Segundo Ramiro, a atitude de Débora se inscreve no contexto do neopopulismo, ascendente na América Latina. Essa forma de exercer o poder, afirma o pesquisador, transmite aos apoiadores a crença de que as instituições não têm legitimidade para exercer as suas funções. Ramiro diz que, na origem do problema, a pichação da estátua significa uma politização do Judiciário.

Ele afirma que Bolsonaro atacou o STF ao longo de seu mandato porque a corte precisou se expor para julgar temas sobre os quais o Legislativo evita debater, como as pautas de comportamento, caras à militância do ex-presidente. "Diante de um Congresso pouco atuante, o STF se politiza", diz o especialista.

Em um cenário de desequilíbrio entre os Poderes, a democracia brasileira se fragiliza, tornando-se mais suscetível a arroubos autoritários. Professor de ciências políticas da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Paulo Henrique Cassimiro concorda que a politização do Judiciário tem sido um problema para a democracia brasileira.

"A frase de Barroso já é um equívoco. Ele não tinha de falar aquilo, mesmo hostilizado", diz ele acrescentando também que o caso da cabeleireira será usado pela bancada bolsonarista para votar o projeto sobre a anistia.

"Ao isolar o caso de uma tentativa de golpe, é mais fácil fazer parecer que há um exagero na pena dela", afirma o pesquisador. "Os militares de 1964 nunca foram responsabilizados por seus atos. Não anistiar os golpistas de 2022 pode marcar um ponto de virada para a democracia brasileira"

No início da semana passada, o deputado federal Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), líder do PL na Câmara, disse avaliar a candidatura de Débora nas eleições de 2026, como um símbolo da luta por liberdade de expressão no país.

Do outro lado, a esquerda também passou a explorar a simbologia do batom. Em um evento realizado para lembrar a data do golpe militar, petistas começaram a defender a mobilização dos movimentos sociais nas ruas, sugerindo a apropriação da maquiagem pela militância feminina.

Ecoando a fala de José Dirceu e José Genoino, presentes no evento, o advogado Marco Aurélio de Carvalho, líder do grupo Prerrogativas, afirmou que o batom deveria simbolizar a situação de milhares de mulheres no "sistema penitenciário medieval" do país.

Para Gabriela Zancaner Bandeira de Mello, professora de direito constitucional da PUC-SP, a politização do Judiciário sempre existiu, embora o STF tenha precisado atuar, nos últimos anos, em temas que o Congresso poderia legislar. " Não acho que seja grande a pena de 14 anos para Débora", diz Bandeira de Mello.

A especialista tampouco pensa que Moraes entrou em contradição ao conceder a prisão domiciliar para a acusada. De acordo com a professora, o ministro reconhece que a ré não pode ser penalizada pela demora do julgamento. "Não se deve ter anistia. A nossa democracia ainda não está consolidada. Passamos por dois impeachments e uma tentativa de golpe de Estado", afirma.


Michelle Bolsonaro mostra batom em vídeo Reprodução Instagram

Motta prioriza bastidores e desfaz 'trator' de Lira em 2 meses na Câmara

Presidente da Casa comandou menos da metade das sessões e tem sofrido pressão de bolsonaristas para pautar projeto da anistia

Raphael Di Cunto e Marianna Holanda

BRASÍLIA Mais afeito às costuras de bastidores do que à atividade no plenário, o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), presidiu menos da metade das sessões em dois meses no novo cargo. Das 23 reuniões deliberativas realizadas nesse período, ele participou de apenas 10.

Aliados argumentam que Motta se dedicou a reorganizar a Casa e resolver os impasses sobre o Orçamento. Junto com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), ele articulou um acordo com o ministro Flávio Dino, do STF (Supremo Tribunal Federal), em fevereiro, para dar transparência às emendas parlamentares e divulgar de forma individualizada o autor de cada uma.

A falta de uma agenda mais robusta no plenário, contudo, abriu caminho para que o projeto de anistia aos acusados dos ataques de 8 de janeiro tenha se tornado a pauta central da Câmara, na opinião de deputados de esquerda, centro e oposição ouvidos pela **Folha**.

O PL e o ex-presidente Jair Bolsonaro fazem pressão diária para o texto ser votado no plenário. Na última semana, o partido tentou obstruir a pauta para forçar Motta a se decidir sobre o tema.

Ele tem evitado antecipar o que fará com o projeto da anistia e, diante da pressão dos bolsonaristas, fez uma articulação nos bastidores para que os líderes partidários não assinassem um requerimento de urgência. Com isso, o PL terá de coletar no varejo as assinaturas e todo o processo será mais lento.

Desde que o deputado substituiu Arthur Lira (PP-AL), 62 projetos foram votados no plenário. Metade eram acordos internacionais, que não costumam causar debates e geralmente são analisados às quintas-feiras, dia de menor atividade no Congresso.

Além disso, a Câmara priorizou projetos de consenso, como a proteção de crianças contra violência patrimonial (Lei Larissa Manoela) e o projeto da reciprocidade comercial com outros países.

O próprio Motta tem buscado explorar o tom de conciliação em seus discursos. "Este episódio entre os EUA e o Brasil deve nos ensinar definitivamente que, nas horas mais importantes, não existe Brasil de esquerda ou Brasil de direita", disse ele na ocasião, num recado velado ao PL.

A pauta mais simples se expressa até na ausência do presidente em muitas sessões de plenário: das 133 horas e 44 minutos desde fevereiro, Motta presidiu os debates durante apenas 10 horas e 8 minutos.

Ele ainda teria começado a corrigir a falta de uma agenda mais robusta com a criação de comissões especiais para discutir cada tema, uma diferença em relação a Lira. O ex-presidente era avesso a essas comissões e preferia criar os chamados grupos de trabalho, modelo que não está previsto no regimento e que permitia que ele escolhesse sozinho os deputados que participavam das discussões.

Embora os dois sejam aliados, Motta procurou, de forma discreta, desconstruir os ritos que fizeram com que Lira fosse acusado por deputados de esquerda e de direita de "tratorar" o plenário —o que o ex-presidente da Câmara sempre negou, com o argumento de que tudo era combinado com os líderes dos partidos.

Entre as mudanças em relação a seu antecessor, Motta estabeleceu que a pauta do plenário seja decidida em reuniões às quintas-feiras e que os pareceres sobre os projetos sejam divulgados na semana anterior à votação. No fim da gestão de Lira, era comum que a pauta só se tornasse conhecida minutos antes.

Além disso, o novo presidente determinou que, às quartas-feiras, entre 16h e 20h, as sessões exijam a presença dos deputados em plenário. Desde a pandemia, era autorizado que eles votassem exclusivamente pelo celular, o que fazia com que muitos não acompanhassem as sessões.

Embora tenha adotado a prática de convocar todos os líderes, Motta tem um grupo mais próximo, o que vem causando críticas no bastidor. As principais decisões são compartilhadas com os líderes do PP, Luizinho Teixeira (RJ), e do MDB, Isnaldo Bulhões (AL), além de Lira e do presidente do PP, o senador Ciro Nogueira (PI).

Motta também consulta um rol mais amplo de líderes, que representam os maiores partidos, como PT, PL, PSD e União Brasil, para assuntos sobre a pauta. Há queixas, porém, de que as decisões já chegam prontas para a ratificação dos demais.

Aliados de Motta dizem que ainda é incerto como ele conseguirá manter o equilíbrio de uma Casa polarizada e pressionada, sobretudo em pautas bolsonaristas. Com o STF, ele conseguiu pacificar a relação após o acordo das emendas.

Com o governo Lula, ele tem buscado uma relação mais próxima do que Lira —que chegou a insultar o então ministro que fazia a articulação política, Alexandre Padilha (PT). Também tem participado de eventos com o petista, como a viagem ao Japão e ao Vietnã.

Outra prática que o novo presidente reverteu de seu antecessor foi permitir a volta das comissões mistas com o Senado para votar as medidas provisórias. O governo vinha tendo dificuldades em usar as MPs desde uma briga entre Lira e Rodrigo Pacheco (PSD) que levou à derrubada de várias delas.

Alguns líderes avaliam que Motta ainda demonstra certa fragilidade, sobretudo diante de bolsonaristas. Seus aliados defendem, contudo, que o presidente tem pulso e é mais habilidoso do que Lira. Aos 35 anos, ele é o deputado mais jovem da história a comandar a Casa.

Procurado por meio de sua assessoria de imprensa, Motta não quis se manifestar.



Hugo Motta participa de lançamento de livro em Brasília na última terça (1º) Pedro Ladeira/Folhapress

2 meses de Motta na Presidência da Câmara

- Articulou acordo com o ministro Flávio Dino, do STF, para dar transparência às emendas
- Buscou relação mais próxima com o governo Lula, participando de eventos como viagem à Ásia
- Sem agenda robusta, segundo líderes, abriu caminho para que o projeto de anistia aos ataques de 8 de janeiro se tornasse a pauta central da Casa
- Buscou explorar tom de conciliação e priorizou projetos de consenso
- Procurou, de forma discreta, desconstruir ritos que fizeram com que seu antecessor, Arthur Lira, fosse acusado por deputados de "tratorar" o plenário

Líder do centrão compra mansão por R$ 10 milhões em Brasília

Lucas Marchesini

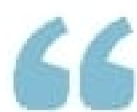
BRASÍLIA O ex-presidente da Câmara dos Deputados Arthur Lira (PP-AL) comprou uma mansão de R$ 10 milhões em Brasília em 31 de janeiro, na véspera de deixar o comando da Casa. A informação foi revelada pelo site Metrópoles e confirmada pela **Folha**.

De acordo com o registro da propriedade, o deputado pagou uma entrada de R$ 3 milhões e financiou os outros R$ 7 milhões com o BRB (Banco de Brasília).

Lira informou possuir um total de R$ 5,965 milhões em bens sua última declaração à Justiça Eleitoral, nas eleições de 2022.

Questionado, o parlamentar afirmou que a transação é compatível com sua renda.

"O montante da transação é absolutamente compatível com os rendimentos de mais de 30 anos de atividade rural amplamente reconhecida. Trata-se de operação de compra e venda absolutamente legítima, transparente e devidamente registrada em cartório, sendo certo que qualquer mínima insinuação de irregularidade será objeto das medidas judiciais cabíveis", diz ele, em nota.



O montante da transação é absolutamente compatível com os rendimentos de mais de 30 anos de atividade rural

Arthur Lira (PP-AL)
Deputado federal

O BRB, que é controlado pelo governo do Distrito Federal, afirmou que "não discute casos de clientes específicos em função do sigilo bancário". "Todas as operações de crédito imobiliário no Banco são submetidas a avaliação e consideram renda individual ou composição de renda", acrescentou.

De acordo com o documento, o terreno total é de 833 metros quadrados. O imóvel fica no Lago Sul, bairro nobre da capital federal, e conta com piscina.

A casa foi adquirida do empresário Leonardo Nogueira Valverde de Morais, dono de empresas de publicidade e segurança, entre outras. Ele era o dono do imóvel desde 2011, quando o comprou por R$ 3,6 milhões.

Valverde tem diversas conexões políticas. Uma delas é a vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão (PP), que é próxima de Lira. Leão afirmou não ter nada a declarar sobre a negociação do imóvel. A reportagem não conseguiu contato com Valverde.

O pesadelo do banco Master

Sai o fundo da banca, entra a arca da Viúva

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Depois da crise bancária do final do século passado, o Brasil pareceu ter dado um salto na direção da racionalidade do capitalismo financeiro. Pedro Malan, Gustavo Franco e Arminio Fraga arrumaram o Banco Central e, sob o comando de Fernando Henrique Cardoso, limparam boa parte do mercado. Foram à garra bancos de ex-ministros (Econômico e Bamerindus) e até mesmo o Nacional, pertencente à família da nora de FHC.

Em 1995 criou-se o Fundo Garantidor de Créditos, uma entidade privada que garantiria investimentos financeiros. Hoje, o FGC garante papéis até R$ 250 mil.

Passou o tempo e o pesadelo voltou. Com jeito de quem não queria nada, anunciou-se numa sexta-feira que o Banco Regional de Brasília, BRB, do governo do Distrito Federal, comprará por R$ 2 bilhões uma fatia do Master. O controlador do Master, Daniel Vorcaro, continuará na cadeira e presidirá o conselho de administração da nova instituição.

Sabia-se há mais de um ano que o Master pagava comissões exorbitantes e oferecia remunerações muito superiores às do mercado. Como contrapartida, patrocinava magníficos ágapes e recrutava conselheiros ilustres e "consultores estratégicos".

Os sinais de alerta acenderam-se durante o mandato de Roberto Campos Neto, mas os mecanismos deixados pela trinca Malan-Franco-Fraga estavam desligados e a encrenca acabou na mesa de Gabriel Galípolo.

Restava a válvula do Fundo Garantidor. Se tudo desse errado, a conta do Master iria para a própria banca. Ilusão democrática (vale lembrar que esse fundo não é alimentado pelo patrimônio dos bancos privados. Seu ervanário vem de taxas aos clientes).

A astuciosa engenharia da entrada do BRB no tango tirará as contas do Master do colo do fundo dos banqueiros, levando-o para o colo da Viúva, já que ele é estatal. Triste sina a dos clientes dos bancos. Na ida, sustentam o Fundo Garantidor da banca, na volta, pagam seus impostos à Viúva e, se as contas do Master azedarem, pagarão de novo.

As operações do esfuziante banco Master já azedaram em pelo menos duas ocasiões. No ano passado ele esteve perto de vender R$ 500 milhões de papéis para a Caixa Econômica. Dois diretores condenaram a operação e foram demitidos. Meses depois, caiu o padrinho do negócio. Quando a operação atolou, o Master levou-a para o fundo de pensão dos servidores do Rio.



Juliana Freire

Banqueiros audaciosos gostam de Pindorama

Banqueiro audacioso faz negócios arriscados. Nos Estados Unidos, Amadeo Giannini tinha um pequeno banco em abril de 1906, quando um terremoto destruiu parte de Los Angeles. Ele foi ao cofre, botou seu dinheiro em carretas e emprestou a quem precisasse. Ele contava que recebeu tudo de volta, mas em cima desse lance, Giannini criou o poderoso Bank of America.

No Brasil, banqueiros audaciosos fazem negócios com amigos e vendem papéis ora à Viúva, ora a fundos de pensão. O Master parece ter inovado: se os negócios azedarem, a Boa Senhora fica com a conta. Parece maldição.

Charles Ponzi, criador da célebre pirâmide dos anos 1920 nos Estados Unidos, foi apanhado e a Viúva tomou-lhe até a roupa do corpo. Ele passou 12 anos na cadeia, costurando cuecas. Solto, acabou em Pindorama, em 1939.

Ponzi morreu aos 67 anos em 1949 num hospital público do Rio. Ele vivia no Engenho Novo, com uma aposentadoria de 70 dólares mensais do fundo de pensão dos comerciários, cerca de R$ 5 mil em dinheiro de hoje.

Caberá ao Banco Central referendar a compra da fatia do Master pelo BRB. Numa primeira versão, ele teria um ano para decidir. Malan nasceu em Petrópolis e vive no Rio, Gustavo Franco e Armínio Fraga são cariocas. Como a velha guarda, inspiraram-se no enredo de um capitalismo financeiro, com um Banco Central musculoso. Desprezaram o verso do sambista: Sonho de rei, de pirata e jardineira; Pra tudo se acabar na quarta-feira.

Patriotadas políticas

Sem conhecer os detalhes do tarifaço de Donald Trump, o Senado aprovou, por unanimidade, um projeto que dá ao governo meios para retaliar caso o Brasil seja afetado por medidas protecionistas de outros países.

Na quarta-feira (2), Trump anunciou suas novas tarifas e, para o Brasil, o bárbaro chegou com uma intensidade menor que a esperada.

Nelson Rodrigues avisou que toda unanimidade é burra. Em 1975, durante a ditadura, o Congresso brasileiro aprovou também por unanimidade o Acordo Nuclear assinado com a Alemanha. Ele previa a construção de oito usinas e uma inédita transferência de tecnologia. Deu em nada.

A astuciosa engenharia da entrada do BRB no tango tirará as contas do Master do colo do fundo dos banqueiros, levando-o para o colo da Viúva, já que ele é estatal. Triste sina a dos clientes dos bancos. Na ida, sustentam o Fundo Garantidor da banca, na volta, pagam seus impostos à Viúva e, se as contas do Master azedarem, pagarão de novo

Pais e filhos

Uma medida do tamanho do problema da segurança pública.

Em novembro do ano passado o menino Ryan da Silva Andrade, de 4 anos, foi baleado e morreu durante uma operação da Polícia Militar em Santos. Meses antes, seu pai havia sido um dos 56 mortos durante a Operação Verão, no litoral do Estado.

Na última terça (1º), o arquiteto Jefferson Dias Aguiar, de 43 anos, foi morto por um assaltante no Butantã, em São Paulo. Quando Jefferson tinha sete anos, seu pai foi assassinado numa briga de bar.

A onipotência do MP

Durante o apogeu da Lava Jato, procuradores de Curitiba tiveram seus bons momentos de fama e onipotência. Deu no que deu.

Em 2023, o promotor Walber Luís do Nascimento comparou a advogada Catharina Estrella a uma cadela durante uma sessão do Tribunal do Júri em Manaus.

Nas suas palavras, explicando-se: "Eu disse que os cachorros eram fiéis, leais. E levando em consideração a lealdade, eu não poderia fazer essa comparação [da advogada] com uma cadela, porque senão estaria ofendendo a cadela".

A advogada moveu uma ação contra o doutor que, 16 dias depois, aposentou-se por tempo de serviço, com R$ 42.300 mensais.

O juiz que presidiu a sessão foi censurado pelo CNJ, mas a ação de Estrella está parada porque dez ilustres membros do Ministério Público declararam-se impedidos. Até aí, jogo jogado, mas o pulo do gato está num detalhe: a denúncia pode prescrever neste ano.

Pelo andar da carruagem, o promotor Walber Luís do Nascimento pode se safar, jogando na frigideira a imagem do MP, com a ajuda de colegas onipotentes.

Recaída dinástica

A República tem mais de um século, e o Brasil teve uma recaída dinástica.

De um lado, Eduardo Bolsonaro pode sair como candidato a presidente caso seu pai continue inelegível. Na outra ponta, a caminho do 80º aniversário e com a boca do jacaré aberta, Lula poderia desistir da disputa pela reeleição.

Nesse cenário, surgiu uma especulação delirante. Para ganhar perdendo, ele lança a candidatura de sua mulher.

Coisa parecida quem fez foi Juan Perón na Argentina de 1973. Ele ia mal de saúde e elegeu-se com Isabelita como vice. Morreu no ano seguinte e ela assumiu.

Parece delírio, e é, mas Lula já está falando do peso da idade.

PODCASTS FOLHA

FOLHA

Tarifas tiram mais da metade da renda mensal de famílias americanas

Economia dos EUA deve perder US$ 180 bilhões só neste ano com medidas de Trump

Fernando Canzian

SÃO PAULO As famílias norte-americanas devem perder, em média, US$ 3.800 (R$ 21.900) neste ano como reflexo do aumento de tarifas anunciado por Donald Trump em 2 de abril —chamado "Dia da Libertação" pelo presidente dos Estados Unidos. O valor equivale a mais da metade da renda de um mês de cada domicílio no país.

A perda decorrerá do aumento médio de 2,3% nos preços de produtos tarifados e de demais bens nas cadeias de produção norte-americana. As novas barreiras comerciais, sobretudo contra Vietnã, Bangladesh e Tailândia, afetam principalmente o setor de vestuário, cujos preços devem subir 17% sob as novas alíquotas.

Os cálculos são do Budget Lab, da Universidade Yale, e têm sido considerados por economistas entre os mais consistentes até aqui. O órgão estima que o PIB dos EUA vá encolher neste ano 0,5 ponto percentual só com as tarifas anunciadas em 2 de abril. Levando em conta o conjunto de medidas desde que Trump assumiu o cargo, a queda chegaria a -0,9 ponto.

A longo prazo, a manutenção das novas barreiras, de acordo com o Budget Lab de Yale, fará com que o PIB dos EUA permaneça -0,6 ponto percentual abaixo de seu potencial anterior às tarifas. Isso acarretará perda de US$ 180 bilhões (R$ 1,03 trilhão) só neste ano.

As medidas de 2 de abril equivalem a um aumento na tarifa média efetiva dos EUA de 11,5 pontos percentuais. Após a incorporação de tudo o que foi anunciado até agora, a taxa média passou a 22,5%, a mais alta desde 1909.

Para o economista-chefe da MB Associados, Sérgio Vale, o 2 de abril de 2025 deveria ser batizado de "dia do empobrecimento" dos EUA. "'Dia da Libertação' é um nome infame para o que vai acorrentar a população a preços mais elevados", afirma.

"Há uma falta de entendimento não apenas econômico, mas de relações internacionais, no entorno de Trump, que leva a confundir o fetiche da reindustrialização com práticas tarifárias ultrapassadas, que vão piorar a qualidade industrial do país. Pois insumos importantes ficarão mais caros, assim como será afetado o canal de exportações dos EUA", diz Vale.

Em relatório distribuído a clientes na semana passada, o IIF (Instituto de Finanças Internacionais, na sigla em inglês), que reúne mais de 400 bancos e instituições no mundo, considerou que as tarifas adotadas sobre setores estratégicos constituem o principal foco das medidas.

"Produtos essenciais para a resiliência nacional, incluindo semicondutores, cobre refinado e farmacêuticos selecionados, agora enfrentarão tarifas de 10% a 25%. Elas foram explicitamente projetadas para realinhar as cadeias de suprimentos, promovendo a produção doméstica de longo prazo em vez de gerar receita imediata", diz o IIF.

O órgão considera que Trump articulou as mudanças de forma a tornar permanentes as novas políticas comercial e tarifária dos EUA. "Haverá negociações e revisões regulares, mas o custo de acesso ao mercado dos EUA mudou fundamentalmente", diz.

Para Armando Castelar, pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, alguns pontos importantes podem ser depreendidos de recentes entrevistas do secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, e de Comércio, Howard Lutnick.

O primeiro é que o consumidor americano deixa de ser a prioridade, entrando em seu lugar o trabalhador e a expectativa de mais empregos industriais para a classe média, o que amenizaria o impacto de mais inflação com as tarifas. Castelar considera a aposta arriscada, pois robôs e inteligência artificial devem ditar as regras do mercado de trabalho.

O segundo seria isentar de impostos quem ganha até US$ 150 mil anuais (R$ 860 mil; 85% dos americanos), colocando mais dinheiro em circulação e compensando as perdas na arrecadação com cerca de US$ 1 trilhão ao ano (R$ 5,75 trilhões) com receitas das tarifas.

Haveria a intenção de impulsionar a economia dos EUA com a redução de gastos públicos e desregulamentando restrições ambientais e financeiras a empresas.

"Trump deve conseguir avanços na desregulamentação, mas anúncios de cortes de gastos têm sido revertidos na Justiça. No conjunto, a inflação deve subir, e o PIB, cair, num cenário de estagflação [inflação com recessão ou crescimento baixo]", diz Castelar.

O resultado líquido do tarifaço ainda é incerto, dado que países com relações com os EUA vêm retaliando, como o fez a China na sexta-feira (4), ao impor tarifas de 34% sobre todos os produtos importados dos EUA.

Até aqui, no entanto, os anúncios de novas tarifas contra países vêm derrubando os preços das ações das principais empresas norte-americanas. Como boa parte da poupança das famílias nos EUA é investida na Bolsa de Valores, elas também estão ficando mais pobres por esse canal.

Nos últimos dez anos, o déficit comercial dos EUA com o mundo e a China vem se mantendo relativamente estável em comparação ao tamanho da economia americana. Em relação ao PIB dos EUA, o déficit no comércio de bens com outros países tem oscilado ao redor de 4%. Considerando bens e serviços, entre 2,5% e 3,5%.

O ponto fundamental é que o déficit norte-americano relaciona-se ao excesso do que o país precisa comprar em bens e serviços do resto do mundo para fazer sua economia rodar, em relação ao que consegue produzir internamente. Por isso, deve continuar importando bilhões de dólares em bens nos próximos anos, agora a um custo maior.

Para José Júlio Senna, ex-diretor do Banco Central, "não há nenhuma viabilidade na estratégia de Trump de reindustrializar os EUA utilizando-se de tarifas".

"A perda de empregos industriais é uma realidade comum a todos os países que enriqueceram e que acabam naturalmente demandando mais serviços."

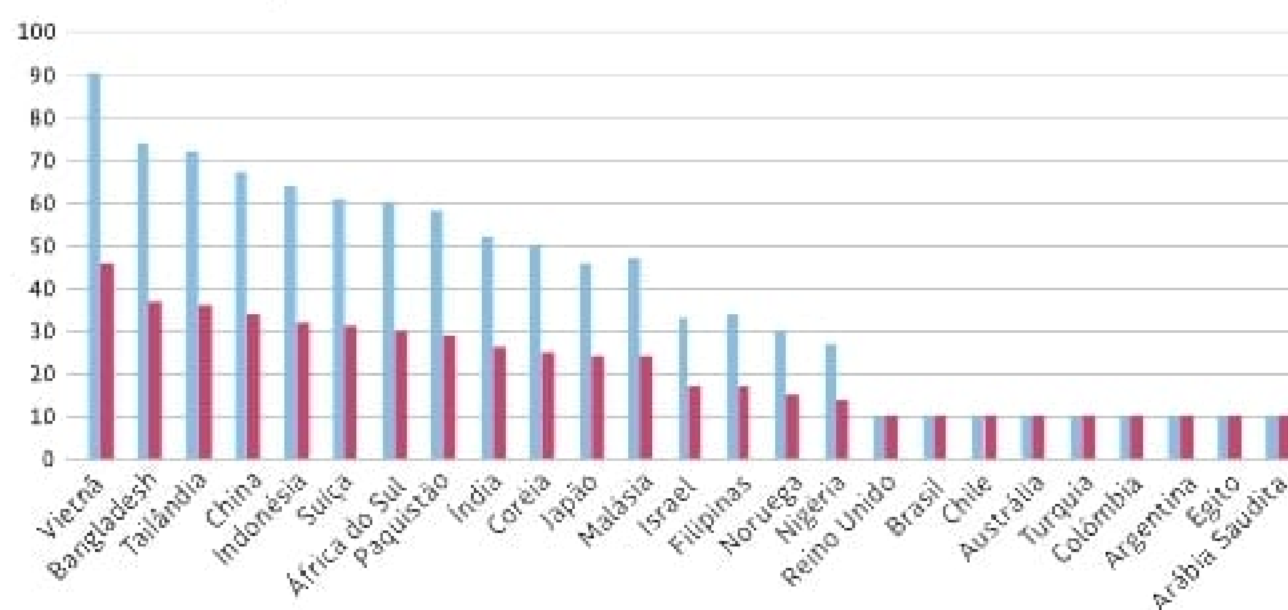
Em sua opinião, vai demorar um bom tempo até que Trump e seus partidários se deem conta do erro da estratégia. Enquanto isso, concorrentes, em especial a China, devem ganhar terreno ao longo do caminho, acredita.

Leia mais nas págs. A16 e A18

US$ 3.800

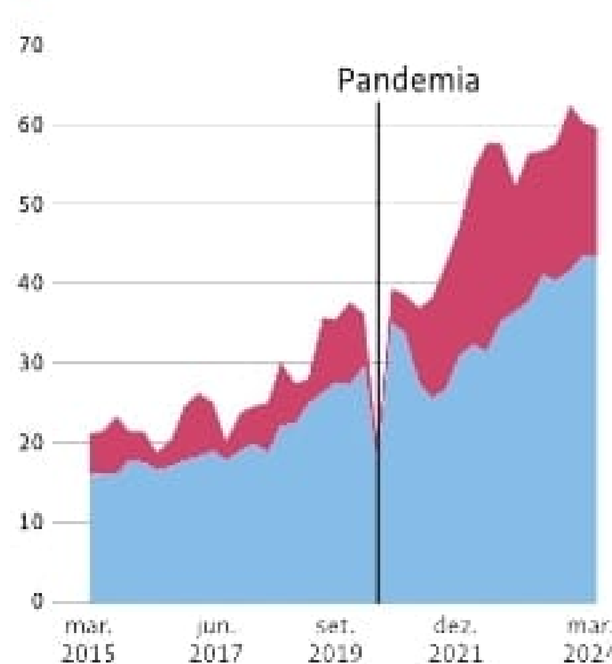
é o valor médio que cada família americana deve perder neste ano com as novas barreiras, segundo estudo

Novas tarifas dos EUA atingem vários países



Fonte: Casa Branca e IIF

Déficit comercial dos EUA com Canadá e México



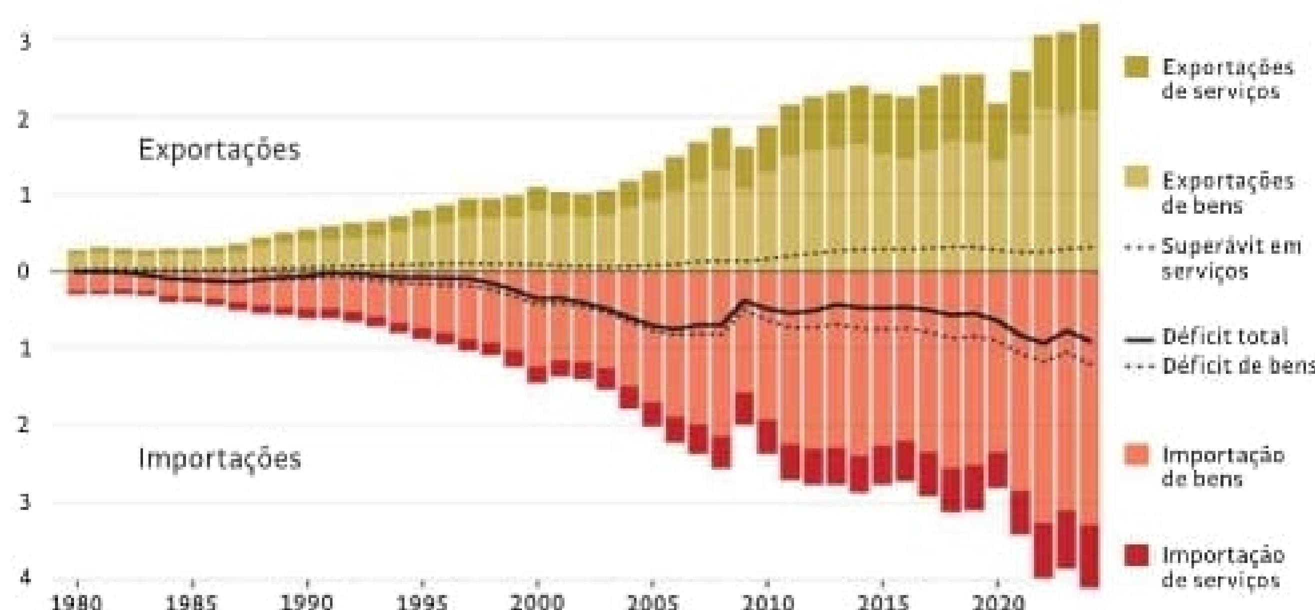
Fonte: IIF

Índice de ações nos EUA



Fonte: LSEG Workplace/The Economist

Balança comercial dos EUA



Fonte: Departamento de Comércio dos EUA/WSJ

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

RODRIGO TORRES
Diretor financeiro global do Edge Group

Efeito Trump impulsiona armamento, diz CFO

Diretor financeiro do Edge Group prevê dobrar receitas em três anos com aumento de tensão global

O brasileiro Rodrigo Torres, 48, comanda as finanças globais do Edge Group, um dos maiores conglomerados de tecnologia bélica e defesa do mundo. Fundado em 2019 e sediado em Abu Dhabi, o grupo vê os negócios prosperarem não somente com o aumento do clima de tensão acirrado por Donald Trump, mas também com as "guerras internas" de cada país. Com 35 companhias no mundo, o Brasil entrou na rota em 2023, com um investimento de R$ 3 bilhões na compra de participação em duas empresas, a SIATT e a Condor. Neste ano, o Edge avalia a compra de mais uma e a construção de outra fábrica em São Paulo.

*

Há guerra na Ucrânia, no Oriente Médio e o presidente Donald Trump inicia seu mandato ampliando o clima de tensão para a Europa. Isso impulsiona seus negócios? Tem o efeito Trump, mas também o da Rússia, Israel e Coreia do Norte. As tensões estão aumentando e os países querem garantir sua soberania.

De quanto deve ser o crescimento por conta disso? Nosso faturamento atual é de US$ 5 bilhões e, nos próximos três anos, esperamos chegar a US$ 10 bilhões.

O Brasil voltou a investir em defesa? As Forças Armadas tentam dar nó em pingo d´água para se equipar. Temos diversos programas. Com a Marinha, são quatro fragatas em construção, mas, pelo tamanho do Brasil, seria preciso 16. No caso dos Gripen, é a mesma situação.

A companhia tem fábrica no Brasil, mas as vendas são fundamentalmente para fora. Funciona ter uma indústria exportadora de alto valor agregado em um país de custos elevados? Investimos no Brasil pensando no exterior. Só com o mercado brasileiro, não é possível se sustentar. Mas, sabendo se equilibrar, dá para ser competitivo.

O mercado brasileiro é só Forças Armadas? O ministro da Defesa [José Mucio] nos disse que o presidente Lula quer olhar para isso [compras] porque percebe o movimento global. Além disso, a proteção da Amazônia Azul é relevante. Há pesqueiros [em águas brasileiras], plataformas de petróleo a vigiar. Recentemente, teve um caso de um navio oceanográfico fazendo pesquisa ilegal. Há pirataria. É um tipo diferente de guerra. Agora, os estados também estão se aparelhando.

De que forma? O Mato Grosso compra equipamentos para monitoramento da fronteira. Tem ali uma questão de segurança devido ao tráfico de drogas e de armas. São Paulo é o maior polo de cocaína da América Latina. O que se busca lá é melhorar a inteligência da força de segurança pública. O efetivo de homens da polícia estadual paulista é de cerca de 150 mil. É maior que muito exército, mas o problema é que não usam tecnologia para enfrentar o que está acontecendo. Na Bahia, é a mesma coisa.

Neste caso, o sr. se refere a aparatos eletrônicos. Esse segmento já é relevante em vendas? Existe uma demanda bem grande por sistemas contra drones, por comunicação segura [livre de interceptação], mas não é a maior fatia. O que se vê é uma modernização das forças no mundo todo. Antes, todo mundo achava que, com uma força aérea, seria possível se defender. A guerra da Ucrânia mostrou que não é verdade.



Rodrigo Torres
1976, Rio de Janeiro Engenheiro mecânico (PUC-RJ) com especialização em inteligência artificial (Chicago University) e finanças e administração (Harvard University), possui mais de vinte anos de carreira com passagens pelo Banco BBM, General Electric (aviação e óleo e gás), grupo Renault. Em 2019, ingressou no Edge Group como CFO.

A situação da Europa é ruim com o movimento de Trump de desgastar a Otan. Os países do bloco já são seus maiores compradores? A Europa está investindo pesado em armamento e está preocupada com isso porque, até então, sempre ficou muito dependente dos EUA, inclusive nessa parte de satélites. Na Ásia, Japão, Indonésia, Filipinas, Tailândia e Malásia, com suas milhares de ilhas, investem bastante também. O que acho interessante é ver a África [nesse movimento]. Estamos, por exemplo, construindo a Marinha de Angola, um contrato de US$ 1,2 bilhão, e um programa na Nigéria de US$ 2 bilhões. Há procura pelo Quênia, Mauritânia, entre outros. Na América Latina, o Paraguai está se movimentando, inclusive com um projeto de radares de defesa. Chile e Colômbia estão bem avançados.

Americano, sua vida nunca mais será a mesma depois das tarifas de Trump

Opinião

Taxas são caras não apenas porque aumentam os preços, mas porque forçam consumidor a tomar decisões diferentes do habitual e que podem chegar até a itens essenciais do dia a dia

Justin Wolfers
Professor de economia e políticas públicas na Universidade de Michigan

THE NEW YORK TIMES Essas tarifas vão machucar. Muito. Pelos meus cálculos, essa rodada de tarifas pode ser 50 vezes mais dolorosa do que as que Donald Trump instituiu em seu primeiro mandato. Isso significa que elas vão remodelar a vida do americano de maneiras mais fundamentais.

Para ilustrar como, vejamos um exemplo prosaico: a máquina de lavar. Em 2018, as tarifas relativamente modestas de Trump fizeram os preços subirem quase US$ 100 (R$ 583). Como resultado, muitas famílias optaram por manter suas máquinas antigas por mais tempo. Essa escolha gerou novo conjunto de custos: barulhos da máquina com muito peso, montes de roupas amassadas pingando após lavagem e contas de energia e água mais altas.

Em outras palavras, o custo total da tarifa não é apenas o que sai da conta-corrente. O tempo gasto para reorganizar as coisas na lavadora é um custo. O tempo torcendo camisetas encharcadas é um custo. Tarifas são caras não apenas porque aumentam os preços mas porque forçam o consumidor a tomar decisões diferentes que vão extrair um tipo diferente de custo ao longo do tempo.

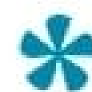
Tarifas pequenas criam problemas pequenos. Tarifas grandes criam problemas enormes. Veja a tarifa de 25% sobre veículos, que deve aumentar preços em cerca de US$ 4.000 (R$ 23.320). Muitas famílias provavelmente decidirão não comprar um segundo carro. Isso cria problemas muito maiores do que uma lavadora envelhecida. Agora, estamos constantemente equilibrando como levar nossos filhos a todas as suas atividades e a nós mesmos ao trabalho, com apenas um carro.

E não são apenas os carros. Essas são tarifas abrangentes, então vão distorcer praticamente todas as compras que o americano fizer. Em cada caso, ele terá que parar cálculos rotineiros, recalibrar e encontrar uma maneira de se virar —talvez substituindo vegetais frescos por congelados, um medicamento menos eficaz por um importado mais caro, ou xarope de milho por açúcar. E, em cada caso, ele sai perdendo.

A propósito, as tarifas não mudam apenas as decisões de compra, também mudam o que as empresas produzem. Assim como tarifas levam o consumidor a comprar alternativas menos desejáveis, elas levam as empresas a direcionar trabalho e capital para atividades menos desejáveis —ou seja, menos produtivas.

As tarifas anunciadas na quarta (2) são cerca de dez vezes mais altas do que a maioria dos outros países industrializados, e mais altas do que as infames tarifas Smoot-Hawley (famosas pela Grande Depressão). As mais recentes tarifas de Trump levarão americanos a repensar não apenas se devem substituir sua máquina de lavar —como fizeram em 2018— mas secadoras, geladeiras, fogões, mantimentos, roupas, carros e até itens essenciais do dia a dia.

Muitas das substituições vão ser bastante dolorosas. Se uma tarifa de 1% leva a trocar o guacamole real por uma alternativa à base de ervilha, então o cliente realmente não se importava tanto com guacamole. Mas, se for necessária uma tarifa de 20% para fazê-lo mudar, isso é um sinal claro de que ficar sem o produto real é uma dificuldade séria.



Talvez os eleitores tenham votado em Trump com lembranças dos bons tempos econômicos. Mas a realidade de seu primeiro mandato é que houve muito mais conversa sobre tarifas do que ação. Elas foram pouco mais do que um solavanco na estrada. Desta vez, são uma montanha

E é por isso que tarifas mais altas geram uma quantidade muito maior de dor. Essas forças não são independentes umas das outras. Elas interagem. Ou em matemática, se multiplicam, o que significa que os custos aumentam ao quadrado da taxa de tarifa. Isso leva a uma aritmética dolorosa.

A taxa média de tarifa era de cerca de 1,5% pouco antes da eleição de Trump em 2016. Ele posteriormente aumentou tarifas sobre aço, alumínio, máquinas de lavar, painéis solares e muitos produtos da China, mas deixou grande parte do restante da economia intocada. No total, em 2019 ele praticamente dobrou a taxa de tarifa, para cerca de 3% —e assim efetivamente quadruplicou qualquer dor que as tarifas de 2016 estavam causando. (Sim, duas vezes dois é quatro).

Joe Biden manteve algumas dessas tarifas, mas a última rodada de Trump eleva a taxa americana atual para cerca de 15 vezes o nível de 2016, e assim, ao quadrado, é 225 vezes mais dolorosa. Isso é mais de 50 vezes maior do que o custo do aumento de tarifas do primeiro mandato.

Talvez os eleitores tenham votado em Trump com lembranças dos bons tempos econômicos. Mas a realidade de seu primeiro mandato é que houve muito mais conversa sobre tarifas do que ação. Elas foram pouco mais do que um solavanco na estrada. Desta vez, são uma montanha.

E, assim, o impacto será mais como uma colisão do que o solavanco confortável da última vez.



Leilão Judicial Eletrônico



Imóveis com deságios de até 50% sobre o valor de avaliação. Aproveite!

Lances a partir de **R$ 5.901.450,30** | Avaliação R$ 11.802.900,59

Prédio em construção

Imóvel no Cond. Residencial Edifício Guacira, composto por 13 andares, 81 apartamentos e 84 vagas de garagem.

1º Leilão 15/04 - 14:00hs  2º Leilão 30/04 - 14:00hs

Juiz: Exmo. Dr. Adler Batista Oliveira Sobre
2ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais SP



Praia Grande/SP

Lances a partir de **R$ 4.419.550,12** | Avaliação R$ 6.026.659,25

Terreno Urbano

Terreno área de 650 m², localizado a 5 min. da Marginal Pinheiros e a 8 min. do Shopping Eldorado.

1º Leilão 16/04 - 14:00hs  2º Leilão 16/04 - 15:00hs

Juiz: Exmo. Dr. Diego Ferreira Mendes
4ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros SP



Alto de Pinheiros/SP



Avaliação R$ 340.946,00

Imóvel Residencial – Piracicaba SP

Imóvel loteamento Parque São Jorge com área construída de 106 m² sobre terreno de 250 m². Composto por 3 dorms, sala, banheiro, cozinha e um cômodo nos fundos.

Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba SP

1º Leilão ~~17/03 - 15:00hs~~  2º Leilão 08/04 - 15:00hs



Avaliação R$ 133.525,38

Imóvel Residencial – Pirapora do Bom Jesus SP

Imóvel com área de 350 m², localizado a 2 min. da Estrada dos Romeiros.

Juíza: Exma. Dra. Thaís Da Silva Porto
Setor das Exec. Fiscais de Santana de Parnaíba SP

1º Leilão ~~17/03 - 15:00hs~~  2º Leilão 08/04 - 15:00hs



Avaliação R$ 545.123,39

Imóvel Residencial – Americana SP

Imóvel com área de 324 m². Localizado a 2 min. da Av. Nossa Sra. de Fátima.

Juiz: Exmo. Dr. Rilton José Domingues
2ª Vara Cível de Limeira SP

1º Leilão ~~17/03 - 15:00hs~~  2º Leilão 08/04 - 15:00hs



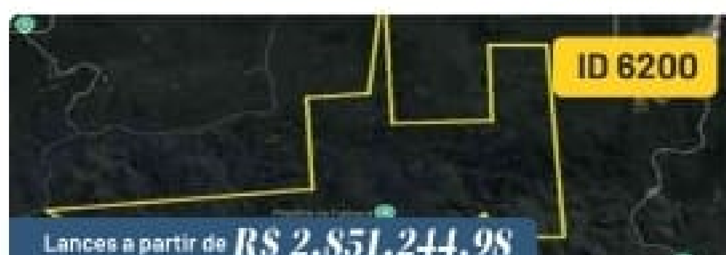
Avaliação R$ 335.699,31

Fração de Terreno Urbano – Bairro Granja Viana SP

Fração de 75% de terreno com área de 362 m² no Condomínio São Paulo II. Localizado a 6 min. da Rodovia Raposo Tavares e a 10 min. do centro da Granja Viana.

Juiz: Exmo. Dr. Rodrigo Aparecido Bueno de Godoy
2ª Vara Cível de Cotia SP

1º Leilão ~~17/03 - 16:00hs~~  2º Leilão 08/04 - 16:00hs



Avaliação R$ 9.504.149,95

Terreno Urbano – Santo André SP

2 Glebas de terras com área de 1.286.002 m². Localizados na Estrada de Rodagem Santo André-Paranapiacaba SP-122.

Juiz: Exmo. Dr. Genilson Rodrigues Carreiro
1ª Vara da Fazenda Pública de Santo André SP

1º Leilão ~~17/03 - 16:00hs~~  2º Leilão 08/04 - 16:00hs



Avaliação R$ 407.329,50

Terreno Urbano – Arujá SP

Terreno no Cond. Arujazinho, com área de 1.051 m². Localizado a 12 min. do centro e a 23 min. do Itaquá Park Shopping.

Juiz: Exmo. Dr. Guilherme Lopes Alves Pereira
1ª Vara Cível de Arujá SP

1º Leilão ~~17/03 - 16:00hs~~  2º Leilão 08/04 - 16:00hs



Avaliação R$ 340.000,00

Imóvel Residencial – Suzano SP

Lote número 2, constante do edital, referente ao imóvel residencial nº 906, situado na Av. Paul Percy Harris em Suzano/SP.

Juiz: Exmo. Dr. Adler Batista Oliveira Sobre
2ª Vara de Falências e Recup. Judiciais de São Paulo SP

1º Leilão ~~18/03 - 10:00hs~~  2º Leilão 09/04 - 10:00hs



Avaliação R$ 211.636,39

Imóvel Residencial – Porto Calvo AL

Casa e respectivo terreno com área de 100 m². Localizado a 2 min. da Rod. AL 465.

Juiz: Exmo. Dr. Diogo de Mendonça Furtado
2ª Vara Judicial de Porto Calvo AL

1º Leilão 16/04 - 09:00hs  2º Leilão 16/04 - 10:00hs



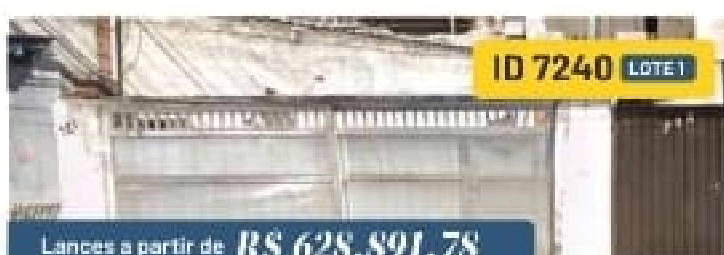
Avaliação R$ 334.623,15

Imóvel de uso misto – Piracicaba SP

Imóvel com 250 m² de construção e área de terreno de 304 m². Composto por 2 casas e 1 salão comercial, no loteamento denominado Jardim Itaiçaba.

Juiz: Exmo. Dr. Marcos Douglas V. Balbino da Silva
2ª Vara Cível de Piracicaba SP

1º Leilão 16/04 - 09:00hs  2º Leilão 16/04 - 10:00hs



Avaliação R$ 718.733,46

Imóvel Residencial – São Paulo SP

Imóvel com 134 m² de construção e terreno com área de 290 m². Localizado a 15 min. da Rod. Anchieta e a 21 min. do Aeroporto de São Paulo/Congonhas.

Juíza: Exma. Dra. Érika Ricci
1ª Vara Cível de São Caetano do Sul SP

1º Leilão 16/04 - 09:00hs  2º Leilão 16/04 - 10:00hs



Avaliação R$ 301.951,87

2 Imóveis Residenciais – Itanhaém SP

Propriedade residencial em terreno de 250 m², subdividido e com duas casas independentes, oferecendo mais privacidade e versatilidade.

Juíza: Exma. Dra. Érika Ricci
1ª Vara Cível de São Caetano do Sul SP

1º Leilão 16/04 - 09:00hs  2º Leilão 16/04 - 10:00hs



Avaliação R$ 386.654,04

Apartamento – Limeira SP

Imóvel com 64 m² no Edifício Santa Cecília com vaga de garagem.

Juiz: Exmo. Dr. Rilton José Domingues
2ª Vara Cível de Limeira SP

1º Leilão 16/04 - 15:00hs  2º Leilão 08/05 - 15:00hs



Avaliação R$ 2.100.000,00

Apartamento Duplex – Morumbi SP

Venda direta de imóvel com 636 m² no Cond. Edifício Silvia com 3 vagas de garagem. Localizado a 12 min. do Shopping Jardim Sul.

1º Leilão ~~14/03 - 10:00hs~~  2º Leilão 22/04 - 10:00hs



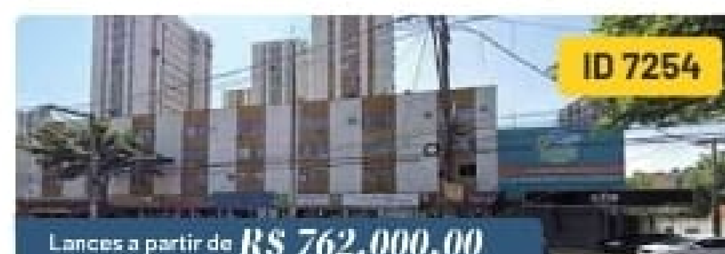
Avaliação R$ 3.182.727,81

Imóvel e Terreno – Vinhedo SP

Imóvel composto por uma residência principal de 372 m², uma residência secundária de 100 m², além de churrasqueira e piscina. O terreno possui uma área total de 2.700 m².

Juíza: Exma. Dra. Érica Midori Sanada
2ª Vara Judicial de Vinhedo SP

1º Leilão ~~03/04 - 14:00hs~~  24/04 - 14:00hs



Avaliação R$ 1.079.000,00

Imóvel Comercial – São Gonçalo RJ

Venda direta de imóvel tipo sobreloja, localizado a 8 min. do centro da cidade e a 17 min. da Rod. Niterói Manilha.

Juiz: Exmo. Dr. Igor Fonseca Rodrigues
TRT da 1ª Região do Rio de Janeiro RJ

1º Leilão ~~26/02 - 13:40hs~~  2º Leilão 25/04 - 13:40hs

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 | 11 95577 1200 | leje.com.br | @lejeoficial | Leilão Judicial Eletrônico



Elon Musk e o presidente dos EUA, Donald Trump, na Casa Branca Jim Watson - 11.fev.25/AFP

Três dias após anúncio de tarifaço, Musk diz esperar 'tarifa zero' entre EUA e UE

Em congresso da direitista Liga, da Itália, bilionário que assessora Trump defende livre-comércio entre americanos e bloco europeu

ROMA (ITÁLIA) | REUTERS Três dias depois de o presidente Donald Trump anunciar um tarifaço sobre seus parceiros comerciais, Elon Musk disse esperar ver no futuro uma total liberdade de comércio entre EUA e Europa.

O bilionário, um conselheiro do republicano que tem trabalhado para demitir milhares de funcionários públicos dos EUA, falou neste sábado (5) por meio de um link de vídeo em um congresso em Florença do Partido da Liga, de direita e cogovernante da Itália.

"Espero que se concorde que tanto a Europa quanto os EUA devem se mover idealmente, na minha opinião, para uma situação de tarifa zero, criando efetivamente uma zona de livre-comércio entre a Europa e a América do Norte", disse Musk.

De acordo com os planos de Trump anunciados na quarta-feira (2), a Itália, que tem um grande superávit comercial com os Estados Unidos, estará sujeita a uma tarifa geral de 20%, juntamente com outros países da UE.

Neste sábado, agentes aduaneiros dos EUA começaram a cobrar a tarifa mínima de 10% sobre produtos comprados de outros países, inclusive do Brasil. A medida foi anunciada por Donald Trump na quarta-feira (2).

Na quarta-feira (8), as tarifas "recíprocas" mais altas, de 11% a 50%, entrarão em vigor. As importações da União Europeia serão atingidas com uma sobretaxa de 20%, enquanto os produtos chineses pagarão 34%, elevando as novas taxas totais de Trump sobre a China para 54%.

Entrevistado pelo líder da Liga, Matteo Salvini, Musk, que expressou repetidamente apoio a partidos de direita em toda a Europa, disse que também espera ver maior liberdade de movimento entre a Europa e os EUA.

"Se as pessoas quiserem trabalhar na Europa ou na América do Norte, elas devem ter permissão para fazê-lo, na minha opinião", disse Musk, acrescentando que esse "certamente foi meu conselho para o presidente".

Em sua participação de cerca de 15 minutos transmitida em um telão, o chefe da Tesla, da SpaceX e da rede social X voltou a criticar "a imigração em massa", que, segundo ele, "levará à destruição" dos países que a aceitarem.

Musk, que no passado foi próximo da primeira-ministra direitista da Itália, Giorgia Meloni, e de seu partido, Irmãos da Itália, também expressou apoio à Liga de Salvini. Ambos os grupos têm uma agenda de extrema direita baseada em repressão à imigração irregular.

O ministro da Economia, Giancarlo Giorgetti, que é da Liga, disse mais cedo que o governo quer "diminuir a escalada" com os EUA após o anúncio das tarifas de Trump e alertou contra a imposição de tarifas retaliatórias.

No mês passado, Musk expressou gratidão a Salvini depois que o chefe da Liga disse que a Itália deveria escolher sua empresa Starlink para obter um sistema de comunicações via satélite.

Com AFP

Leia mais sobre Musk e o governo Trump em Mundo

Jaguar suspende envio de carros aos EUA em abril devido às taxas de Trump

A fabricante britânica de veículos de luxo Jaguar Land Rover vai suspender os envios de seus carros fabricados no Reino Unido para os EUA por um mês, anunciou neste sábado (5), devido às tarifas de 25% impostas por Washington sobre carros importados.

A empresa, que pertence à Tata Motors TAMO.NS da Índia, vende 400 mil unidades de Range Rover Sports, Defenders e outros modelos anualmente, e as exportações para os EUA representam quase um quarto desse volume.

Neste sábado, Donald Trump reforçou as tarifas abrangentes que impôs a países de todo o mundo, prometendo que sua "revolução econômica" produzirá resultados históricos para os americanos. "Aguentem firme, não será fácil, mas o resultado final será histórico."

Brasil e China na guerra de Trump

Ascensão chinesa mudou política e economia por aqui; guerra trumpiana será outro choque

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Desde 2023, a China tem 26,4% do total da corrente de comércio de bens do Brasil, na média. Corrente de comércio: a soma da exportações e importações. O comércio com os Estados Unidos equivale a 13,4% do total. Com a União Europeia, 15,9%. Somados, EUA e UE são 29,3%, pois. América do Sul, 11,9%.

Depois da guerra econômica de Donald Trump, pode ser que China venha a ter mais peso no comércio do Brasil do que americanos e europeus. E daí?

A ascensão da economia e do comércio da China no século 21 contribuiu para mudanças na produção, em contas econômicas fundamentais, na política e nas relações exteriores do Brasil. Basta pensar no mais óbvio. Na estagnação ou na decadência da indústria ao menos desde 2011. Na entrada de recursos que ajudou a dar cabo das crises de endividamento externo, tormento de dois séculos. Na ascensão econômica, política e cultural do agro. No enfraquecimento das relações com Mercosul e EUA.

Na média de 2011 até o começo de 2020, a China teve 18,8% da corrente de comércio brasileira. EUA e UE, 31,4%. A definição do período é arbitrariedade razoável: da retomada do comércio mundial depois da crise de 2008 até pouco antes da pandemia.

China tem 26,4% do comércio com o Brasil; em 2008, tinha 10%; EUA e União Europeia têm 29,3%; em 2008, 34,5%. Com a guerra de Trump, pode ser que chineses tenham mais peso do que americanos e europeus. E daí?

Por falar em 2008, o comércio com a China era então 10% do total. Com EUA e UE, 34,5%. Em 2001, a China tinha 2,8%. EUA e UE, 48%. América do Sul, 18%. É fácil perceber a baita mudança.

O tamanho chinês deu no conflito entre EUA e China. O que havia de regras nas relações econômicas foi para o vinagre, com a contribuição de outras guerras e epidemia. Começou, de leve, tendência de regionalização econômica, pactos regionais, fragmentação de cadeias de fornecimento de insumos. Trump deve explodir inclusive as grandes alianças desse mundo mais fragmentado (a ocidental, por exemplo).

Disseminou-se ou escancarou-se a ideia de que o Estado deve intervir (ainda mais) em setores "estratégicos", com políticas industriais ou outras, com fins de defesa econômica e de segurança nacionais; de comércio, investimento e finança como instrumento de poder internacional. Lembra Trump? Lembra também Joe Biden, com outro enfoque. Lembra o que a Alemanha deve tentar fazer. Nesse mundo, pense-se então na situação em que o comércio de bens com a China (e Ásia) tenha ainda mais peso no Brasil. No mais imediato, pense-se em nova invasão de produtos industriais chineses baratos, sem compradores nos EUA. Na semana passada, parte do governo vazava para a mídia que pensava em retaliar os EUA com mais imposto sobre filmes, produtos de beleza e óculos de sol. É idiotice, fora a falta de pragmatismo.

A reorganização incerta do comércio mundial de bens é só parte do problema. O comércio de bens e serviços do Brasil se torna deficitário (pagamos transportes, viagens internacionais, seguros, computação, royalties, cultura, "techs" etc.), para nem falar no déficit de rendas. Déficit, em si mesmo, não é problema, mas tem limite.

A China é grande no comércio aqui, mas tem só 5% do investimento, no capital de empresas (ante 1% em 2010), dados de 2023, os mais recentes. É menos que Espanha e França (7% cada um). EUA: 27%. Europeus ocidentais: 41%. O que vai ou precisa mudar nessa diferença de peso entre comércio e investimento?

Se o Brasil quer pensar da vida nesse execrável mundo novo trumpiano, tem de pensar nisso tudo aí, junto e misturado.

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher **SEG.** **Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato** **TER.** Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon **QUA.** Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman **QUI.** Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva **SEX.** Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire **SÁB.** Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Muller Machado

Reunião do BC com bancos reforça expectativa de acordo para o Master

Galípolo e representantes do Bradesco, do Itaú, do Santander e do BTG se encontraram neste sábado (5) em SP; solução, esperada para esta semana, deve envolver o FGC

Adriana Fernandes

BRASÍLIA A reunião extraordinária realizada na tarde deste sábado (5) entre o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, com os quatro maiores bancos privados do país reforçou a expectativa de uma solução mais rápida para a operação de aquisição do Master pelo BRB (Banco de Brasília).

O encontro ocorreu entre as 14h30 e as 15h30, na sede do BC em São Paulo.

A expectativa é de um acordo que envolva o FGC (Fundo Garantidor de Créditos), que cobre até R$ 250 mil de correntistas, poupadores e investidores em caso de problemas com instituições financeiras.

O presidente do FGC, Daniel Ferreira Lima, tinha reunião virtual marcada com Galípolo na quinta (3), mas o evento foi cancelado e remarcado para este sábado, com os banqueiros.

Uma pessoa envolvida no negócio do Master e o BRB, ouvida pela **Folha**, espera uma definição até meados desta semana de uma solução completa, que envolva também os precatórios (dívidas a receber de sentenças judiciais), direitos creditórios de ações judiciais, ações de empresas e parte de crédito da fatia do Master.

Esses ativos do Master considerados de maior risco e menor liquidez não foram adquiridos pelo BRB. Foram apartados da fatia do banco de Daniel Vorcaro que vai para o BRB.

Uma fórmula que foi discutida, antes do encontro deste sábado com o presidente do BC, é um arranjo em que os grandes bancos formariam um consórcio para ficar com o espólio desses ativos. O FGC garantiria o fluxo de caixa.

A outra alternativa seria a compra dos precatórios pelo BTG, e o restante do Master seria adquirido por Bradesco, Itaú Unibanco e Santander. As duas possibilidades foram discutidas na reunião deste sábado. Agora, os bancos privados analisam os ativos do Master para decidir sobre a compra.

Entre técnicos do BC ouvidos pela reportagem, há a avaliação também de que a definição será rápida e não pode demorar.

O chairman e sócio sênior do BTG, André Esteves, vinha negociando com Vorcaro uma proposta que envolvia o uso do FGC para cobrir problemas de lastro que pudessem aparecer nas operações de risco do Master e o pagamento de cerca de R$ 3 bilhões pela carteira de precatórios.

Esteves se reuniu com Galípolo para discutir o negócio na segunda (31), primeiro dia útil após o anúncio da aquisição do Master pelo BRB, na noite de sexta (28).

Após ser cobrado pela CVM, o BTG comunicou ao mercado que nunca fez proposta para aquisição de ativos ou de participação no capital social do banco Master.

R$ 107,8 bilhões
era o quanto o FGC (Fundo Garantidor de Créditos) tinha disponíveis em junho de 2024 (dados mais recentes) para arcar com eventuais calotes de instituições financeiras

R$ 45,6 bilhões
era o total de depósitos a prazo do Master no mesmo período

Em novo comunicado, divulgado na sexta (4), o BTG voltou a negar que teria feito proposta para aquisição de ativos ou de participação no capital social do Master.

Como informou a **Folha**, os grandes bancos cobram do BC um novo modelo de cobertura para o FGC, que cobre até R$ 250 mil de correntistas, poupadores e investidores em caso de problemas com instituições financeiras.

Pela proposta, bancos que queiram captar um volume maior de recursos com base no seguro do FGC teriam de pagar uma contribuição adicional, como ocorre em outros países. A medida funcionaria como uma espécie de penalidade pelo aumento do risco e atingiria os bancos médios e pequenos, de acordo com pessoas envolvidas nas discussões ouvidas pela reportagem.

O banco de Vorcaro tem como estratégia a venda de CDBs com alta remuneração. Hoje, os CDBs do Master representam quase metade do valor do fundo.

Segundo o mais recente balanço do FGC, de junho de 2024, o fundo tinha R$ 107,8 bilhões disponíveis para arcar com eventuais calotes de instituições financeiras. No mesmo período, o total de depósitos a prazo do Master somava R$ 45,6 bilhões, de acordo com dados do BC, o equivalente a 42% do fundo.

A agenda em um sábado é atípica. Estiveram presentes representantes do Bradesco, do Itaú, do Santander e do BTG Pactual.

Em nota, o BC disse que realiza reuniões periodicamente com integrantes do sistema financeiro "para tratar de assuntos referentes à estabilidade financeira".

Galípolo começa a semana em São Paulo, com participação em um evento, e depois volta à Brasília, onde será ouvido na terça pela CPI das Bets, no Senado.

Além de Galípolo, o diretor Nilton David (Política Monetária) participou do encontro deste sábado. Os diretores Paulo Picchetti (Assuntos Internacionais e de Gestão de Riscos Corporativos) e Rodrigo Teixeira (Administração) também estavam em São Paulo.

Segundo relato ouvido pela **Folha**, essa não foi uma reunião conclusiva e encontros com outras instituições de menor porte estão previstos para esta semana.

Colaborou Nathalia Garcia



O presidente do BC, Gabriel Galípolo, que se reuniu neste sábado (5) com representantes de quatro bancos Pedro Ladeira - 27.mar.25/Folhapress

Abranet reage em defesa de fintechs em meio a discussões sobre FGC

Ana Paula Branco

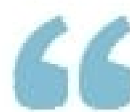
SÃO PAULO A movimentação de grandes bancos para aumentar a contribuição proporcional de instituições menores e médias ao FGC (Fundo Garantidor de Créditos) após a proposta de compra do Banco Master pelo BRB —que depende de aval do BC— gerou reação da Abranet (Associação Brasileira de Internet), que reúne mais de 150 fintechs, plataformas digitais de investimento e outras empresas do setor financeiro digital.

Em nota oficial, a Abranet critica qualquer tentativa de mudança no fundo sem um amplo debate público, alertando para o risco de que alterações apressadas no modelo atual do FGC possam "minar as conquistas das últimas décadas" em termos de inclusão financeira e liberdade de escolha dos consumidores.

Carol Conway, presidente do conselho da Abranet, afirma que "é preciso distinguir o caso específico do Banco Master do que é o setor financeiro e de pagamentos de uma forma geral".

"Estamos falando aqui de governança. Se vamos tratar da contribuição de um fundo que atende todo o mercado, estamos falando de ouvir todo o mercado dessa governança. Entendemos que o BC vai ouvir todas as associações representativas do mercado, inclusive a Abranet. Esse tem sido o modus operandi do Banco Central e eu espero que se mantenha, porque não interessa a ninguém que se tomem medidas que impactem a competição no mercado", afirma Conway.

A entidade defende que a digitalização do sistema financeiro e a abertura de mercado permitiram que milhões de brasileiros tivessem, pela primeira vez, acesso a produtos de investimento antes restritos a investidores de alta renda —avanço que só foi possível com um ambiente regulatório estável e com instrumentos como o FGC, que dão confiança ao investidor.



Se vamos tratar da contribuição de um fundo que atende todo o mercado, estamos falando de ouvir todo o mercado dessa governança

Carol Conway
presidente do conselho da Abranet, que reúne mais de 150 fintechs e plataformas digitais de investimento

O pedido dos grandes bancos para aumentar a contribuição proporcional de instituições menores e médias ao FGC é feito sob argumento de que essas empresas oferecem mais risco ao sistema e, por isso, acabam "subsidiadas" pelas contribuições dos maiores.

A Abranet rebate essa avaliação. Para a entidade, iniciativas como essa podem, na prática, gerar insegurança regulatória e favorecer a reconcentração do mercado nas mãos de poucos grandes bancos, justamente o oposto do que o ambiente digital buscou combater nos últimos anos.

CASAFOLHA
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA

A CASAFOLHA RECEBE EM SEU TIME A LÍDER DA ÁREA DE SAÚDE MENTAL E EMOCIONAL DOS ATLETAS OLÍMPICOS

"Vou dividir a minha experiência prática de mais de 20 anos trabalhando no esporte de alto rendimento e no desenvolvimento de pessoas que buscam a alta performance, seja no esporte, na vida, no trabalho, em qualquer área."

ALINE WOLFF
comanda o curso:

Preparação mental e o equilíbrio das emoções

ESTREIA: 10/4

Psicóloga clínica do esporte, mestre e doutora na área, ela é referência no atendimento de atletas medalhistas, como a ginasta Rebeca Andrade, além de líder das ações de saúde mental do Comitê Olímpico do Brasil.

Assine agora

e aproveite a oferta exclusiva.

DE ~~R$ 59,90*~~ POR APENAS
12x de R$ 19,90/MÊS.
*PROMOÇÃO VÁLIDA PARA O PLANO ANUAL.



Eufrázio

ESTREIAS INCRÍVEIS EM ABRIL

UMA DAS MELHORES CHEFS DO MUNDO ENSINA A APRIMORAR A CULINÁRIA DO SEU DIA A DIA

"Eu vou compartilhar com vocês a minha caminhada na gastronomia. A gente vai falar do meu trabalho no Maní, a gente vai falar sobre técnicas, ingredientes, liderança e criatividade na cozinha."

HELENA RIZZO

comanda o curso:

Alta gastronomia em casa

ESTREIA: 29/4

Chef do Maní, restaurante que detém uma estrela Michelin desde 2015 e figura há mais de dez anos na lista da premiação 50 Best. Já foi eleita a melhor chef mulher do mundo e é jurada do reality show MasterChef.

A CasaFolha é uma plataforma de streaming exclusiva na qual grandes nomes em diversas áreas dividirão suas visões de mundo e os caminhos que trilharam para alcançar o sucesso. São "masterclasses" preparadas e selecionadas pela Folha, com todo o cuidado, para explorar questões essenciais do desenvolvimento pessoal e profissional.

Já é assinante Folha? Acesse: casafolhasp.com.br/upgrade e faça o upgrade de sua assinatura.

FOLHA DE S.PAULO ★★★

mercado



Complexo industrial da Eldorado, localizado em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul Divulgação/Eldorado Celulose

Briga pela Eldorado pode ir para o Congresso, e rivais buscam influência

J&F e Paper Excellence, envolvidas na disputa, apontam nomes dos dois lados que representam força nos bastidores; projeto de senador flexibiliza Lei de Terras

Alex Sabino

SÃO PAULO Na briga que se arrasta de 2018 pelo controle da Eldorado Celulose, o argumento mais usado pelos opositores da alienação da empresa para a canadense Paper Excellence é que não houve autorização do Congresso Nacional. É o que determina a Lei de Terras, promulgada em 1971, para regulamentar a venda de imóveis rurais para estrangeiros.

Esse entendimento é questionado no STF (Supremo Tribunal Federal) e discutido no TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região). Também há ações no no TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo). A Paper busca em Paris indenização. Mas uma possível guinada de foco da empresa para vencer a disputa pode estar no próprio Congresso.

"O Congresso precisa tomar a dianteira, os órgãos de imprensa precisam tomar a dianteira (...) A questão das terras é algo extremamente sério. Não é só questão de atividade agrícola. É atividade industrial porque é corroborada por ações no campo que terminam na indústria", disse o ex-senador Romero Jucá (MDB-RO).

Ele deu a opinião durante o painel "investimentos estrangeiros e terras rurais", realizado em Brasília no dia 25 passado. O evento fez parte do fórum "O Cenário dos Investimentos Estrangeiros no Agronegócio Brasileiro", realizado pelo jornal Correio Braziliense, do Distrito Federal.

O patrocínio foi do escritório TQSR Advogados Associados, fundado por Roberto Teixeira, chamado também de "compadre de Lula". Ele é um dos advogados da Paper Excellence. Quase todos os participantes do painel têm ou tiveram ligação com a empresa do indonésio Jackson Wijaya. Jucá, por exemplo, circulou em evento no ano passado com crachá da Paper, segundo a revista Veja.

Após passar pelo Senado, está na Câmara dos Deputados o projeto de lei 2.963/2019, que muda a legislação de terras e flexibiliza a aquisição por empresas brasileiras de capital estrangeiro. A autoria é do senador Irajá (PSD-TO), também presente no evento. Se aprovado e sancionado, resolveria o problema da Paper na compra da Eldorado.

"[Há] A empresa nacional, CNPJ nacional, mas em que o controle do capital é estrangeiro. Não é possível que ainda existam poucas pessoas que tenham preconceito com esse tipo de investimento, que vai gerar emprego e trazer tecnologia e inovação", disse Irajá.

No artigo 21, o texto convalida aquisições e arrendamentos feitos por empresas brasileiras de capital estrangeiro depois de 1971. O projeto está parado na Mesa Diretora da Câmara, e o último despacho registrado foi em abril do ano passado.

"Existe um problema grave que eu gostaria de falar (...) O apego ao passado, aos conceitos antigos e falta de percepção do que deve ser construído a partir do que é moderno e do que é novo. Um dos exemplos que posso dar diz respeito à ideia de soberania nacional", disse, durante o evento, o ex-deputado federal, ex-ministro da Justiça e ex-advogado-geral da União José Eduardo Cardozo (PT-SP), advogado da Paper.

A soberania nacional é outro dos argumentos dos contrários à venda da Eldorado. A Paper nega ter sido a responsável, idealizadora ou ter tido qualquer envolvimento com o evento.

Pessoas ligadas à companhia já lembraram, no passado, que a J&F, após ter sofrido derrota por 3 a 0 na arbitragem do caso, teria financiado a realização, por meio de terceiros, de debates que questionavam o instituto da arbitragem para resolver questões societárias. A holding dos Batista afirma que isso nunca aconteceu.

A J&F aceitou vender a Eldorado para a Paper por R$ 15 bilhões, em setembro de 2017. No ano seguinte, o comprador entrou na Justiça por alegar que o vendedor não colaborava para a liberação das garantias, o que concluiria o negócio. A holding responde que o negócio se tornou nulo porque a rival não liberou as garantias e se declarou apta a assumir o comando da empresa, sendo que isso não era verdade.

Foi o início da ramificação de processos pelos anos seguintes.

Em uma das fracassadas tentativas de conciliação, advogados disseram que o principal argumento dos irmãos Batista para que Jackson Wijaya desistisse da Eldorado Celulose era que, quando a disputa chegasse a Brasília, ele não teria chance.

A briga chama a atenção do mercado por ser mais do que uma disputa societária. Transformou-se em questão política.

"MPF [Ministério Público Federal] pede suspensão de transferência da Eldorado para a Paper Excellence!! Ninguém pode estar acima da lei e da CF [Constituição Federal]. Essa situação atenta contra nossa soberania e essa e outras vendas a revelia da lei devem ser anuladas!!", comemorou no X (o antigo Twitter), o deputado federal Paulo Pimenta (PT-RS). Na época, ele era ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social do governo federal.

O ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, Paulo Teixeira (PT-SP), durante festa de casamento, reagiu com irritação ao pedido de advogado para conversar sobre a questão da Eldorado. Respondeu que a lei tinha de ser cumprida e ponto final. A Paper vê ligação dos Batista com o presidente Lula. A J&F descarta ter qualquer lobby favorável do governo federal.

É troca de acusações porque pessoas da J&F falam das conexões políticas da rival. Citam influência de Michel Temer (inimigo de Joesley) e do ex-governador de São Paulo João Doria. Em evento em Nova York do Lide, grupo empresarial liderado pelo político, Wijaya esteve presente para falar com deputados e governadores presentes.

A J&F fala sobre suposta busca da rival por nomes que poderiam exercer pressão, como José Eduardo Cardozo, Roberto Teixeira (por causa de sua proximidade com Lula) e Tarso Genro (PT-RS), ex-ministro das Relações Institucionais e, depois, da Educação nos dois primeiros mandatos de Lula. Genro teria proximidade com o desembargador Rogério Favreto (do TRF-4).

A Paper descarta a ligação. Lembra que Lula e Cardozo são desafetos. Diz que Teixeira, hoje em dia, tem pouca ligação com o presidente e que Genro não possui influência sobre Favreto. O desembargador concedeu liminar, devido a uma ação popular iniciada em Chapecó, que impediu a transferência de 100% das ações da Eldorado para a Paper.



Disputa pela empresa ocorre em várias cidades

Embora decisivo, Brasília é apenas um dos palcos onde se desenvolve a disputa pela Eldorado. A judicialização aconteceu em São Paulo, em 2018, o que desencadeou conflitos de competência, julgamento contestado no TJ-SP e depois considerado inválido, arbitragem e pedido de anulação. Houve denúncias de hackeamento de servidores.

Ações populares foram iniciadas em Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul, sede da empresa, e Chapecó, em Santa Catarina. Ambas questionam a venda por causa da Lei de Terras. Na semana passada, o STJ (Superior Tribunal de Justiça) confirmou que essa questão deve ser concentrada em Três Lagoas e no TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região).

Na capital federal também são travadas disputas no mesmo STJ e uma ADI (Ação Direta de Inconstitucionalidade) pede, no Supremo, a uniformização da interpretação da Lei de Terras.

LEILÃO DE TERRENO
SOMENTE ONLINE
BIASI leilões
Dia 17 de Abril de 2025 início 09:00 e encerramento às 15:00 horas.
Terreno no Jardim Zara em Ribeirão Preto/SP | Área de 30.979,00 m² | Imperdível! Confira e Aproveite!
AVISO DE LICITAÇÃO Nº LEILÃO DE IMÓVEIS Nº 003/2025 Nº Processo: 018.00024882/2024-87
À vista ou Parcelado conforme edital.
Leiloeiro Oficial: Eduardo Consentino - JUCESP nº 576 | João Victor Barros Cabral - Preposto em exercício

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES

MÉDICO I - AMBULATÓRIO DE PEDIATRIA DA UNIDADE DE EMERGÊNCIA (SALA DE URGÊNCIA DE PEDIATRIA U.E)
JORNADA: 20H SEMANAIS
Ed. Nº 22/2025 - (1 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÃO:
As inscrições serão efetuadas através da Internet no site **www.hcrp.usp.br** no período entre: **00:00h do dia 07/04/2025 às 14:00h do dia 25/04/2025.**

Valor da Taxa Inscrição: R$ 122,17

Os Editais na íntegra encontram-se no site www.hcrp.usp.br

CONVOCAÇÃO PARA AS PROVAS
(somente para os candidatos inscritos)
- OBJETIVA e DISSERTATIVA E AVALIAÇÃO DE TÍTULOS
DATA: 06/05/2025 - 18h00m
LOCAL: ANFITEATRO DO CEAPS - 2.º ANDAR do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da FMRP-USP - Campus Universitário s/n - Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP.

(Aguardar na Portaria Principal do Hospital)

Companhia Brasileira de Distribuição
Companhia Aberta de Capital Autorizado
CNPJ nº 47.508.411/0001-56 – NIRE 35.300.089.901

Edital de Convocação - Assembleia Geral Extraordinária

A Companhia Brasileira de Distribuição ("Companhia"), em atendimento a pedido de convocação apresentado pelo acionista Saint German Fundo de Investimento Financeiro Multimercado com base no art. 123, parágrafo único, alínea "c", da Lei nº 6.404/76 ("Lei das S.A.") e no art. 2º da Resolução CVM nº 70, de 22 de março de 2022 ("Resolução CVM 70"), vem convocar os senhores acionistas da Companhia a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária ("Assembleia"), a ser realizada **no dia 5 de maio de 2025, às 11h, de modo exclusivamente digital**, a fim de deliberarem sobre as seguintes matérias constantes da Ordem do Dia: I. Destituição integral do Conselho de Administração da Companhia; II. Fixação em 9 (nove) do número de membros do Conselho de Administração da Companhia para um novo mandato unificado de 2 (dois) anos, a se encerrar na assembleia geral ordinária que deliberar sobre as demonstrações financeiras do exercício social a se encerrar em 31 de dezembro de 2026; e III. Eleição dos membros do Conselho de Administração da Companhia e aprovação da qualificação dos membros independentes. Informações Gerais: A Assembleia foi convocada a pedido do acionista Saint German Fundo de Investimento Financeiro Multimercado, com fundamento na alínea "c" do parágrafo único do art. 123 da Lei das S.A. e no art. 2º da Resolução CVM 70. A Companhia recomenda aos acionistas a leitura atenta da proposta da administração para a Assembleia, divulgada pela Companhia em 3 de abril de 2025, que contém os fundamentos e documentos do pedido apresentado pelo acionista. Informamos que permanecem à disposição dos Senhores Acionistas, na sede social da Companhia, nas páginas de relações de investidores da Companhia (www.gpari.com.br), da Comissão de Valores Mobiliários ("CVM") (www.gov.br/cvm) e da Brasil, Bolsa, Balcão (www.b3.com.br), toda documentação pertinente às matérias que serão deliberadas na Assembleia ora convocada, incluindo a Proposta da Administração e Manual de Participação para esta Assembleia ("Proposta da Administração"). O acionista poderá participar da Assembleia por meio de sistema eletrônico ou via boletim de voto a distância, nos termos descritos abaixo e conforme as instruções detalhadas contidas na Proposta da Administração e no próprio boletim de voto (no caso de participação via boletim): 1. Participação na Assembleia via sistema eletrônico: A Assembleia será realizada de modo exclusivamente digital, por meio da plataforma digital "Ten Meetings", que proverá acesso à Assembleia, bem como realizará o acompanhamento e controle da votação relativa a cada uma das matérias constantes da "Ordem do Dia" da presente Assembleia ("Plataforma Digital"). Dessa forma, o Acionista que desejar participar e votar na Assembleia deverá observar os procedimentos indicados na Proposta da Administração de acordo com o seu tipo de participação. Em atenção ao artigo 5º, parágrafo 4º da Resolução da CVM nº 81, de 29 de março de 2022 ("Resolução CVM 81"), a Companhia esclarece que optou por realizar a Assembleia de forma exclusivamente digital visando a facilitar a participação dos acionistas, independentemente de sua localização geográfica, garantindo maior comodidade e acessibilidade. Essa modalidade busca otimizar a condução dos trabalhos, melhorar a eficiência na deliberação das matérias e reduzir custos operacionais, sobretudo relacionados a deslocamentos e organização de assembleias presenciais. Os acionistas que desejem participar via sistema eletrônico deverão acessar, até o dia 3 de maio de 2025, o link https://assembleia.ten.com.br/049172014 e realizar o cadastro na Plataforma Digital, preenchendo todas as informações solicitadas e fornecendo todos os documentos indicados abaixo neste Edital de Convocação e na Proposta da Administração. **Nos termos do artigo 6º, parágrafo 3º da Resolução CVM 81, o acionista que não tiver concluído adequadamente o seu cadastro até o dia 26 de abril de 2025 não estará autorizado a participar da Assembleia.** Os seguintes documentos deverão ser encaminhados pelos acionistas por meio do endereço eletrônico indicado acima: (a) Para pessoas físicas: documento de identidade com foto do acionista; (b) Para pessoas jurídicas: **(i)** estatuto social ou contrato social consolidado, conforme o caso, e os documentos societários que comprovem a representação legal do acionista; e **(ii)** documento de identidade com foto do representante legal; (c) Para fundos de investimento: **(i)** regulamento consolidado do fundo; **(ii)** estatuto ou contrato social do seu administrador ou gestor, conforme o caso, observada a política de voto do fundo (ou da respectiva classe) e documentos societários que comprovem os poderes de representação; e **(iii)** documento de identidade com foto do representante legal; e (c) caso qualquer dos acionistas indicados nos itens (a) a (c) acima venha a ser representado por seu Representante, além dos respectivos documentos indicados acima, deverá encaminhar **(i)** procuração com poderes específicos para sua representação na Assembleia; **(ii)** documentos de identidade do Representante presente, bem como, no caso de pessoa jurídica ou fundo de investimento, cópias do documento de identidade e ata de eleição do(s) representante(s) legal(is) que assinou(aram) o mandato que comprovem os poderes de representação. Para esta Assembleia, a Companhia aceitará procurações outorgadas por acionistas por meio eletrônico, assinadas preferencialmente com uso da certificação ICP-Brasil ou por meio do portal "Gov.br". **2.** Participação na Assembleia Geral por meio de boletim de voto a distância: Conforme detalhado na Proposta da Administração, os Acionistas que tenham interesse em exercer o seu direito de voto através do envio de Boletim de Voto a Distância, nos termos da Resolução CVM 81, poderão fazê-lo **(i)** por meio do envio do Boletim de Voto a Distância diretamente à Companhia, exclusivamente por meio da Plataforma Digital, conforme abaixo indicado; ou **(ii)** por meio do envio de instruções de preenchimento **(a)** ao Agente Escriturador; **(b)** aos seus respectivos agentes de custódia (caso prestem esse tipo de serviço); ou **(c)** ao depositário central no qual as ações estejam depositadas. Caso opte pelo envio do Boletim de Voto a Distância diretamente à Companhia, o acionista deverá: **1.** Criar um cadastro com login e senha único no endereço eletrônico https://assembleia.ten.com.br/049172014; e **2.** Marcar e confirmar os votos na aba "BVD". Em todos os casos, para produzir efeitos, o Boletim de Voto a Distância deverá ser recebido por uma das formas indicadas neste Edital e na Proposta da Administração, em plena ordem e de acordo com o disposto acima, com, pelo menos, 4 (quatro) dias de antecedência da data de realização da Assembleia, ou seja, até o dia 1º de maio de 2025 (inclusive). Se o Boletim de Voto a Distância for recebido após a data acima indicada, os votos não serão computados. Informações detalhadas sobre a participação do acionista diretamente, por seu representante legal ou procurador devidamente constituído, bem como as regras e procedimentos para participação e/ou votação a distância na Assembleia, inclusive orientações para envio do Boletim e ainda, orientações sobre acesso à Plataforma Digital e regras de conduta a serem adotadas na Assembleia constam da Proposta da Administração. Nos termos do artigo 3º da Resolução CVM nº 70/22 e do artigo 5º, inciso I, da Resolução CVM 81, informa-se que o percentual mínimo de participação no capital social votante necessário para o requerimento da adoção do processo de voto múltiplo para a eleição dos membros do Conselho de Administração é de 5% (cinco por cento) das ações com direito a voto da Companhia, sendo certo que eventual requerimento deverá ser apresentado com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas em relação à Assembleia. Por fim, a Companhia informa que, caso o Conselho Fiscal não seja instalado por ocasião da Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária a ser realizada no dia 28 de abril de 2024, a instalação do Conselho Fiscal poderá ser solicitada pelos acionistas que detiverem, no mínimo, 2% do capital social votante, nos termos do artigo 4º da Resolução CVM nº 70.

São Paulo, 3 de abril de 2025.

Renan Bergmann
Presidente do Conselho de Administração

seminários folha ★★★
Os temas mais necessários e relevantes a um play de distância de você.
Acesse o site folha.com/seminariosfolha
FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

STF tem maioria para excluir do limite do arcabouço verbas do Judiciário

Raphael Di Cunto

BRASÍLIA O STF (Supremo Tribunal Federal) formou maioria neste sábado (5) para excluir do limite de despesas da União previsto pelo novo arcabouço fiscal as verbas obtidas pelo Judiciário para custeio próprio. Com isso, receitas recebidas pelos tribunais por contratos, convênios, custas processuais e emolumentos não estarão mais sujeitas a essa restrição.

O processo está em 6 a 0 para autorizar o Judiciário a gastar mais. O ministro relator, Alexandre de Moraes, foi seguido por Dias Toffoli, Edson Fachin, Luís Roberto Barroso, Cristiano Zanin e Gilmar Mendes —que tinha pedido vista do processo, mas o devolveu para julgamento em março.

Os demais ministros têm até sexta-feira (11) para depositar seus votos no plenário virtual, mas já há maioria a favor do pedido da AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros) para que essas verbas sejam excluídas do arcabouço, assim como ocorre com as receitas próprias de universidades federais e empresas públicas da União.

A decisão rejeitou os argumentos do Congresso e do Executivo de que a limitação das despesas do Judiciário era constitucional. Segundo a Câmara, as normas questionadas cumpriram os trâmites constitucionais e regimentais.

Para o Senado, a inclusão das verbas do Judiciário é necessária para que o ônus do novo arcabouço seja compartilhado com isonomia entre os Poderes. Ao excluí-las, a limitação de despesas ficará restrita ao Legislativo e ao Executivo, o que compromete a economia prevista pela regra fiscal.

O arcabouço fiscal foi o modelo definido pelo governo Lula (PT) para controlar as despesas da União e indicar maior responsabilidade fiscal, com o fim dos déficits primários a médio prazo. Essa lei limita o crescimento das despesas dos três Poderes a uma fórmula que leva em conta o crescimento das receitas da União mais a inflação do período.

Para a Presidência, o pedido da AMB não tem pertinência temática e é juridicamente inviável, por resultar em atuação do Judiciário como legislador.

A Presidência alegou ainda que os dispositivos questionados se voltam à "estabilidade macroeconômica do país, sem interferir na gestão e na aplicação de recursos do Poder Judiciário da União".

A AGU (Advocacia-Geral da União) também manifestou-se pela improcedência do pedido.

Já a PGR (Procuradoria-Geral da República) opinou pela inconstitucionalidade da norma e a favor de que as verbas obtidas pelo Judiciário sejam excluídas do arcabouço fiscal.

Boas notícias na segurança gaúcha

Indicadores de criminalidade no estado têm forte queda desde início de programa

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV), é doutor em economia pela USP

Tem havido no Rio Grande do Sul uma forte queda dos indicadores de criminalidade. Os homicídios caíram de 28 por 100 mil habitantes em 2017 para 13 em 2024, uma redução de 54%. Os bons números ocorrem também em roubos de veículos, queda de 87%; a pedestres, de 78%; a residências, 71%; e ao comércio, queda de 83%. Sempre 2024 em comparação com 2017.

A queda expressiva dos homicídios surpreende. Há o entendimento, muito em razão de pesquisas conduzidas por antropólogos que estudam a criminalidade, de que as experiências de queda acentuada dos homicídios no Brasil devem-se ao poder de monopólio do uso da violência em um espaço geográfico por uma organização criminosa, que, portanto, produz, a paz do crime.

O exemplo sempre citado é a queda da criminalidade em São Paulo nas primeiras duas décadas do século: não seria fruto de políticas de segurança do governo do Estado, mas sim do monopólio do PCC. No Rio Grande do Sul, não há o domínio do território por uma única organização criminosa. Temos, portanto, uma experiência positiva de combate à criminalidade fruto da política pública.

Os bons números do estado no combate à criminalidade ocorrem simultaneamente a números relativamente baixos das mortes decorrentes de intervenções policiais. Em 2023, morreu em choque com as forças de segurança 1,3 pessoa por 100 mil habitantes, ante 3,1 da média nacional. Para Sergipe, Bahia e Amapá, os números foram, respectivamente, de 10, 12 e 23. Reduzir a criminalidade não tem nenhuma associação ao fato de a polícia ser particularmente violenta ou dura. O bordão "bandido bom é bandido morto" não conduz a boas políticas de combate à criminalidade.

> **Reduzir a criminalidade não tem nenhuma associação ao fato de a polícia ser particularmente violenta ou dura. O bordão 'bandido bom é bandido morto' não conduz a boas políticas de combate à criminalidade**

O Programa RS Seguro, que completa seis anos, vinculado diretamente ao governador do estado, mudou a visão de segurança pública. O primeiro passo foi a construção de uma base de dados muito cuidadosa com as informações criminais georreferenciadas e atualizadas diariamente. Permite rapidamente a construção de diagnóstico e de acompanhamento do crime. A distribuição do efetivo policial obedece a critérios técnicos a partir da distribuição espacial e no tempo da criminalidade. Parece simples, mas significa muitas vezes reduzir o efetivo policial em áreas nobres, com baixos índices de criminalidade, para reforçar áreas mais pobres.

Adicionalmente, há um cuidadoso e exaustivo mecanismo de pronto diagnóstico quando problemas ocorrem e de difusão das boas práticas por todo o estado. Há uma permanente coordenação entre os órgãos de segurança pública, incluindo a administração penitenciária, e destes com as demais instituições ligadas ao sistema de justiça criminal: Ministério Público e Poder Judiciário.

Um conjunto intenso de reuniões mensais nos 23 municípios priorizados —que juntos concentravam, no início do RS Seguro, 72% das mortes violentas, 90% dos roubos a pedestres e 91% dos roubos de veículos— nas 21 regiões do estado em que a segurança está organizada, outras semanais com a presença da cúpula da segurança pública e finalmente um encontro mensal com o governador mantêm um fluxo tempestivo de diagnósticos dos problemas e suas ações corretivas, além da circulação de boas práticas.

A liderança do governador Eduardo Leite tem sido um elemento essencial para o sucesso das políticas de segurança no estado. Que outros o sigam.

mercado

Declarar dependente reduz IR, mas pode levar à malha fina

IR 2025

Cristiane Gercina

SÃO PAULO Marido, mulher, companheira, companheiro, filhos ou enteados e até pais, avós e bisavós podem ser dependentes no IR 2025 e garantir ao contribuinte titular da declaração uma dedução de R$ 2.275,08 no ano por dependente.

Para isso, é preciso que a pessoa dependa financeiramente do titular, segundo a Receita, e não seja obrigada a entregar a declaração.

Filhos ou enteados podem ser dependentes até os 21 anos ou até os 24, se estiverem estudando no ensino superior ou em escola técnica de segundo grau. Se o filho ou enteado tiver deficiência, não há limite de idade, mas a remuneração não pode exceder os limites de dedução permitidos por lei.

Pais, avós ou bisavós podem entrar como dependentes se tiverem recebido, em 2024, renda tributável ou não de até R$ 26.963,20.

Os gastos do dependente podem ser deduzidos, como as despesas com educação e saúde. Para educação, o limite é de até R$ 3.561,50 no ano por pessoa. Não há limite para despesas com saúde do titular e do dependente.

Mas também é preciso informar rendimentos recebidos pelos dependentes, tributáveis ou não, e outros dados, como investimentos, contas bancárias e bens e direitos que ele possuir.

Casais que fazem o IR em conjunto colocam um deles como dependente. Nesse caso, além de observar se o contribuinte não está obrigado a declarar, é necessário também fazer cálculos, no programa do IR, porque, ao informar um dependente com renda, pode ser que não compense e o melhor seja declarar separadamente.

Além das despesas com saúde, educação e dependentes, é possível ter dedução com o pagamento de previdência pública, contribuições ao INSS para autônomos e carnê-leão, também para profissionais sem carteira assinada.

Não há um limite de dependentes que podem ser lançados. O contribuinte pode informar no IR todos que dependem dele.

O prazo para prestar contas ao fisco é 30 de maio.

LEIA MAIS SOBRE O IR 2025
folha.com/impostoderenda

unesp

Universidade Estadual Paulista
"CAMPUS DE RIO CLARO"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Encontra-se aberto no Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio Claro da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UASG 102323, a licitação na modalidade de Pregão Eletrônico nº 90002/2025 – IGCE/CRC, objetivando a AQUISIÇÃO DE VEÍCULOS MOTORIZADOS DOS TIPOS: 1) MICRO-ÔNIBUS COM CAPACIDADE PARA 37 PASSAGEIROS SENTADOS, COMBUSTÍVEL DIESEL, MOTOR DE, NO MÍNIMO, 170CV, TRAÇÃO TRASEIRA, TRANSMISSÃO MANUAL, DIMENSÃO MÍNIMA DE RODA 7.5X19.5 POLEGADAS E DE PNEU 285/70R19,5; 2) VAN COM CAPACIDADE PARA 20 PASSAGEIROS SENTADOS, TETO ALTO, COMBUSTÍVEL DIESEL, MOTOR DE, NO MÍNIMO, 160CV E 2,0 LITROS, TRAÇÃO TRASEIRA, TRANSMISSÃO MANUAL E RODAGEM DUPLA NA TRASEIRA; E 3) UTILITÁRIO CABINE DUPLA, COMBUSTÍVEL GASOLINA/ETANOL, MOTOR DE, NO MÍNIMO, 95CV E 1,3 LITRO, TRAÇÃO DIANTEIRA E TRANSMISSÃO MANUAL, PARA O IGCE-CRC E PARA A FCT-CPP, cujo critério de escolha é o de menor preço. A abertura da sessão pública "online", será no dia 22/04/2025, às 09:00h, junto ao endereço eletrônico https://www.gov.br/compras/pt-br. As propostas eletrônicas deverão ser enviadas para o endereço eletrônico citado, durante o período de 07/04/2025 até o dia e horário previstos para abertura da referida sessão pública. Os procedimentos da presente licitação serão tramitados junto à Seção Técnica de Materiais, situada à Avenida 24 A nº 1515, Bairro Bela Vista, Rio Claro, Estado de São Paulo. O Edital, na íntegra, consta nos sites: https://www.gov.br/pncp/pt-br e https://ape.unesp.br/licitacao/ - Processo nº 253/2025 – IGCE/CRC.

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária – itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária – itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária – itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária – itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

ERRATA - LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA (PRESENCIAL E ON-LINE)

Alienação Fiduciária – itaú

1º Leilão: dia 11/04/2025 às 14h30 2º Leilão: dia 22/04/2025 às 14h30

Conforme publicação de edital de Alienação Fiduciária pelo credor fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, no jornal "Folha de São Paulo", nos dias 01, 02 e 03/04/2025, referente ao imóvel objeto da matrícula nº 145.142 do 8º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. **ONDE SE LEU: Segundo Leilão, com lance mínimo igual ou superior a R$ 329.761,22 LEIA-SE: Segundo Leilão, com lance mínimo igual ou superior a R$ 342.574,89. Eduardo Consentino, Matrícula – JUCESP 616 – Leiloeiro Oficial – (João Victor Barroca Galeazzi – preposto em exercício).**

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

Sindicato dos Empregados em Postos de Serviços de Combustíveis e Derivados de Petróleo de São José dos Campos, Vale do Paraíba e Região

O Presidente do Sindicato dos Empregados em Postos de Serviços de Combustíveis e Derivados de Petróleo de São José dos Campos, Vale do Paraíba e Região, com sede à Rua Itabuna nº. 90, Jardim Satélite, São José dos Campos/SP., no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, faz saber aos associados quites com a tesouraria, que se encontra aberta o prazo de 05 (cinco) dias para a inscrição de chapas para concorrer às eleições sindicais que serão realizadas nos dias 10 e 11 de setembro de 2025, das 07:00h às 18:00h para a composição da Diretoria, Conselho Fiscal, Delegados representantes junto à Federação e respectivos Suplentes. O prazo para registro de chapas na sede do sindicato funcionará no horário das 09:00h às 17:00h para pesquisas do Estatuto e demais informações. Não serão permitidos votos por correspondência e os demais procedimentos eleitorais obedecerão ao disposto no Estatuto Social. A Cópia deste Edital está fixada na sede do Sindicato.

São José dos Campos, 06 de abril de 2025.

José Felipe da Silva
Presidente

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária – itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE

Alienação Fiduciária – itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

[illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

[illegible]

Eufrázio

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 63/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

TÉCNICO DE ENFERMAGEM POR PRAZO DETERMINADO PARA RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 07/04/2025 às 14h do dia 09/04/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **Ensino Médio** expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão do Curso de **Técnico de Enfermagem** expedido por escola oficial ou reconhecida;
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 45,00 (quarenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 36h/semanais.

Salário: **R$ 3.112,72**
(três mil, cento e doze reais e setenta e dois centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 64/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

REPARADOR GERAL PARA AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 07/04/2025 às 14h do dia 11/04/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **Ensino Fundamental**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir experiência comprovada na função de **Manutenção Hidráulica, Elétrica, Mecânica e Reparos na área de Construção Civil**.
- Serão considerados documentos comprobatórios de experiência: contratos de trabalho, registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) ou Declaração em papel timbrado, descrevendo a atividade que exerceu, contendo CNPJ e assinatura do empregador com firma reconhecida.

Taxa: R$ 10,00 (dez reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.

Salário: **R$ 2.411,74**
(dois mil, quatrocentos e onze reais e setenta e quatro centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA TEÓRICA
(somente para os candidatos inscritos)

DATA: 29/04/2025 - 19h.
LOCAL: Hospital Estadual Américo Brasiliense - Alameda Aldo Lupo, 1.260, Vila Cerqueira, Américo Brasiliense/SP.

Os candidatos deverão comparecer ao local da Prova Teórica **30 minutos antes** da hora marcada para o início, munidos do documento de **identidade original com foto**, comprovante de pagamento bancário da inscrição, caneta de tinta azul ou preta, lápis preto e borracha.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 65/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

AUXILIAR DE TRABALHOS CIENTÍFICOS PARA RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 07/04/2025 às 14h do dia 11/04/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Certificado de Conclusão do **Ensino Médio**, expedido por escola oficial ou reconhecida, ou Declaração de Conclusão do curso fornecida pela escola;
c) Possuir conhecimentos em:
- Planejamento e condução de projetos de pesquisa clínica;
- Navegação e busca dentro dos ambientes de internet e intranet;
- Informática: editores de texto, planilhas e apresentações, além de conceitos de pastas e diretórios;
- Inglês;
- Bioética;
- Regulamentações em Pesquisa Clínica;
- Boas Práticas em Pesquisa Clínica.

Taxa: R$ 45,00 (quarenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.

Salário: **R$ 2.617,40**
(dois mil, seiscentos e dezessete reais e quarenta centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 66/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

ANALISTA DE SISTEMAS (DESENVOLVEDOR) PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 07/04/2025 às 14h do dia 22/04/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação na área de **Informática ou Tecnologia - Análise de Sistemas, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Engenharia Informática, Sistemas de Informação, Processamento de Dados, Tecnologia em Informática, Informática Biomédica, Engenharia Elétrica e/ou Eletrônica com Ênfase em Sistemas Digitais, Ciência de Dados, Telecomunicações e demais cursos de nível superior da área de Informática ou Tecnologia** -, ou Declaração de Conclusão de Curso expedida por escola oficial ou reconhecida.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 40h/semanais.

Salário: **R$ 7.400,55**
(sete mil e quatrocentos reais e cinquenta e cinco centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

Sindicato dos Supervisores de Ensino do Magistério Oficial no Estado de São Paulo - APASE

Edital de Convocação - Assembleia Geral Extraordinária Deliberativa

A Diretora-Presidente do Sindicato dos Supervisores de Ensino do Magistério Oficial no Estado de São Paulo - APASE, nos termos do artigo 9º, incisos I, XII e §3º do artigo 12, e inciso III do artigo 27 do Estatuto APASE, **convoca os filiados ao Sindicato APASE que se encontram em atividade,** para participarem da **Assembleia Geral Extraordinária Deliberativa Descentralizada** a ser realizada em 14/04/2025, das 8h às 18h, nas dependências das Diretorias de Ensino das 91 regiões do Estado de SP, para tratar dos seguinte assuntos: I - **PAUTA:** 1. Campanha Salarial da categoria; 2. Adesão à greve da educação paulista; 3. Adesão à paralisação de 25/04 da educação; 4. Manifestação nas sedes das DE.

Rosaura Aparecida de Almeida - Diretora-Presidente

BIASI leilões | **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE** | itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças de nº 10179322706, firmado em 23/11/2022, no qual figura como Fiduciante, **BRUNA MAYARA PARADELLO FOLEIS**, brasileira, solteira, maior, não mantendo união estável, [illegible], portadora da cédula de identidade CNH nº 06458530101-DETRAN/SP, inscrita no CPF sob nº 459.476.348-48, residente e domiciliada em Indaiatuba/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 17 de abril de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 371.887,78 (Trezentos e setenta e um mil, oitocentos e oitenta e sete reais e setenta e oito centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído pelo **APARTAMENTO nº 401 (duplex), localizado nos 3º e 4º andares do BLOCO 03, do Condomínio Residencial "SPAZIO ILLUMINARE", situado na Rua Benedito Gonçalves de Araújo, nº 25, nesta cidade e comarca de Indaiatuba/SP, com as seguintes dependências e áreas: Dependências: inferior cobertura: dormitório 1 com banheiro privativo, dormitório 2, dormitório 3, banheiro social, circulação, escada de acesso ao piso superior, cozinha com área de serviço e sala; superior cobertura: sala, lavabo, escada de acesso ao piso inferior e terraço descoberto; Áreas: área útil real de 123,3200 m², área comum real de 25,2819 m², área total real de 148,6019 m² e fração de terreno de 157,4261 m² e fração de terreno de 0,396887%. Cabe a este apartamento o direito ao uso da VAGA DE GARAGEM DESCOBERTA (2,50m x 5,00m), nº 115, localizada no pavimento térreo do condomínio. Matrícula nº 91.102 do Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Indaiatuba/SP.** Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 28 de abril de 2025, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 321.944,16 (Trezentos e vinte e um mil, novecentos e quarenta e quatro reais e dezesseis centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais de realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões | **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE** | itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº 10105651000, firmado em 19/11/2021, no qual figura como Fiduciante, **LEILA KREPS**, RG nº 34754480-9-SSP/SP, CPF/MF nº 288.380.678-23, brasileira, solteira, maior, [illegible], residente e domiciliada em Sorocaba/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 17 de abril de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 393.919,32 (Trezentos e noventa e três mil, novecentos e dezenove reais e trinta e dois centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **UMA UNIDADE AUTÔNOMA, designada por APARTAMENTO Nº 32, tipo 1, localizada no 3º pavimento, do Bloco 01, integrante do Condomínio "NATURE RESIDENCIAL CLUBE", com entrada pelo nº 1.120 da Rua Salvador Milego, em Sorocaba/SP, com uma área privativa coberta padrão de 80,6300 m², uma área de uso comum de 29,0940 m², perfazendo uma área total de 109,7240 m², correspondendo-lhe uma fração ideal de 0,0395, no terreno onde está construído o conjunto. Cabendo-lhe o direito ao uso de 02 vagas no estacionamento coletivo do condomínio, para guarda de 02 veículos de pequeno ou médio porte, em locais indeterminados. Matrícula nº 128.253 do 2º Oficial de Registro de Imóveis de Sorocaba/SP.** Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 28 de abril de 2025, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 249.100,85 (Duzentos e quarenta e nove mil, cem reais e oitenta e cinco centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões | **LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE** | itaú

1º Leilão: dia 17/04/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 28/04/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Bem Imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº 10176344802, firmado em 19/08/2022, no qual figura como Fiduciante, **NAYRA DE OLIVEIRA ROSA**, brasileira, solteira, maior, auxiliar de cobrança, CPF/MF nº 346.296.508-57, residente e domiciliada em Ribeirão Preto/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 17 de abril de 2025, às 14:00 horas**, à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 254.227,00 (Duzentos e cinquenta e quatro mil, duzentos e vinte e sete reais)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **UM TERRENO URBANO, situado nesta cidade de Ribeirão Preto/SP, com frente para a Rua Nadim Hanna, constituído por parte do lote nº 28, da quadra nº 41, do loteamento denominado "PLANALTO VERDE", de forma regular, medindo 5,00m de frente para a referida rua e igual medida na linha do fundo, por 25,00m da frente aos fundos, de ambos os lados, confrontando do lado direito de quem da rua olha o imóvel, com parte do mesmo lote nº 28, na linha do fundo com parte do lote nº 27 e do outro lado com o lote nº 30, com área de 125,00 m², localizado no lado par da numeração predial, delimitado pelas Ruas Nadim Hanna, Max João Waldemar Jentsch e Maria Tereza Braga Gerti. No terreno foi construído UM PRÉDIO RESIDENCIAL, com a área de 70,00 m², que recebeu o nº 198 da Rua Nadim Hanna. Matrícula nº 137.875 do 1º Oficial de Registro de Imóveis de Ribeirão Preto/SP.** Obs: Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 28 de abril de 2025, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 235.123,99 (Duzentos e trinta e cinco mil, cento e vinte e três reais e noventa e nove centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biasileiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biasileiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.biasileiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil.** As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

mercado

Grandes empresas elevam compra de energia de fazendas eólicas e solares

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

LONDRES | FINANCIAL TIMES Grandes empresas estão intensificando a compra de energia de novas fazendas eólicas e solares, impulsionando a indústria de renováveis, à medida que governos com restrições financeiras enfrentam pressão para reduzir subsídios.

A quantidade de eletricidade renovável vendida a empresas sob acordos de compra de energia de longo prazo (PPAs) aumentou 35% no ano passado, de acordo com dados da BloombergNEF. O maior aumento foi nos EUA, onde empresas de tecnologia têm investido em renováveis para alimentar centros de dados.

"A Amazon foi de longe a empresa número 1", disse Nayel Brihi, analista da BloombergNEF. Mas ele acrescentou que outro fator significativo foram empresas dos setores de químicos, mineração e matérias-primas, especialmente em países em desenvolvimento.

O aumento ocorre enquanto Markus Krebber, CEO da RWE, um dos maiores desenvolvedores de renováveis do mundo, disse que sua empresa precisava de compromissos de longo prazo antes de prosseguir com novos projetos de energia eólica offshore.

Ele também disse esperar que o ritmo de desenvolvimento de renováveis diminua devido a juros mais altos, tarifas, e geopolítica.

"Estamos em um ambiente muito mais incerto e instável do que há cinco anos."

EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLEIA GERAL DE FUNDAÇÃO, APROVAÇÃO DO ESTATUTO, ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA E DO CONSELHO FISCAL
HM EQUESTRIAN

Ficam todos os interessados convocados para participar da Assembleia Geral para a fundação da entidade denominada HM EQUESTRIAN, aprovação de seu Estatuto, eleição e posse da Diretoria e do Conselho Fiscal que será realizada no Município de São Paulo, Estado de São Paulo, na Avenida Queiroz Filho, 1700 – conj. 804 – Torre D – Pinheiros – São Paulo – CEP: 05319-000, no dia 22/04/2025, com primeira chamada prevista para às 9:30 horas e a 2ª chamada às 10:00 horas.

São Paulo, 04 de abril de 2025.
HM EQUESTRIAN - Luana Salmi Horta Nasser

GUARIGLIA LEILOEIRO OFICIAL

LEILÃO QUINTA-FEIRA - 10/04/2025 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 200 VEÍCULOS
PRESENCIAL E ONLINE **VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS**

VEÍCULOS EM CAÇAPAVA/SP E CANDEIAS/BA | LOCAL PREGÃO: CAÇAPAVA/SP

VISITAÇÃO: 09/04/2025, das 12 às 17h e 10/04/2025, das 07 às 09h | Avenida Henry Nestle - 1500 - CAÇAPAVA/SP
VISITAÇÃO: 09/04/2025, das 09 às 16h e 10/04/2025, das 07 às 09h | Rodovia BA - 522, KM 5 - Caroba - CANDEIAS/BA

•**MODELOS:** VOLKSWAGEN/9.170 DRC 4X2 2022/2023 - MAN/TGX 28.440 6X2 T 2019/2020 - VOLVO/FH 540 6X4T 2014/2015 - DAF/XF FTT 530 2022/2022 - MERCEDES-BENZ/AXOR 2644 S6X4 2014/2014 - FACCHINI/SEMI-REBOQUE SRF 2CB 2023/2023 - LIBRELATO/SEMI-REBOQUE DLCBQRI2 2E 2021/2022 - RANDON/SEMI-REBOQUE SR CA RTD2E 2022/2022 - FIAT/TORO RANCH AT9 4X4 2021/2022 - HONDA/CIVIC EXL CVT 2016/2017 - FIAT/ARGO DRIVE 1.0 2019/2020 - VOLKSWAGEN/GOL 1.6L MB5 2021/2022 - CHEVROLET/ONIX PLUS 10MT LT2 2020/2021 - HYUNDAI/HB20S 1.0M EVOLUT 2021/2022 - FORD/ECOSPORT TIT2AT 1.5 2019/2020 - RENAULT/KWID ZEN 10MT 2020/2021 - YAMAHA/CROSSER S ABS 2024/2024 - YAMAHA/MT-03 ABS 2024/2025 - HONDA/CG 160 FAN 2024/2025 - HONDA/CB 300F TWISTER FLEX 2023/2024 - NISSAN/VERSA 10 2018/2019 - HONDA/FIT DX FLEX 2012/2013 - MERCEDES-BENZ/B 200 CGI 2012/2013 - FIAT/PALIO ATTRACT 1.0 2016/2016 - CHEVROLET/CELTA 1.0L LT 2014/2015 - FORD/RANGER XLTCD4A32C 2018/2018. | **MÓDULOS FOTOVOLTAICOS E EQUIPAMENTOS DIVERSOS.**

Consulte relação completa de veículos no site. Condições de venda e pagamento constarão no catálogo próprio.
Visite nosso site: www.GUARIGLIALEILOES.com.br

Informações: (12) 3654-1000 /GUARIGLIALEILOES **ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415**

bradesco Santander BANCO PAN omni STELLANTIS Safra Sicredi SESI SENAI ITAPEVA

Eufrázio

Um mundo com mais tarifas

Mudanças na política de importação dos EUA tendem a reorganizar cadeias produtivas e geopolítica

Ana Paula Vescovi
Economista-chefe do Santander Brasil

O aumento de tarifas de importação dos Estados Unidos promete mudar a feição das cadeias produtivas e da geopolítica do planeta. O anúncio, na semana passada, como parte de uma estratégia americana de reciprocidade e defesa da indústria doméstica, traz rupturas para a dinâmica do comércio e da economia global.

A minha geração vivenciou a consistente expansão do comércio internacional, com integração das cadeias globais. Desde então, o total das exportações sobre o PIB global saltou de 12% para 30%, e os fluxos de comércio cresceram 38 vezes. Com a criação do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), em 1947, barreiras foram reduzidas e diversos tratados comerciais foram criados. Em 1995, o Gatt foi substituído pela OMC (Organização Mundial do Comércio), e um evento marcante foi a entrada da China na entidade, em 2001, que trouxe mais velocidade ao processo.

O mundo assistiu ao crescimento médio de 3,3%, entre 1985 e 2008, com menos volatilidade, baixa inflação e inclusão de milhões de pessoas nos mercados de trabalho e de consumo. O planeta saiu da Guerra Fria, reduziu o número de conflitos geopolíticos e viu novas democracias liberais se consolidarem.

As tarifas anunciadas na quarta-feira (2) afetaram pesadamente a Ásia e a Europa (tarifas entre 10% e 54%), com a América Latina, relativamente, menos impactada (tarifas de 10%). Os EUA, além da China, são o principal destino das exportações brasileiras, respondendo por cerca de 12% do total enviado ao exterior e mantendo uma balança comercial bilateral praticamente equilibrada. Com a nova tarifa, os produtos nacionais perderão competitividade, resultando, previsivelmente, em queda nas exportações e piora no saldo comercial. As estimativas preliminares apontam perdas entre US$ 2 bilhões e US$ 4 bilhões.

O petróleo e seus derivados, principais itens da pauta exportadora, se mantiveram isentos das tarifas. Mas as barreiras sobre o aço, segundo produto mais importante, subiram para 25% no início de março. Para os demais itens, tarifas mínimas de 10%. As indústrias de maior valor adicionado, como a aeroespacial, poderão sentir impactos, já que os EUA são seu maior mercado externo (54%). Os produtos agrícolas, como o café, podem ser redirecionados a outros mercados, mas, provavelmente, haverá perdas de margem.


Amarildo

Com menor entrada de dólares, o real tende à depreciação, e isso encarece produtos importados, alimentando a inflação. Em um cenário ainda marcado por juros elevados nos países centrais, a combinação de câmbio pressionado e alta de preços dificulta o afrouxamento da política monetária, podendo inibir investimentos domésticos e elevar o custo do capital. Além disso, o episódio afeta a percepção de risco por parte de investidores internacionais, especialmente se houver dúvidas sobre a capacidade de resposta institucional do Brasil.

No campo diplomático, é essencial acionar os canais adequados —incluindo a OMC— para questionar a medida, buscando reversão ou compensação. Em paralelo, seria urgente acelerar a diversificação de mercados e produtos exportáveis, reduzindo a vulnerabilidade externa.

Mais tarifas dos EUA são um teste à resiliência externa do Brasil. Ao sinalizar medidas de reforço à competitividade das suas empresas —em vez de se isolar—, o país pode transformar esse desafio em oportunidade e se reposicionar como supridor confiável das cadeias globais

Também ganham importância as reformas para fortalecer a competitividade sem recorrer a subsídios, o que pressionaria ainda mais as contas públicas e as taxas de juros. A devolução mais ágil de créditos tributários, o que já deverá ocorrer no escopo da reforma tributária, a desburocratização aduaneira, a modernização de portos e melhoria da infraestrutura logística são medidas de alto impacto que não implicam renúncia de receita.

Da mesma forma, avanços em reformas estruturantes —tributária, administrativa e regulatória— podem contribuir para aumentar a eficiência sistêmica e reduzir o "custo Brasil", mitigando os efeitos de barreiras externas. O Brasil precisa fortalecer suas defesas para a inflexão protecionista global, principalmente mediante retaliações das nações mais atingidas.

O risco sistêmico é a retração do comércio internacional em um momento de desaceleração da economia mundial. Os países exportadores líquidos, como Brasil, Índia e Alemanha, podem sofrer perdas simultâneas de demanda externa. Além disso, a imprevisibilidade gerada por medidas unilaterais aumenta a aversão ao risco e retarda decisões de investimento. O retrocesso na abertura comercial compromete a produtividade e o crescimento de longo prazo.

Mais tarifas dos EUA são, portanto, um teste à resiliência externa do Brasil. Ao sinalizar medidas de reforço à competitividade das suas empresas —em vez de se isolar—, o país pode transformar esse desafio em oportunidade e se reposicionar como supridor confiável das cadeias globais, que estarão cada vez mais sujeitas a instabilidade e imprevisibilidade.

Projeto resgata roupas de grife de lixão do Chile

Re-Commerce pretende dar nova vida às peças de marcas renomadas que se amontoam há anos no Atacama

Fernanda Mena

SÃO PAULO "Não compre. Resgate." Este é o slogan de um projeto batizado de Atacama Re-Commerce e que pretende enviar para todo o mundo peças de roupas hoje acumuladas no deserto do Atacama, no norte do Chile. Quem se interessar por alguma das peças paga apenas o frete para retirar a roupa do deserto.

O projeto, lançado em março, tem uma equipe que faz a curadoria dos itens, o que garante que estejam em boas condições para revenda. Cada peça é então higienizada, organizada e disponibilizada na plataforma digital.

A primeira leva de roupas foi toda adquirida em cinco horas por pessoas de países como Brasil, França, Reino Unido e China.

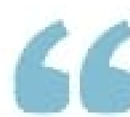
Faz anos que parte do deserto chileno foi convertido em cemitério de lixo têxtil composto pelo descarte sistemático tanto de roupas pós-consumo, ou seja, já usadas, como de encalhes das mais de 50 coleções que marcas de fast fashion produzem por ano. O fenômeno é consequência do modelo de produção acelerado da indústria da moda. Hoje, são produzidas globalmente cerca de 100 bilhões de peças de vestuário por ano —o dobro em relação ao ano 2000. São 12 peças anuais por pessoa. Ou mais de 3.000 peças por segundo.

Tamanha escala de produção gerou custos mais baixos, o que mudou a relação das pessoas com suas roupas, muitas das quais são consideradas como se fossem quase descartáveis. Cada peça de roupa hoje é usada menos vezes do que 15 anos atrás e vai para descarte mais rápido, depois de apenas sete ou oito usos, segundo dados da consultoria McKinsey.

O descarte de tecidos escalou, gerando desperdícios e danos ambientais e à saúde, já que 80% dos resíduos têxteis são incinerados, aterrados ou vão parar em lixões e no meio ambiente, segundo a Fundação Ellen MacArthur, ONG internacional dedicada à promoção da economia circular.

Estima-se que cerca de 39 mil toneladas de peças sejam despejadas na região anualmente. As montanhas de roupas que tomaram o cenário do deserto chileno viraram um problema ambiental.

O projeto Atacama Re-Commerce quer dar nova vida a essas peças, muitas delas de marcas como Calvin Kein, Nike, Zara e Adidas.



Nossa iniciativa convida à reflexão sobre os impactos do nosso atual modelo de produção de consumo e descarte desenfreado

Fernanda Simon
diretora-executiva da Fashion Revolution Brasil

O projeto foi criado pela empresa de e-commerce VTEX, responsável pela plataforma digital do Re-Commerce, em parceria com a Fashion Revolution, organização brasileira ligada ao ativismo da moda, e a Desierto Vestido, organização sem fins lucrativos dedicada a incentivar a economia circular na indústria têxtil.

"Nossa missão é resgatar esses itens e dar a eles uma nova chance, promovendo um processo de conscientização sobre o consumismo exacerbado promovido pela indústria da moda atualmente", afirma Mariano Gomide de Faria, CEO da VTEX.

"Nossa iniciativa convida à reflexão sobre os impactos do nosso atual modelo de produção, consumo e descarte desenfreado", afirma Fernanda Simon, diretora-executiva da Fashion Revolution Brasil.



Manifestantes em protesto contra o presidente dos EUA, Donald Trump, em Boston, Massachusetts Joseph Prezioso/AFP

Manifestações contra Trump reúnem milhares e podem dar fôlego à oposição

Protestos nos EUA e na Europa encerram semana marcada por reveses para presidente americano em algumas frentes e por sinais de reação dos democratas

Julia Chaib

WASHINGTON Na semana marcada pelo anúncio de um tarifaço a todos os países, chamado de "dia de libertação" por Donald Trump, o presidente americano enfrentou alguns dos gestos de oposição —tanto fora quanto dentro do país— mais vigorosos desde o início do seu governo, há três meses.

Neste sábado (5), milhares de pessoas protestaram em Washington e em outras cidades dos Estados Unidos contra o governo, nos maiores atos de contestação a Trump desde seu retorno ao poder. Placas onde se lia "abaixo a oligarquia" e "o fascismo chegou" foram vistas, em referência aos atos de Trump que tentam ampliar o poder do Executivo.

Uma coalizão composta por dezenas de grupos de esquerda, como MoveOn e Marcha das Mulheres, convocou manifestações sob o lema "Hands Off" (tire suas mãos) em mais de mil cidades americanas. Segundo os organizadores, cerca de 600 mil pessoas aderiram aos atos nos EUA e em outros países. Em Washington, pelo menos 5.000 se reuniram perto da Casa Branca.

A aposentada Lisa W, 65, que não quis dar o sobrenome, disse à reportagem que resolveu protestar pela posição de Trump em relação ao Oriente Médio.

"As pessoas em Gaza precisam se livrar do Hamas, mas Trump não precisa criar uma Riviera lá".

Um dos principais conselheiros de Trump, Elon Musk foi um dos alvos preferenciais do ato em Washington. Vários cartazes contestavam sua participação em decisões da Casa Branca.

O movimento ganhou apoio em cidades da Europa, com atos em Paris, Roma, Londres e Berlim.

Cerca de 200 organizações pró-Palestina fizeram parte dos atos diante da ofensiva do presidente contra estudantes de universidades que participaram de manifestações anti-Israel no ano passado.

O governo já prendeu ao menos três alunos de prestigiadas universidades, sob a acusação (sem evidências) de que apoiam o grupo terrorista Hamas.

Antes das manifestações, dois acontecimentos da semana passada impulsionaram os democratas, até então enfraquecidos na oposição. Na terça-feira (1º), Trump e o bilionário Elon Musk tiveram uma derrota política em Wisconsin. O juiz conservador Brad Schimel perdeu para a progressista Susan Crawford, que foi eleita para integrar a Suprema Corte do estado.

A derrota ocorreu mesmo depois de o dono do X investir mais de US$ 20 milhões e atuar pessoalmente na disputa. Embora apartidária, na prática, a eleição foi de republicanos contra democratas. Mais do que manter a maioria progressista de 4 a 3 vigente no tribunal, o pleito deu sinais de insatisfação contra Trump —que venceu a corrida presidencial neste estado-pêndulo, um dos mais decisivos para chegar à Casa Branca.

Por trás, está a expectativa de democratas de conseguirem se sair bem nas eleições de meio de mandato em 2026 e alterarem a composição no Congresso. Hoje, os republicanos têm uma maioria apertada na Câmara e no Senado.

Outro gesto que chamou atenção na semana foi o do senador democrata Cory Booker, 55, que discursou por mais de 25 horas contra Trump, quebrando o recorde de fala mais longo na tribuna do Senado feita por um só orador.

O professor de ciência política de Columbia, Robert Shapiro, afirma que o tamanho dos atos deste sábado pode ser um indício de que a oposição tenha espaço para ganhar corpo.

"Teremos que ver como isso se desenrola. As eleições na terça [em Wisconsin] mostram que há uma crescente na oposição, de raiva contra os republicanos", diz. "A principal coisa a observar é o efeito das tarifas. Trump entrou dizendo que iria melhorar a economia. E a primeira coisa que fez foi impor tarifas que basicamente devastarão a economia."

As medidas, porém, ainda não foram suficientes para fazer grande impacto na popularidade de Trump, mas ela vem dando sinais de queda. Pesquisa da Reuters/Ipsos divulgada nesta semana apontou que a taxa de aprovação do republicano caiu para 43%, a mais baixa desde seu retorno ao cargo. Em janeiro, dois dias depois da posse, 47% dos americanos aprovavam o presidente.

A oposição mais efetiva contra o governo até agora tem partidos dos tribunais. Nesta semana, 19 estados processaram Trump contra o decreto que passa a exigir comprovação de cidadania para uma pessoa ser apta a votar nas eleições.



EUA revogam todos os vistos do Sudão do Sul

Os EUA anunciaram neste sábado (5) que revogarão os vistos de pessoas com passaporte do Sudão do Sul. Segundo a Casa Branca, a medida é em reação à recusa do país africano em aceitar o retorno de seus cidadãos repatriados. É a primeira medida que atinge todos os detentores de passaporte de um só país desde o início do governo Trump. Muitos sul-sudaneses imigraram para fugir da guerra civil.

Agora eu temo perseguição política na universidade, diz brasileira

Depoimento

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO O ambiente universitário dos EUA mudou sob Donald Trump. O governo tem cortado fundos e mirado estudantes imigrantes. Funcionária da USC (Universidade do Sul da Califórnia) desde 2023, a brasileira Renata (nome fictício) relata tensão constante. Para preservá-la, a **Folha** omitirá seu nome verdadeiro e cargo na instituição. Leia a seguir seu depoimento.

*

Antes de Trump, o clima na USC era bom, normal. Mas já tinha acontecido uma mudança grande.

Durante os protestos [de abril e maio de 2024, contra a guerra em Gaza], eles [a administração da faculdade] fecharam o campus, que era aberto a todos. Colocaram guardas em todas as entradas para verificar a identidade dos visitantes. Desde então, o campus nunca mais foi aberto.

Os protestos eram pacíficos, pró-Palestina. Houve alguns poucos incidentes de vandalismo, mas, que eu saiba, na maioria foram tranquilos. Os estudantes estavam acampados num gramado na área central do campus e receberam notificação para sair, ou seriam presos. Eles saíram.

As pessoas com quem eu trabalho acharam a resposta da universidade um exagero. Tinha guarda em tudo quanto é lugar, fila para entrar, ficou completamente draconiano. Foi desproporcional.

No meu departamento, todo mundo ficou horrorizado quando Trump ganhou. Qualquer protesto pode ser visto como coisa nefasta pelo governo. O medo é perder os fundos federais, medo de perder vistos. Os alunos temem perder grants [bolsas para estudar] e dinheiro para pesquisa.

Os professores querem resistir, mas sem perder suas pesquisas. Então estão aceitando as mudanças, embora com muita raiva. A gente tem as reuniões, e nelas todo mundo fala em resistir, mas a resistência é quieta.

Vão continuar usando os princípios do DEI [políticas de diversidade, equidade e inclusão]. Mas não pode falar mais sobre isso.



Se a universidade perder o apoio financeiro federal, vai ter que cortar gastos. Como mulher e imigrante naturalizada, tenho medo de perder o emprego

Renata (nome fictício)
Brasileira que trabalha na Universidade do Sul da Califórnia

Se a universidade perder o apoio financeiro federal, vai ter que cortar gastos. Como mulher e imigrante naturalizada, tenho medo de perder o emprego.

Uma colega de 70 anos, indiana, recebeu uma carta da Seguridade Social, pedindo que ela enviasse os originais de seus documentos de naturalização. Trabalha na USC há 45 anos, naturalizou-se há 40 e tantos anos. Foi levar pessoalmente. Ficou tudo bem, mas isso foi muito estranho.

Nunca tive medo de sofrer perseguição política. Moro aqui desde 1996. Mas agora eu estou com medo, sim.

Eufrázio

Índice oficial não vê real pobreza argentina

Taxa em queda não considera áreas do interior onde carências são maiores

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Londres e em Buenos Aires, onde vive

Na mais recente reunião de condomínio do prédio em que moro, num bairro de classe média de Buenos Aires, vizinhos discutiam como convencer a prefeitura a mudar de lugar uma lixeira que ficava diante da nossa porta principal.

O local sempre foi conveniente —bastava dar dois passos na rua e já se podiam despejar as sacolas dentro da lixeira. Nos últimos meses, porém, isso mudou, e moradores de muitos prédios da cidade também passaram a mostrar descontentamento ou até mesmo a empurrar as lixeiras por conta própria.

Por quê? No fim do dia, pessoas com sacos, carrinhos de supermercado e pedaços de arame aparecem para pescar comida do lixo, revirando os dejetos e deixando o entorno da lixeira com cheiro nauseante. Já descrevi em outros textos essa imagem, cada vez mais comum em toda a região metropolitana.

Essa é só uma forma de se dar conta de que os números de bom desempenho da economia argentina ainda não se refletem na percepção de muita gente. Outras: os preços "europeus" de um simples café numa "confitería" local, a redução de movimento nos restaurantes, a queda no turismo, famílias pedindo esmola e aposentados saindo às ruas para protestar.

É por isso que se deve ter cautela ao ler as cifras de pobreza recém-divulgadas pelo Indec (o IBGE argentino), que mostram queda na taxa de pobreza de 52,9% para 38,1% no 2º semestre de 2024.

São muitos os críticos do modo como essa cifra é medida. Segundo o levantamento historicamente mais sério sobre a pobreza na Argentina —o do Observatório da Dívida Social da UCA (Universidade Católica da Argentina)—, a cifra caiu, sim, mas menos (41%).

Críticos dos números divulgados pelo governo Milei dizem que custo da cesta básica usado pelo Indec está defasado; medição também não leva em conta gastos com moradia e transporte

O Indec concentra sua pesquisa nos 31 maiores centros urbanos, com 29,8 milhões de pessoas, enquanto a população total da Argentina supera 47 milhões. Essa abordagem exclui áreas rurais e cidades menores, onde as condições de pobreza são severas.

Tome-se a região do Chaco, a mais pobre do país. Ali, segundo a mesma medição, 60,8% da população urbana de Gran Resistencia (a capital e arredores) vive abaixo da linha da pobreza. Essa zona entra no levantamento do Indec, mas cidades menores na mesma região, não. Vários bolsões de pobreza no interior —e mesmo perto das áreas metropolitanas— ficaram de fora.

A metodologia baseia-se apenas na comparação entre renda declarada das famílias e custo de uma cesta básica de bens e serviços. Críticos apontam para a defasagem dos preços que compõem essa cesta, pois a inflação —embora menor que a do ano passado— segue elevada. Economistas, inclusive liberais, afirmam que o peso está artificialmente valorizado.

Outra deficiência da medição é excluir os gastos com moradia e transporte. É preciso lembrar que 40% da população não têm casa própria e que o corte de subsídios fez disparar os custos com a mobilidade.

Segundo relatório do Observatório da UCA, "seguiram aumentando a pobreza multidimensional, a insegurança alimentar, a impossibilidade de acessar medicamentos ou serviços de saúde, o não pagamento de dívidas e a impossibilidade de pagar ou reparar a moradia".

Em vez de se concentrar em resolver esses problemas, a gestão Milei prefere usar esse número em sua campanha eleitoral para as eleições legislativas deste ano.

DOM. Sylvia Colombo SEG. Bianca Santana QUI. Lúcia Guimarães SAB. Igor Patrick

Vídeo mostra equipe médica morta a tiros por Israel em Gaza, mesmo com ambulância ligada

Imagens de celular de socorrista põem em xeque versão de Tel Aviv de que abriu fogo contra veículos que não tinham autorização



Em vídeo extraído de celular de socorrista morto, ambulâncias com luzes ligadas são vistas em estrada perto de Rafah, na Faixa de Gaza; logo depois, equipe médica é alvejada por tiros de tropas de Israel Crescente Vermelho/AFP

SÃO PAULO Um vídeo recuperado do celular de um socorrista morto em Gaza ao lado de pelo menos outros 15 trabalhadores humanitários coloca em xeque a versão dada por Israel para o ataque mais mortal a funcionários da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho em todo o mundo desde 2017.

Na madrugada do dia 23 de março, os socorristas trabalhavam para atender vítimas do conflito no sul da Faixa de Gaza quando o Crescente Vermelho palestino perdeu contato com os funcionários, de acordo com um comunicado da Cruz Vermelha.

Eles ficaram desaparecidos até o último domingo, quando uma operação de resgate recuperou os corpos em uma vala comum perto de Rafah, segundo o Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU.

Na ocasião, o Exército de Israel negou as acusações. O tenente-coronel Nadav Shoshani, um porta-voz militar israelense, afirmou que as tropas abriram fogo contra veículos que não tinham autorização prévia das autoridades de Tel Aviv para circular e estavam com as luzes apagadas —o que não condiz com as imagens divulgadas neste sábado (5).

O vídeo mostra os últimos momentos da equipe, de acordo com o Crescente Vermelho palestino. Nele, ambulâncias claramente sinalizadas e com luzes de emergência piscando são alvejadas.

Na gravação, aparentemente feita do interior de um veículo em movimento, aparecem um caminhão de bombeiros vermelho e ambulâncias. Os veículos param ao lado de outro na beira de uma estrada, e dois homens uniformizados saem. Momentos depois, começa um intenso tiroteio.

No vídeo, ouvem-se vozes que seriam de dois médicos. "O veículo, o veículo", diz um. "Parece um acidente", afirma outro. Uma rajada de tiros ocorre segundos depois, e a tela fica preta.

Entre os mortos estão oito membros da equipe do Crescente Vermelho Palestino, seis membros da agência de defesa civil de Gaza e um funcionário da agência da ONU para refugiados palestinos (UNRWA).

Além do vídeo, o relato do único sobrevivente do ataque, o voluntário do Crescente Vermelho Munther Abed, também fragiliza a versão de Tel Aviv sobre o caso. Ele afirmou ao jornal britânico The Guardian que estava na primeira ambulância que chegou ao distrito de Hashashin, em Rafah, para atender a pessoas feridas por um ataque aéreo.

Embora o carro estivesse com as luzes ligadas, segundo Abed, militares israelenses abriram fogo, matando seus dois colegas que estavam sentados na frente do veículo —ele diz ter sobrevivido porque estava na parte de trás do carro e se abaixou.

"A partir do momento em que o tiroteio começou, imediatamente me joguei no chão da ambulância. Não ouvi nada dos meus colegas, exceto os sons de seus últimos momentos, ouvindo-os dar seu último suspiro", disse ele. "De repente, tudo ficou quieto, a ambulância parou, e as luzes se apagaram. A porta do motorista se abriu e ouvi vozes falando em hebraico. Medo e pânico tomaram conta de mim, e comecei a recitar algumas citações do Alcorão."

Ele relatou ter sido espancado em seguida. "Eles me arrastaram para fora da ambulância, mantendo-me de bruços para evitar ver o que tinha acontecido com meus colegas", afirmou. "Eles me jogaram no chão, e o interrogatório começou. Eu suportei tortura severa, incluindo espancamentos, insultos, ameaças de morte e sufocamento quando um soldado pressionou um rifle contra meu pescoço."

De onde estava, Abed disse ter visto outros carros de socorristas chegando ao local. Todos foram alvejados, segundo ele.

Um funcionário do Crescente Vermelho, Assad al-Nassara, continua desaparecido, embora Abed tenha dito que o viu vivo, sendo detido pelos militares.

Israel afirmou à ocasião do episódio que nove membros do Hamas e do Jihad Islâmico foram mortos no incidente, embora nenhum outro corpo tenha sido resgatado no local. Abed negou essa afirmação em entrevista à BBC News. "Isso é totalmente falso. Todos nas equipes eram civis."

O jornal The New York Times procurou o Exército antes de publicar o vídeo do socorrista. Inicialmente, a Força Armada não se manifestou. Depois da divulgação, enviou nota ao jornal. "Todas as acusações, incluindo a documentação em circulação sobre o incidente, será detalhadamente examinada para entender a sequência dos eventos e a abordagem da situação", diz o texto.

Com AFP

Eufrázio

Jovens ucranianos fogem da ocupação russa

Caso de Andrii ilustra quadro de crianças e adolescentes sujeitas a russificação no ensino e a perseguição

UCRÂNIA NA ERA TRUMP

Patrícia Campos Mello

KIEV Andrii, 20, lembra-se do momento em que quatro russos armados, com os rostos cobertos por balaclavas, entraram em sua casa. Seu irmão, Oleh, 16, estava ordenhando a vaca da família no quintal, em um vilarejo em Kherson, província ucraniana ocupada pelas forças de Moscou. Era 11 de junho de 2024. Segundo ele, os agentes da FSB, a polícia secreta russa, reviraram a casa inteira, procurando "indícios de colaboracionismo" com a Ucrânia.

Pegaram o celular de sua mãe e disseram que ela estava fazendo doações para o Exército ucraniano. Quando ela estava sendo levada pelos homens, Oleh perguntou: "Você vai para o porão, mãe? (como se referem às salas de interrogatório das forças russas). Ela fez que sim com a cabeça. No dia seguinte, os russos voltaram e prenderam o pai dos meninos, que trabalhava com irrigação. Andrii e Oleh nunca mais tiveram contato com os pais.

As forças da Rússia controlam 20% do território ucraniano. Cerca de seis milhões de ucranianos vivem em áreas ocupadas por Moscou, que invadiu a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022. Desse total, 1,5 milhão é de crianças e adolescentes, como eram Andrii e Oleh à época da invasão. Todos estão sujeitos à russificação nas escolas, onde aprendem que a Ucrânia é um país neonazista. Muitos precisam abrir mão do passaporte ucraniano para conseguir acessar educação e saúde. São submetidos a constantes processos de "filtragem" — interrogatórios para determinar se, na visão russa, são pró-Ucrânia.

Pessoas que têm parentes no Exército ucraniano ou ocuparam cargos como prefeito, membro de conselho municipal, diretor de escola são constantemente interrogados. Muitos acabam presos.

A mãe de Andrii havia sido chefe do conselho municipal do vilarejo onde eles viviam. "As pessoas sabiam que ela era pró-Ucrânia, alguém deve ter delatado para as forças russas", disse Andrii à **Folha**. Além disso, podem ter denunciado que Oleh continuava com aulas online no sistema de ensino ucraniano, por não querer se sujeitar ao currículo pró-Rússia.

De acordo com a ONG Human Rights Watch, as autoridades dos territórios ocupados ameaçam os pais com multas, perda da guarda de seus filhos e prisão se não matricularem seus filhos em escolas de conteúdo russo ou se as crianças e adolescentes estudarem em instituições ucranianas remotamente.

O currículo russo inclui livros de história que justificam a invasão do território ucraniano e retratam a Ucrânia como um "Estado neonazista", além de restringir o ensino da língua ucraniana.

Segundo Yulia Tukalenko, psicóloga da fundação Vozes das Crianças, crianças que vivem sob ocupação frequentemente sofrem de estresse crônico, ansiedade elevada, distúrbios do sono e medo persistente. "Em territórios ocupados, os adultos muitas vezes são associados ao medo, perigo e coerção — a criança pensa que, a qualquer momento, alguém possa invadir sua casa ou proibi-la de falar livremente na escola", diz Tukalenko.

Um mês após a detenção de seus pais, Andrii foi a um posto de controle russo buscar informações e preencher um formulário de pessoas desaparecidas. Ele relata ter sido interrogado, ameaçado pelos policiais russos e pressionado a atuar como informante, denunciando pessoas supostamente pró-Ucrânia e parentes de militares ucranianos.

Depois disso, Andrii e seu irmão fugiram de Kherson. "Era um clima de medo permanente", conta. Quando os dois passaram a morar sozinhos em casa, temiam que o irmão menor fosse deportado para um campo de reeducação e Andrii acabasse convocado para o Exército russo.

Segundo o Laboratório de Pesquisa Humanitária da Universidade de Yale, a Rússia usa ao menos 43 acampamentos infantis para abrigar crianças deportadas; ao menos 32 deles são instalações de "reeducação".

Andrii e Oleh fugiram com ajuda da organização Save Ukraine, que resgata e dá apoio a crianças e famílias de regiões ocupadas. Desde 2022, a entidade já resgatou 617 crianças.

Segundo Mikola Kuleba, presidente da organização, um dos casos mais comuns é a transferência forçada de crianças para os chamados "campos de reeducação" na Rússia ou na Crimeia. "Também há situações em que os pais de uma criança são mortos, e as autoridades russas imediatamente os classificam como órfãos, abrindo caminho para sua adoção forçada na Rússia."

A repórter viajou à Ucrânia a convite da ONG Public Interest Journalism Lab

Frente de batalha no leste da Ucrânia




Andrii, 20, em Kiev; ele fugiu de sua cidade sob ocupação, Kherson, após pais serem levados de casa por agentes russos Patrícia Campos Mello/Folhapress

Série aborda efeitos de Trump em país invadido

Desde o retorno de Donald Trump ao poder, a Ucrânia passou a conviver com a incerteza sobre o apoio dado pelos EUA. A repórter especial Patrícia Campos Mello percorreu o país para relatar a vida dos ucranianos. Esta foi a última reportagem da série.



Milhares de pessoas se manifestam em Seul em apoio a presidente destituído

Simpatizantes de Yoon Suk Yeol, que teve impeachment confirmado pela Justiça na última sexta-feira, em protesto nas ruas na capital sul-coreana Kim Soo-hyeon/Reuters



Viaturas da Polícia Militar em área anexa ao parque Villa-Lobos, Alto de Pinheiros, zona oeste de SP Rafaela Araújo - 30.jan.24/Folhapress

São Paulo tem mais homicídios na periferia e furtos na região central

Especialistas defendem mais investigação e estratégias de prevenção contra os crimes; governo Tarcísio afirma que ações são atualizadas com base nas estatísticas

DELTAFOLHA

Marina Pinhoni e Lucas Lacerda

SÃO PAULO Problemas conhecidos de algumas regiões da cidade de São Paulo, como furtos nas áreas centrais e homicídios em áreas periféricas já começam a deixar marcas em 2025, como mostram dados do primeiro bimestre divulgados pela Secretaria da Segurança Pública do estado.

Segundo especialistas ouvidos pela Folha, é preciso aumentar a investigação para enfrentar os crimes e ganhar velocidade na redistribuição do policiamento.

Os homicídios somam 95 vítimas nos dois primeiros meses de 2025 e ocorrem, na maioria dos casos, em áreas distantes do centro, como Lajeado, na zona leste, com sete mortos, e Campo Limpo e Jardim das Imbuias, ambos distritos da zona sul, com cinco óbitos cada um. As tentativas de homicídio, em alta de 51% (136 casos em 2025 ante 90 no primeiro bimestre de 2024), também parecem indicar esse padrão.

O mesmo espraiamento ocorre com registros de estupro, com Perus, na zona norte, liderando com 20 ocorrências, seguido pelo Capão Redondo, no sul paulistano, com 24 casos, e Jardim Miriam, também na porção sul, com 15.

Roubos tiveram, em distritos fora da região central da cidade, suas maiores marcas no bimestre. Pinheiros (602 casos), na zona oeste, e Campo Limpo (582) e Capão Redondo (539), ambos na zona sul, foram as três regiões com mais ocorrências. Os furtos, por outro lado, têm grande concentração no centro, embora ainda haja a aparição de Pinheiros, com 1.546 ocorrências, como o terceiro pior registro.

Para Alan Fernandes, membro do conselho do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a saturação policial tem sido o grande trunfo contra roubos e furtos na região central. Essa estratégia, para ele, está fortemente ligada à Operação Delegada, em que a prefeitura custeia diárias de policiais de folga para que eles façam patrulhamento. Isso pode gerar, por outro lado, o espraiamento de roubos, que têm afetado, por exemplo, a população em bairros como Pinheiros.

"Essa ênfase no centro velho traz uma repercussão imediata no [centro] expandido. Ali se encontram valores agregados importantes do aparelho celular, como contas bancárias. O cara que praticava no centro migra rapidamente a outros locais."

Segundo Jonas Pacheco, coordenador de pesquisa da Rede de Observatórios do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, a incidência de policiamento em áreas com alto registro de furtos tende a promover reduções. A prevenção de homicídios, segundo Pacheco, historicamente tem sido ligada ao controle feito pelo crime organizado.

"Sem um diagnóstico preciso, se não se sabe quem morre, onde morre e por que morre, fica difícil impedir. A chance de incidir errado é muito grande."

Segundo Fernandes, é preciso investigar rápido e investir, fora do âmbito policial, em estratégias de prevenção "Na atual configuração de São Paulo, essas dinâmicas são muito mais domésticas —vizinhos, amigos, familiares— do que ligadas ao tráfico de drogas. Primeiro, seria importante criar instâncias para tratar conflitos, com Judiciário presente e acesso à informação."

Esse tipo de estratégia também deve ajudar contra crimes sexuais, muitos ocorridos dentro de casa, lembra Pacheco. "Além da expansão de patrulhas [da lei] Maria da Penha, há outros pontos para ação, como a dependência financeira e se a mulher tem filhos, porque há dificuldade de romper esse vínculo."

Os latrocínios, como mostrou a Folha, embora sejam numericamente poucos, chocam pela violência e deveriam, assim como homicídios, ser investigados rapidamente. Já os crimes que têm veículos como alvo apresentam características diferentes: os roubos se espraiam, enquanto furtos tendem a aparecer mais nas estatísticas na parte central.

Procurada, sobre a dinâmica desses crimes no primeiro bimestre, a Secretaria da Segurança Pública afirma que reorienta e intensifica o policiamento com base na análise das estatísticas criminais. O patrulhamento, diz, vem sendo ampliado com o uso de motocicletas, que dão mais agilidade na captura de suspeitos.

"Como resultado, os roubos na cidade de São Paulo caíram 13,5% no primeiro bimestre de 2025, em comparação ao mesmo período de 2024. No total, 7.349 infratores foram presos ou apreendidos no período –um aumento de 13%. Também foram retiradas de circulação 359 armas", diz a gestão Tarcísio (Republicanos).

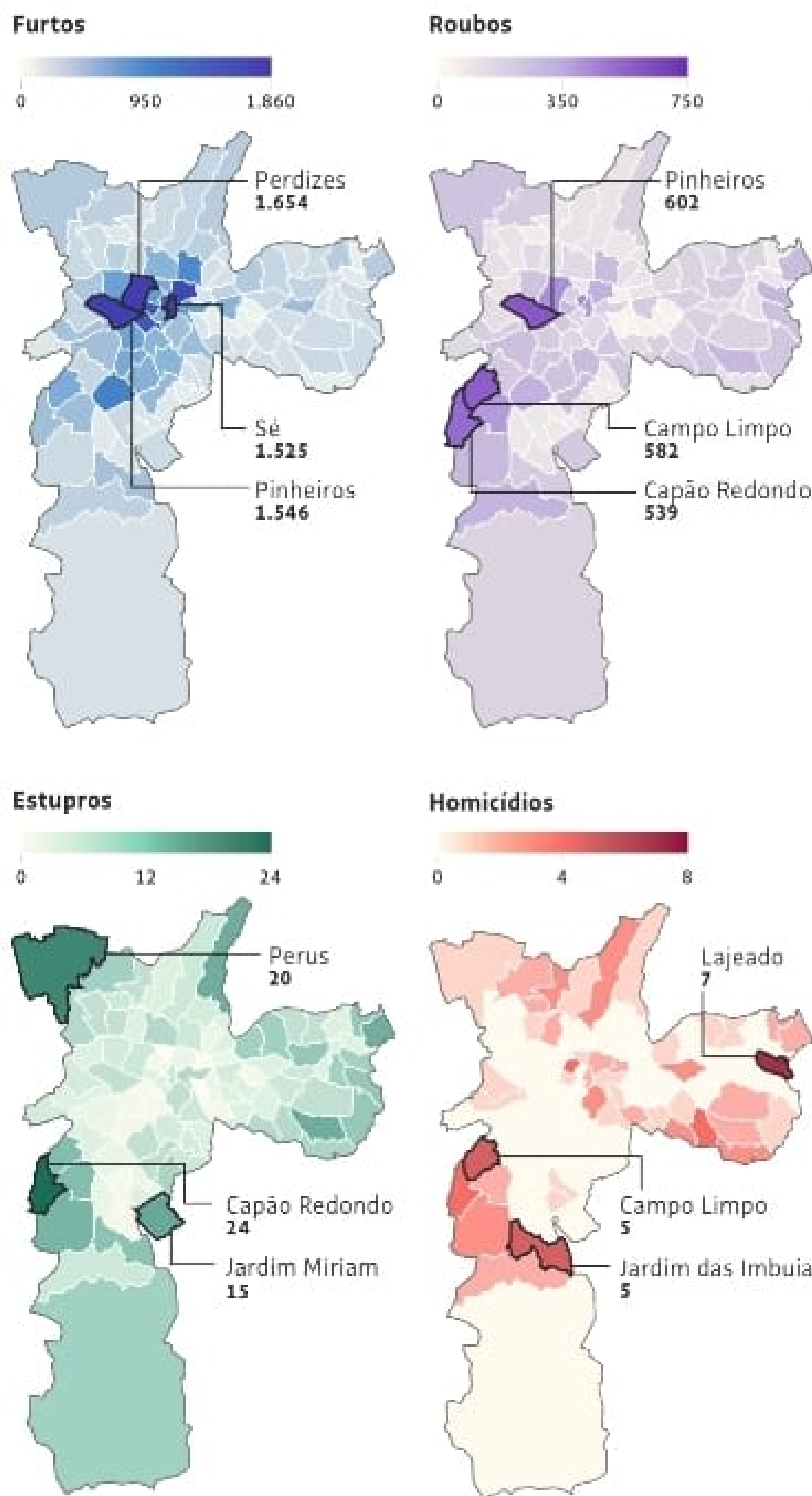
Além disso, diz investir em inteligência, tecnologia e capacitação de agentes. Sobre os casos de violência contra a mulher, a pasta cita a atuação das sete Delegacias de Defesa da Mulher (DDMs) que funcionam 24h na capital e as iniciativas Cabine Lilás, para acolhimento exclusivo.

Crimes contra o patrimônio se concentram em áreas centrais, enquanto crimes contra a vida ocorrem mais nas bordas da cidade

Ocorrências registradas no 1º bimestre (jan-fev) de 2025

Por distrito policial

Os mapas têm escalas diferentes



Fonte: Secretaria de Segurança Pública de São Paulo

> **Sem um diagnóstico preciso, se não se sabe quem morre, onde morre e por que morre, fica difícil impedir. A chance de incidir errado é muito grande**
>
> **Jonas Pacheco,** coordenador de pesquisa da Rede de Observatórios do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

> **Na atual configuração de São Paulo, essas dinâmicas [homicídio] são muito mais domésticas — vizinhos, amigos, familiares— do que ligadas ao tráfico de drogas. Primeiro, seria importante criar instâncias para tratar conflitos, com Judiciário presente e acesso à informação**
>
> **Alan Fernandes** membro do conselho do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Eufrázio

Biblioteca que deu origem à Faculdade de Direito da USP completa 200 anos

Acervo da instituição, que foi a primeira pública de SP, tem hoje mais de 300 mil livros e 6.500 obras raras em instalações tombadas; aniversário terá restauro e prédio novo

Laura Mattos

SÃO PAULO O que está por trás da origem da icônica Faculdade de Direito da USP, que formou uma série de personalidades e foi palco de eventos históricos dos grandes movimentos políticos do país? Uma biblioteca. Mais precisamente, a primeira biblioteca pública de São Paulo, que agora completa 200 anos.

Inaugurada em 24 de abril de 1825, nos fundos do convento dos franciscanos, à época o maior prédio da pacata província de pouco mais de 10 mil habitantes, a biblioteca daria origem, dois anos depois, à famosa faculdade do largo São Francisco, a mais antiga unidade da Universidade de São Paulo.

Contava então com cerca de 5.000 livros, provenientes de bibliotecas particulares de bispos. Era um acervo considerável para o período, o que ajudou a convencer o imperador dom Pedro 1º a escolher São Paulo para sediar a primeira faculdade de direito do país, simultaneamente à de Olinda (PE) —ambos os cursos jurídicos, como eram chamados, foram criados por decreto em 11 de agosto de 1827, e as aulas começaram em 1828; as de São Paulo, em março, e as de Olinda, em junho.

Hoje o acervo tem mais de 300 mil livros, incluindo aproximadamente 6.500 obras raras, editadas antes do século 19, além de outros mais de 200 mil exemplares de documentos como periódicos, teses, panfletos etc. O livro mais antigo é um exemplar de 1520 da "Divina Comédia" de Dante Alighieri. Há uma coleção de bíblias, entre as quais uma edição de 1584, poliglota, com textos em hebraico, grego, aramaico, entre outras línguas. Do século 20, há diversas obras autografadas por seus autores ilustres, como Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Monteiro Lobato —esses dois últimos, alunos da São Francisco. Um exemplar da década de 1530 das Ordenações Manuelinas, conjunto de leis de Portugal aplicável às suas colônias, é o primeiro livro do acervo jurídico da faculdade, hoje o maior da América Latina.

A comemoração do bicentenário terá festa reunindo grandes doadores do acervo. Além disso, a biblioteca deve passar por um processo de restauro e desenvolver um projeto de digitalização do acervo, além de ganhar um novo edifício, em um terreno na rua Riachuelo, aos fundos do prédio histórico da faculdade.

A nova sede terá as portas voltadas à rua, em um convite à população, e proporcionará uma melhor organização do acervo, que tem aproximadamente 20 mil livros, doações dos últimos anos, encaixotados por falta de espaço.

O diretor da São Francisco, Celso Fernandes Campilongo, conta que a arquitetura será moderna, iluminada e irá valorizar a visualização do acervo pelo público. Uma das paredes laterais será de vidro, para mostrar a estrutura do outro imóvel vizinho, o primeiro prédio-garagem de São Paulo, dos anos 1950, que é tombado pelo Patrimônio Histórico.

O 9º e último andar terá um auditório e um café com vista panorâmica para o centro histórico. A construção será, em parte, custeada por uma doação de R$ 16 milhões da JBS, além de R$ 17 milhões de um acordo de reparação aos cofres públicos que a CCR assinou com o Ministério Público em razão de doações irregulares em campanhas políticas anos atrás. Um montante de mais cerca de R$ 35 milhões deverá ser destinado pela própria USP.

Já a biblioteca antiga, também tombada, situa-se dentro do prédio da Faculdade de Direito, construído nos anos 1930 ao lado do convento dos franciscanos —em 1934, a USP seria inaugurada, integrando a São Francisco a outras escolas.

O restauro da biblioteca antiga deve custar R$ 1,5 milhão, e envolve, entre outros serviços, descupinização, recuperação do mobiliário e renovação de instalações elétricas. Para o financiamento, a faculdade buscará o apoio de doadores. São quatro andares de livros, aos quais se tem acesso por uma porta em um canto da sala de leitura da biblioteca.

A pesquisadora Maria Lucia Beffa, diretora da biblioteca, onde atua há 35 anos, conta que alunos de gerações anteriores, ao adentrar aquele ambiente, lembravam-se de "O Nome da Rosa", de 1986, baseado no romance de Umberto Eco, ambientado em um mosteiro medieval onde há uma biblioteca misteriosa, um labirinto de corredores escuros que guardam livros raros, segredos e uma tensão entre a fé e a razão. Já os mais novos citam "Harry Potter" e a biblioteca de Hogwarts, essencial para desvendar grandes mistérios e fazer a magia acontecer.

Dos 200 anos de história dos corredores da São Francisco, tem-se, através de um janelão de vidro, uma visão panorâmica do terreno onde será a nova biblioteca, cujas obras já começaram e devem levar cerca de três anos. De lá, o professor titular da faculdade Maurício Zanoide de Moraes, coordenador do projeto de restauro-, fala à Folha dessa convivência entre passado e futuro.

Da arquitetura antiga que esconde livros à moderna que os exibe, o processo é de construção de conhecimento, respeito à tradição e busca por renovação, como prega a frase cravada na entrada das famosas arcadas do pátio da São Francisco: "Velha e Sempre Nova Academia". A velha biblioteca e a velha academia surgiram após a Independência do Brasil, de 1822, quando o novo império queria formar uma elite intelectual e quadros políticos.

Em um país escravocrata, um negro, José Antônio dos Reis, foi o primeiro bibliotecário e integrou a turma inaugural de direito da São Francisco, da qual se tornou o melhor aluno, agraciado com medalha. E, dois séculos depois, o sistema de cotas nas universidades finalmente torna um pouco menos branco esse espaço histórico da elite intelectual do velho e (nem) sempre novo Brasil.



Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo tem mais de 200 mil exemplares de documentos como periódicos, teses, panfletos etc Zanone Fraissat/Folhapress

Saiba detalhes da reforma da biblioteca

Uma das paredes laterais será de vidro, para mostrar a estrutura do outro imóvel vizinho, o primeiro prédio-garagem de São Paulo, dos anos 1950, que é tombado pelo Patrimônio Histórico —projetado pelo renomado arquiteto Rino Levi, foi pioneiro nos perfis de aço aparentes sobre os quais se apoiam lajes de concreto.

O projeto é assinado pelo arquiteto Paulo Bruna, que foi estagiário de Rino Levi.

Projetadas pelo escritório do consagrado Ramos de Azevedo, as instalações da biblioteca são de sua segunda fase —na primeira, que durou mais de um século, os livros ficavam distribuídos em salas do convento de São Francisco.



Livro do acervo da biblioteca Zanone Fraissat/Folhapress

NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
Novacor-Acrílico Fosco 3,6l Branco De: 149,90 Por: 119,90
Esteves-Ducha Higienica De: 119,90 Por: 89,90
Censi-Kit Universal P/Caixa Acoplada Acionamento Superior De: 149,90 Por: 119,90
Lorenz-C79 Torneira De: 499,90 Por: 399,90
Brasilit-Telha Ondulada 1,53x1,10x6mm De: 64,90 Por: 49,90
Portobello-Porcelanato 20x120 Canela Dourad De: 139,90 Por: 109,90
Eliane-Piso 45x45 Cargo Plus White De: 59,90 Por: 46,90
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
AMPLO ESTACIONAMENTO: 200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
SAC (11) 5033-2020
VISITE NOSSO SITE: WWW.NICOM.com.br

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

ERNESTINA ESTEVAM (1931 - 2025)

Guardiã do samba de bumbo de Campinas

Tradição atravessou gerações e deixou dona Tina conhecida na cultura popular

Francisco Lima Neto

SÃO PAULO Ernestina Estevam, ou dona Tina, como era chamada, conheceu o samba de bumbo ainda no berço, por meio de seu pai. A manifestação da cultura afro-brasileira que mistura dança, poesia e religião, surgiu no século 19, nas fazendas de café no interior de São Paulo, e está na tradição de sua família há gerações.

Seu pai, o Mestre Estevam Ernesto, era um dos tocadores em Campinas.

"Meu bisavô fazia o samba de bumbo, reunia os tocadores, os devotos de São Benedito, fazia festas em casa, aniversários, casamentos. Ela cresceu vendo ele tocar e construindo esse legado. Então o samba de bumbo está na família dela desde sempre", diz a neta, a professora Poliana Sales Estevam, 27.

Filha de pai taxista e mãe costureira, dona Tina tinha dois irmãos. Era a filha do meio. Nasceu em 3 de março de 1931 e cresceu no Cambuí, bairro de alto padrão na região central, mas que na época era ocupado por muita gente da população negra, com remanescentes de fazendas e cortiços que foram depois empurrados para a periferia.

Conforme foi amadurecendo, foi assumindo mais ainda o protagonismo da manifestação cultural da família.

"Com o passar dos anos ela foi se tornando a referência, o nosso ponto de memória. A nossa fonte da nossa tradição mesmo, a nossa raiz", afirma a neta.

Sua atuação no samba de bumbo a deixou conhecida no circuito de manifestações culturais em Campinas e região.

Além de seu papel na cultura, dona Tina trabalhou como alta-costureira e também foi inspetora de alunos na PUC (Pontifícia Universidade Católica) Campinas de 1973 a 2001.

Era uma pessoa calma, observadora, e adorava estar com as pessoas, interagir.

"Ela sempre foi uma pessoa muito quieta, mas sempre precisa nas palavras dela. Muito brincalhona também, gostava de conversar com o pessoal, saber da vida. Ela era muito serena, mas também gostava de estar no meio do pessoal, ser comunicativa", conta Poliana.

Também por conta da tradição familiar, gostava sempre da troca.

"Ela gostava de gente, de estar rodeada de pessoas, da família. Gostava de relembrar os momentos da vida dela e passar a história adiante", explica a neta.

Morreu em 31 de março, em Campinas, aos 94 anos. Teve um filho, Alceu, já falecido. Deixa duas netas, um neto e uma bisneta de pouco mais de 1 ano.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE

Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156 Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito folha.com/mortes. Até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos).



Arquivo pessoal



Leo Pest em cima do capô do seu carro 'sem-topete', na garagem da sua casa, no Capão Redondo, zona sul da capital paulista Danilo Verpa/Folhapress

Líder de rolê dos carros destruídos cortou capota de Gol para parecer Porsche

Leo Pest organizou encontro que acabou em apreensão de veículos

Ivan Finotti

SÃO PAULO "A gente, da periferia, está tentando buscar o sucesso, conquistar as coisas, correto? Mas não temos o dinheiro para comprar uma Porsche, uma Ferrari. Aí a gente pega um carro velho e transforma numa Ferrari da comunidade."

Essa é a explicação de Leonardo Ferreira, 34, para ter cortado a capota de seu Gol quadrado, pintado com cores berrantes e instalado som especial, DVD e sirene de polícia. "Meu desejo é ter um carro conversível mesmo, um cabriolet de R$ 1 milhão. Podia ser qualquer conversível, o que Deus mandar. Por enquanto, Deus está me dando esse."

Por enquanto, então, Leo Pest, como ele é conhecido nas redes sociais, fica na zoeira, buzinando pelas ruas do Capão Redondo quando vai buscar a filha na escola ou tocando bem alto a música "Sem Topete", do MC Marks. A canção celebra a ascensão social e financeira do artista, e a expressão "sem topete" significa carros conversíveis, sem a cobertura.

Mas alto lá. Desde o mês passado, Pest (o apelido vem da "peste" que ele era quando criança) tem que buscar a filha a pé mesmo. É que, desde que organizou o rolê dos sem topete —com cerca de 200 carros de capotas cortadas e semidestruídos, que acabou com apreensões na rodovia dos Bandeirantes—, a polícia está de olho no seu carango.

"Todo dia eles passam aqui para tentar apreender meu carro. Acho que usam até drone. Já apreenderam meu Escort, que tinha R$ 2.000 de multa a pagar. Nem vou atrás porque o dono que está no documento já morreu e não vale a pena. Então, agora eu deixo o Gol na garagem e não saio mais."

Quanto ao carro que restou, Pest tem grande orgulho: "Esse é um Gol 94, 1.8 motor AP, o melhor motor que existe na categoria da marca do carro. Aqui é máquina [diz, enquanto abre o capô]. Ele custou R$ 1.000. Só que eu não paguei, o cara acabou desistindo de me cobrar."

Foi o próprio Pest que transformou seu Gol em um cabriolet, cortando as colunas com uma serra elétrica. A capota, ele levou ao ferro velho e conseguiu vender por R$ 8. Na grade dianteira, em vez de um logo da Volkswagen, há um da Porsche. Já a placa, fake, é de Massachusetts, EUA.

E essa reformulação visual toda aqui, quanto custou? "Ah, eu gastei aí uns R$ 50, foram duas latas de spray e um canetão", explica. "Em questão de iluminação, farol, tudo funciona, tudo bonitinho. Mas em questão de documento, ele tem 13 mil."

Treze mil? "Para serem pagos. Multa e IPVA. R$ 13 mil. Também tem a questão de que, quando você tira o teto, faz a descaracterização de veículo. Porque para fazer assim tem que passar pelo Inmetro ou algo assim. Aí teria que estar no documento 'cabriolet' e eu poderia andar normal."

Enquanto não pode andar normal, Pest curte a fama que conquistou com o rolê dos sem topete e busca monetizar seus canais no Youtube, Tiktok e Instagram.

O tal rolê aconteceu num domingo, no dia 9 de março, quando Pest acordou às 5h da manhã para ir a um posto de gasolina na região de Aricanduva, na zona leste. Ele próprio havia chamado o encontro e se surpreendeu. "Acho que havia 200 carros, e umas 500 pessoas."

"Aí falamos, vamos descer aquela rua. Depois caímos para a avenida. Então, já estávamos pegando a marginal Tietê e a Bandeirantes. Daí deu aquela lambança", lembra ele. "Polícia colou do lado, pedindo para parar..."

"Sim, eu quebrei a cancela do pedágio para fugir. Peço desculpa aí para as autoridades, mais uma vez. Não foi minha intenção."

Segundo relatório do 4º Batalhão da Polícia Rodoviária, 28 veículos foram autuados e cinco apreendidos na ocasião.

Foi assim que nasceu o rolê dos sem topete, que agora pode se transformar num evento em Interlagos. "Estou tentando fechar com o pessoal de lá", diz.

"Tipo uma exibição de carro antigo mesmo, de colecionador. Só que de carros cortados, de carro que pegou fogo, tudo quanto é jeito. Aí as pessoas poderiam eleger o mais bonito", diz ele, a sério.

Pode até parecer divertido, mas tirar o teto do carro é ilegal e inseguro

Colunas e teto são estruturais no carro. No caso dos conversíveis de fábrica, é necessário criar reforços para que a integridade da carroceria seja mantida. Ao se pegar um carro mais velho que não foi criado para ser um cabriolet —portanto, sem os reforços estruturais— e arrancar tudo o que está das portas para cima, cria-se algo potencialmente perigoso.

Um carro sem teto perde estabilidade em curvas e se deforma mais em colisões. As movimentações da carroceria saem do controle. Há também infrações de trânsito. Transformações precisam seguir normas do Contran (Conselho Nacional de Trânsito), vistoria e emissão de um novo CRV (Certificado de Registro do Veículo).

Eduardo Sodré

Harmonização nominal

Juiz chamado Zé decidiu ser Edward Albert Lancelot Dodd Canterbury Caterham Wickfield

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Espero que o grande jornalista Zuenir Ventura não se ofenda, não ousaria e nem poderia pôr em dúvida seu inconteste talento —seria como um reserva do Íbis criticando um Pelé— mas com um nome desses, já é meio caminho andado. Um ser humano chamado "Zuenir Ventura" só pode estar predestinado a grandes feitos. Em qualquer profissão em que se aventurasse.

"Venerável público! Com vocês, agora, o homem bala, engolidor de facas e acrobata "Zueniiiiiirrrrr Venturaaaaaaa!". Eu pagaria para assistir. "Aqui estão os resultados dos exames, Antonio. Você sofre de Pedulatolite papilogênica aguda". "É grave, doutor?". "Não se preocupa, vou te indicar o Professor Zuenir Ventura, ele é o papa da Pedulatolite papilogênica aguda no Brasil". Eu confiaria no Dr. Zuenir.



Adams Carvalho

Zuenir Ventura certamente tem algum parentesco, não de sangue, mas de espírito, com o ator Perfeito Fortuna. Taí outro que só precisa mostrar o RG para que a vida se encarregue de, digamos, afortuná-lo. Outros membros desta estirpe, como cantou Caetano Veloso em "Língua" são Scarlet Moon de Chevalier, Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé. Caetano se esqueceu de Jards Macalé —e Gregorio Duvivier só não entrou pelo detalhe menor de ainda não haver nascido.

Existem esses abençoados (ou, deveria dizer, batizados?), cujos nomes vêm à frente, como um corneteiro medieval anunciando a chegada do rei e existem nós outros, os normais, que ao longo da vida vamos preenchendo —tentando, pelo menos— nossos nomes com algum significado. Ou você duvida que um Pedro Cardoso, um Paulo Gustavo precisou fazer muito mais esforço para ser lembrado do que um Milhem Cortaz, um Caco Ciocler?

Penso nisso ao ler a matéria enviada pelo amigo Luiz Megale, sobre a curiosa história do cidadão que nasceu em Águas da Prata, em 1958, com o nome de José Eduardo Franco dos Reis e aposentou-se em 2018, na 35ª vara cível de São Paulo, convertido num nobre inglês chamado Edward Albert Lancelot Dodd Canterbury Caterham Wickfield. Isso mesmo. Isso tudo.

Em algum momento da vida, Zé Eduardo cansou-se de ser apenas mais um Zé e decidiu: serei inglês, serei nobre, serei Edward Albert Lancelot Dodd Canterbury Caterham Wickfield

Em algum momento da vida, Zé Eduardo cansou-se de ser apenas mais um Zé, de Águas da Prata e decidiu: serei inglês, serei nobre, serei Edward Albert Lancelot Dodd Canterbury Caterham Wickfield. Falsificou documentos e conseguiu rebatizar-se com essa frase que mais parece parte da escalação do time de futebol na pelada de final de ano do palácio de Buckingham. (Wimbledon, Chesterfield, Lloyds e Tanqueray, que completarão os 11, ainda estão no vestiário).

Só em 2024, ao tentar tirar uma segunda via do RG, Edward etc foi desmascarado pela biometria. A maquininha percebeu que a digital do polegar em que supostamente corria sangue azul era exatamente a mesma digital de outro polegar, cujo sangue vermelho pertencia ao plebeu José Eduardo. Pois é.

Pelo que li, é crime, mas não deveria ser. Só deveria ser considerado contra a lei a pessoa abandonar um nome sujo na praça, um nome que bateu na mulher, um nome que tá na lista da Interpol. Já aquele em que nada consta, mas que quer, assim, dar um retrofit em sua certidão de nascimento, qual o problema? Tem gente que sai por aí fantasiada de Batman. Tem gente que faz sexo fantasiada de bicho de pelúcia. Tem até gente que escreve tudo empolado pra se fantasiar de intelectual. Por que o Zé Eduardo não pode ser todo um trava-línguas somente à altura de quem fez no mínimo um ano e meio de CCAA? Devia poder.

Assinado: Millôr Machado Veríssimo Ramos Drummond Bandeira Lispector Prata (o do Mario, não o meu).

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques QUI. Sergio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SAB. Oscar Vilhena Vieira / Luis Francisco Carvalho Filho

Pagamento é suspenso a juiz com nome falso

José Eduardo Franco dos Reis recebeu mais de R$ 160 mil de aposentadoria no mês de fevereiro

SÃO PAULO O presidente do TJSP (Tribunal de Justiça de São Paulo), Fernando Antonio Torres Garcia, anunciou nesta sexta-feira (4) a suspensão de quaisquer pagamentos a que o juiz aposentado José Eduardo Franco dos Reis teria direito de receber após ele ter se tornado réu pelos crimes de falsidade ideológica e uso de documento falso.

Reis é acusado de usar um nome falso ao longo da carreira como juiz. O Ministério Público de São Paulo afirma que José Eduardo Reis é a verdadeira identidade de Edward Albert Lancelot Dodd-Canterbury Caterham Wickfield, que se apresentava como descendente de nobres ingleses e usou esse nome durante 23 anos de magistratura.

Ele teria criado uma carteira de identidade falsa em 1980, que só foi descoberta no ano passado, quando ele tentou obter a segunda via do documento numa unidade do Poupatempo na Sé, no centro da capital.

Até esta sexta-feira, Reis ainda não havia constituído defesa no processo. A Folha entrou em contato por e-mail e telefone com um advogado que representa o juiz aposentado em outro processo, sem relação com a denúncia, mas não recebeu resposta.

Aposentado em abril de 2018, o magistrado recebe vencimentos do Tribunal de Justiça pagos com o erário. Em fevereiro, o tribunal pagou a ele o valor bruto de R$ 166.413,94. Em dezembro e janeiro, ele recebeu R$ 187.427 e R$ 155.621, respectivamente.

Reis fez uma viagem ao Reino Unido após o início do inquérito que resultou na denúncia contra ele, segundo uma autoridade a par das investigações. Ele já teria retornado ao Brasil, segundo essa autoridade, mas não foi encontrado na última vez em que foi procurado no endereço que forneceu à Polícia Civil.

De acordo com a nota do tribunal, a decisão de Torres Garcia é administrativa e que o processo tramita em segredo de Justiça", finaliza o comunicado.

Reis prestou depoimento sobre o caso no dia 2 de dezembro na Delegacia de Combate a Crimes de Fraude Documental e Biometria, no centro. Ele foi denunciado em fevereiro deste ano.

Ao prestar depoimento, ele informou à polícia um endereço de residência na Vila Mariana, na zona sul de São Paulo. Após ser indiciado pela Polícia Civil, oficiais de Justiça voltaram ao local para intimá-lo a ir até a delegacia para um interrogatório, mas ele não foi encontrado. Apesar disso, Reis não está foragido, uma vez que não há mandado de prisão contra ele.

No depoimento que prestou em dezembro, ele declarou que Edward Wickfield é seu irmão gêmeo, que teria sido dado a outra família durante a infância. Disse também que só conheceu o irmão na década de 1980, após a morte de seu pai. Segundo ele, Wickfield era professor e retornou à Inglaterra após a aposentadoria.

Reis forneceu à polícia um endereço no bairro de West Kensington, em Londres, e um número de telefone para contato. Apresentando-se à autoridade como artesão, alegou que foi ao Poupatempo da Sé para renovar o RG a pedido do suposto irmão gêmeo.



Homem contava história de amor malsucedido

Aos colegas na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da USP, Edward Albert Lancelot Dodd Canterbury Caterham Wickfield contava que ficou no Brasil por amor. O juiz, que se chama na verdade José Eduardo Franco dos Reis, dizia ter ficado no país após se apaixonar por uma jovem da Bahia.

O relacionamento não teria dado certo e ele teria decidido viver no Brasil uma vida com menos luxo do que levava na Inglaterra.

A investigação acredita que a viagem foi uma tentativa de validar a versão de que Wickfield mora na Inglaterra, mas a Polícia Civil e a Promotoria já estão convencidas do contrário. O delegado do caso chegou a enviar um ofício a autoridades do Reino Unido, questionando se o juiz tinha passaporte inglês. A resposta, segundo a investigação, foi que não havia nenhum cidadão com aquele nome no país.

Evidências diferentes serviram para convencer as autoridades que Reis e Wickfield são a mesma pessoa, a começar pela coincidência de impressões digitais. Além disso, ele apresentava certidões de nascimento com o mesmo número de registro em cartório para as duas identidades.

Embora a investigação tenha identificado que ele tem duas irmãs, ele diz que as desconhecia quando os nomes foram apresentados durante o depoimento. Quando Polícia Civil chamou um familiar de Reis para depor, ouviu uma versão diferente, que não incluía a história dos gêmeos.

Com 346 desalojados por chuva, Angra dos Reis decreta emergência

Impactos também foram registrados na capital e na região serrana do Rio de Janeiro, onde rodovia que vai a Teresópolis está interditada; situação em Petrópolis preocupa

Artur Búrigo

BELO HORIZONTE O forte volume de chuvas entre a noite de sexta (4) e manhã de sábado (5) no Rio de Janeiro levou a Defesa Civil a emitir alertas em municípios da Baixada Fluminense e na capital.

A Prefeitura de Angra dos Reis decretou situação de emergência. O boletim mais recente aponta que são 346 desalojados na cidade, sem registro de feridos.

O acumulado das chuvas nas últimas 24h é de 324 milímetros e fez transbordar os rios Japuíba e Caputera, segundo a gestão municipal, que abriu 36 pontos de apoio e quatro abrigos para desalojados.

Até a tarde de sábado, as sirenes de alerta tocaram em 46 bairros. Com a situação de emergência, a cidade pode acessar recursos estaduais e federais, realizar compras emergenciais, convocar voluntários e adotar medidas imediatas de proteção à população, como evacuação de áreas.

Em Teresópolis, a Defesa Civil pediu para comerciantes fecharem estabelecimentos para evitar que as pessoas saiam de casa.

O trecho de serra da BR-116 que liga o Rio a Teresópolis, do km 93 ao km 108, está interditado em ambos os sentidos. A Ecovias Rio Minas, concessionária que administra a via, disse que o tráfego continuará suspenso até a manhã de domingo (6).

Em Belford Roxo, na Baixada, os bombeiros atuam para localizar uma mulher desaparecida. A corporação foi acionada às 5h34 e segue as buscas por terra e rio. O governador Cláudio Castro (PL) disse que a ocorrência não tem relação com as chuvas.



Alagamento no bairro Parque Mambucaba, em Angra dos Reis (RJ) neste sábado Aline Massuca/Reuters

Governador critica governo federal

Cláudio Castro (PL) disse não ter recebido o contato de representantes do governo federal para apoiar o estado. Procurado, o Planalto não se manifestou até conclusão desta edição.

Segundo o governador, a situação mais preocupante é a de Petrópolis, onde ele concedeu uma entrevista coletiva. As autoridades se mobilizam para o risco geológico, já que o solo encharcado pode provocar desabamentos.

"Esse estágio de atenção continua, inclusive nessas regiões em que os acumulados de chuva já não são mais importantes agora, mas que a gente tem um solo muito encharcado", disse Castro.

Em Petrópolis, 38 pessoas estão alojadas em pontos de apoio de forma preventiva, segundo a prefeitura. O rio Quitandinha, no centro histórico, transbordou e outros pontos da cidade registraram alagamentos.

Castro disse que a tendência é que as tempestades se direcionem no sentido de Juiz de Fora, na Zona da Mata de Minas Gerais, o que gera atenção para as regiões norte e noroeste do estado fluminense.

Na capital, a Defesa Civil acionou às 11h oito sirenes em Borel e Andaraí, duas comunidades da Grande Tijuca. Elas já haviam sido disparadas às 6h deste sábado.

O prefeito Eduardo Paes (PSD) recomendou à população ficar em casa.

Rodovias em São Paulo e no Rio são bloqueadas devido às tempestades

SÃO PAULO Após o alto volume de chuvas registrado na sexta-feira (4), trechos da rodovia Rio-Santos chegaram a ser interrompidos ao longo do sábado. A interdição aconteceu entre os km 428 e 542, nas regiões de Angra dos Reis (RJ), Paraty (RJ) e Mangaratiba (RJ).

Às 19h45, todos os trechos bloqueados já haviam sido liberados. Foram ao menos seis interrupções ao longo do dia provocadas pela chuva e alto risco de deslizamentos.

Em nota, a concessionária CCR Rio-Santos afirmou que alguns pontos registraram 302 milímetros de chuva nas últimas 24 horas, volume que deixou o solo encharcado.

Apesar da chuva forte, a concessionária disse que não houve registro de acidentes.

Além da Rio-Santos, a Serra Antiga da Tamoios foi interrompida às 23h30 de sexta. Até metade da tarde deste sábado carros ainda passavam pela operação comboio.

Em São Sebastião, a queda de uma árvore de grande porte sobre rodovia SP-55 causou interdição total. O trânsito já foi liberado. Em Ubatuba foram registrados pontos de alagamento e quedas de árvores e ao menos 19 pessoas chegaram a ficar ilhadas.

classificados

11 3224-4000

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

Formas de pagamento cartão de crédito, boleto bancário ou pagamento à vista

NEGÓCIOS

ANTIGUIDADES COLEÇÕES/JÓIAS

COMPRO ESTES ÁLBUNS DE FIGURINHAS SÓ ANOS 50
Álbum Balas Futebol ano 1957, Álbum Balas Equipe 1957, Álbum Balas Centro Goal ano 1958 e Álbum Futebol Editora Americana ano 1958. Que tenham a figurinha do Pelé neles.
Pago até R$15.000,00 cada por PIX ou dinheiro
Posso ir buscar.
(11) 9-8492-0549
com Marcio- (Colecionador)

MENSAGENS RELIGIOSAS

ORAÇÃO À NOSSA SENHORA
Maria
Desatadora dos Nós
Virgem Maria, Mãe do belo amor, Mãe que jamais deixa de vir em socorro a um filho aflito. Mãe cujas mãos não param nunca de servir seus amados filhos, pois são movidas pelo amor divino e a imensa misericórdia que existem em teu coração, volta o teu olhar compassivo sobre mim e vê o emaranhado de nós que há em minha vida. Tu bem conheces o meu desespero, a minha dor e o quanto estou amarrado por causa destes nós. Maria, Mãe que Deus encarregou de desatar os nós da vida dos seus filhos, confio hoje a fita da minha vida em tuas mãos. Ninguém, nem mesmo o maligno poderá tirá-la do teu precioso amparo. Em tuas mãos não há nó que não poderá ser desfeito. Mãe poderosa, por tua graça e teu poder intercessor junto a Teu Filho e Meu Libertador, Jesus, recebe hoje em tuas mãos este nó... Peço-te para desatá-lo para a glória de Deus e por todo o sempre. Vós sois a minha esperança. Ó Senhora minha, sois a minha única consolação dada por Deus, a fortaleza das minhas débeis forças, a riqueza das minhas misérias, a liberdade, com Cristo, das minhas cadeias. Ouve minha súplica. Guarda-me, guia-me, protege-me, ó seguro refúgio! Maria, Desatadora dos Nós, roga por mim. (Diga à Mãe qual é o Nó que está amarrando a sua vida).
Rezar 1 Pai Nosso, 1 Ave Maria e fazer o Sinal da Cruz.
M.E.T.

ESOTERISMO

MAPA ASTRAL
FAZEMOS
(Carta Natal) com interpretação de ADULTOS e interpretações especificas para horóscopo de CRIANÇAS ou de ANIMAIS + PREVISÕES dia-a-dia para um ano - R$ 50,00 pagos após receber o horóscopo
CONTATO:
socpampelosbichos@gmail.com ou WhatsApp (44) 99849-3817

LEILÕES

LEILÃO DE ARTE 08/04 ÀS 20:30 H

ACOMPANHANTES

AMANDA

EMPREGOS

AUXILIAR DE LIMPEZA
LOCAL DE TRABALHO: Todas as regiões de São Paulo.
Ensino fundamental, regime de contratação CLT. Não é necessário experiência na função.
Oferecemos: Vale transporte, vale alimentação e vale refeição.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br
IMPACTO

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para:
Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail: treinamento2@wolffsp.com

IMPACTO
Pessoas com Deficiência
Para as regiões Sul, Oeste, Centro e Leste.
Contrata-se para as áreas operacionais e administrativas.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

A SPDM - ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA HOSPITAL GERAL DE GUARULHOS
Contrata:
✓ Pessoas com deficiência para áreas: Administrativas, Técnicas e Operacionais;
Médicos:
✓ Anestesiologista
✓ Clínico Geral - Unidade de P.S e Enfermaria
✓ Endoscopista
✓ Neonatologista - Unidade Neonatal
✓ Intensivista - Adulto e Pediátrico
✓ Ginecologista e Obstetra - Centro Obstétrico
✓ Oftalmologista
✓ Ortopedista
✓ Radiologista
✓ Especialista em Diagnóstico por imagem
✓ Cirurgião: Geral, Pediátrico, Vascular, Oncológico, Plástico e Neurocirurgião
Regime CLT, próx. ao aeroporto internacional de Guarulhos, Hospital de Alta Complexidade. Interessados cadastrar o currículo em nossa página de carreira: hgg.gupy.io

IMPACTO
Estamos contratando:
jovem APRENDIZ
Atuação em áreas diversas da empresa, visando o desenvolvimento e qualificação profissional em seu primeiro contato com o mercado de trabalho.
Enviar currículo para o e-mail: vagas@grupoimpacto.com.br

EMPREGADOS PROCURADOS

P

PCD - ÁREAS DIVERSAS

#siga a folha

ASSINE A FOLHA
folha.com/assine

Eufrázio

saúde

Projeto oferece consulta virtual a mulheres após parto em maternidades públicas

Suporte remoto evita deslocamento a unidades de saúde; 80% das queixas dizem respeito a pega inadequada na amamentação e dor

TODAS

Cláudia Collucci

SÃO PAULO Um projeto que envolve suporte remoto e consultas virtuais tem orientado mães que tiveram partos em maternidades públicas com dúvidas que surgem com a chegada do bebê em casa e, assim, evitado que muitas se desloquem desnecessariamente a unidades de saúde.

O monitoramento das mães começa na alta hospitalar, por meio de uma central de enfermagem 24 horas com equipe multidisciplinar. Uma das principais dificuldades relatadas nesse período diz respeito à amamentação, com 80% das queixas relacionadas à pega inadequada e à dor.

Desenvolvido pela L2D Saúde Digital, empresa especializada em soluções digitais para a gestão pública, que atende mais de 300 unidades de saúde em todo o país, o projeto Aurora foi aplicado na Santa Casa de Tatuí (SP), onde acompanhou 327 mulheres, e agora está em Itupeva, seguindo 41 puérperas.

Segundo Fernanda Andrade, coordenadora de enfermagem e uma das responsáveis pela iniciativa, a ideia surgiu de sua própria prática profissional, como enfermeira de UTI neonatal, ao perceber o vácuo assistencial à mulher durante o puerpério.

Esse período se inicia com a saída da placenta, após o parto, e termina com a primeira ovulação, o que pode levar de 45 a 60 dias, e é considerado crítico para a saúde física e mental da mãe e do bebê. A maioria das mortes maternas, por exemplo, costuma ocorrer nesse período.

"A gente tem uma estrutura bacana no SUS voltada ao pré-natal ou dentro do hospital, mas senti muita falta com relação aos cuidados que a mãe vai ter em casa com o bebê. É tudo muito novo e assustador para elas", diz.

Fernanda afirma que, após a alta da maternidade, surgem muitos questionamentos —dor ao amamentar, por exemplo— que podem ser resolvidos a distância. "Isso evita muitas vezes a exposição desnecessária do recém-nascido e da puérpera a uma unidade de saúde só para tirar dúvidas."

Segundo a enfermeira, muitas das necessidades físicas, emocionais e sociais da mãe ficam desassistidas no puerpério. Estudos mostram que 80% das mulheres apresentam discreta tristeza nos primeiros dias após o parto, conhecida como blues puerperal. Dessas, de 10% a 15% podem desenvolver depressão pós-parto.

A dona de casa Leide Escorcio de Oliveira, 30, de Tatuí, recorreu ao projeto durante o puerpério do caçula Benjamin, hoje com quatro meses, para receber orientações sobre como proceder com a inflamação que teve nos pontos da cesárea.

"Mesmo tendo tido dois partos anteriores, nunca tinha passado por isso e fiquei muito assustada quando começou a vazar líquido. Eu mandava vídeos, fotos e eles me respondiam com orientações. Me senti olhada, amparada."

Leide também teve excesso de leite e risco de empedramento, ao mesmo tempo em que o bebê regurgitava muito. Além da orientação virtual, recebeu conteúdos educativos. Em várias ocasiões recorreu ao projeto durante a madrugada, conta.

"Eu me preocupava com a respiração do Benjamin, que parecia um 'roncadinho'. Tinha medo que ele estivesse com o peito cheio. Mandei um vídeo, e eles me acalmaram. Não era nada demais."

Fernando Palma, diretor de projetos da L2D Saúde Digital, afirma que emergências que requerem atendimento presencial devem ser tratadas diretamente nas unidades de saúde, e as mães são orientadas para isso.

"A ideia não é entrar em conflito com os cuidados [do hospital], mas sim complementar de uma forma dinâmica, atual, sempre buscando referências."

Várias mães acompanhadas pelo projeto são de regiões vulneráveis, o que dificulta o acesso à saúde. Em Tatuí, por exemplo, quase um quinto mora na zona rural.

"É uma realidade delicada. Às vezes, elas pedem ajuda porque o pediatra não foi [ao serviço de saúde]. Mas nós não substituímos consultas necessárias, como o primeiro retorno ao pediatra ou ao ginecologista. Nosso apoio é entre uma consulta e outra."

O projeto oferta também atendimento psicológico, que aborda questões como ansiedade, dificuldades familiares e adaptação à nova rotina. Já a equipe de nutrição orienta sobre alimentação pós-parto e produção de leite.

"Nosso intuito não é forçar a mãe a amamentar. É mostrar que ela consegue, orientar, mas, se não der, tudo bem. Existem outras possibilidades, tirar o leite e fornecer no copinho, por exemplo. O importante é alimentar o bebezinho dela", diz Fernanda.

Silvana Guerra, 34, de Itupeva, conta que sofreu mais no parto da recém-nascida Rayele do que no do filho Raniel, de oito anos. Ela teve uma gestação de risco e precisou remover o ovário direito na cesárea. A bebê também teve dificuldades para mamar e demorou para pegar o peito.

"Tive muito apoio [do projeto]. Além das orientações da amamentação, aprendi a evitar refrigerante e melhorar a qualidade da minha dieta", diz.

De acordo com Fernando Palma, o serviço oferecido às puérperas é adaptado de acordo com as demandas que elas tenham. Por exemplo, há situações em que bebês prematuros precisam ficar internados ou passar por procedimentos cirúrgicos. Nesses casos, o monitoramento da mãe e do bebê pode ser iniciado ainda durante a internação.

> "Eu me preocupava com a respiração do Benjamin. Tinha medo que ele estivesse com o peito cheio. Mandei um vídeo, e eles me acalmaram. Não era nada demais
>
> **Leide Escorcio de Oliveira**
> beneficiária do projeto em Tatuí (SP)

> "Tive muito apoio. Além das orientações da amamentação, aprendi a evitar refrigerante e melhorar a qualidade da minha dieta
>
> **Silvana Guerra**
> beneficiária do projeto em Itupeva (SP)

327 mães foram atendidas pelo projeto Aurora na Santa Casa de Tatuí

47 mulheres puérperas são atendidas agora em Itupeva



A enfermeira Fernanda Andrade atende Silvana Guerra, 34, mãe da recém-nascida Rayele, em projeto que orienta mães após o parto em maternidades públicas L2D Saúde Digital/Divulgação

Milhões em todo o mundo perderão acesso a contracepção após cortes de Trump

THE NEW YORK TIMES Os Estados Unidos estão encerrando seu apoio financeiro a programas de planejamento familiar em países em desenvolvimento, impedindo que quase 50 milhões de mulheres tenham acesso a métodos contraceptivos.

Essa mudança de política atraiu pouca atenção em meio ao desmantelamento em massa da ajuda externa dos EUA, mas pode ter implicações enormes, incluindo mais mortes maternas e aumento geral da pobreza. A medida descarrila um esforço que havia levado anticoncepcionais de ação prolongada para mulheres em algumas das partes mais pobres e isoladas do mundo nos últimos anos.

Os EUA forneceram cerca de 40% do financiamento que os governos contribuíram para programas de planejamento familiar em 31 países em desenvolvimento, aproximadamente US$ 600 milhões, em 2023, o último ano para o qual há dados disponíveis, de acordo com a KFF, uma organização de pesquisa em saúde.

Esse financiamento forneceu dispositivos contraceptivos e os serviços médicos para entregá-los a mais de 47 milhões de mulheres e casais, o que estimam ter evitado 17,1 milhões de gestações indesejadas e 5,2 milhões de abortos inseguros, de acordo com uma análise do Instituto Guttmacher, organização de pesquisa de saúde sexual. Sem essa contribuição anual, 34 mil mulheres poderiam morrer de mortes maternas evitáveis a cada ano, calcula o instituto.

"A magnitude do impacto é alucinante", diz Marie Ba, que lidera a equipe de coordenação da Parceria de Ouagadougou, uma iniciativa para acelerar investimentos e acesso ao planejamento familiar em nove países da África Ocidental.

O financiamento foi encerrado como parte do desmantelamento da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional, a Usaid, pela administração de Donald Trump. O Departamento de Estado, ao qual a agência foi absorvida, não respondeu a um pedido de comentário sobre a decisão de encerrar o financiamento ao planejamento familiar. O Secretário de Estado Marco Rubio descreveu os projetos de ajuda como um desperdício e como não alinhados aos interesses estratégicos dos EUA.

Entre os países que serão significativamente afetados pela decisão estão Afeganistão, Etiópia, Bangladesh, Iêmen e Congo. A ação do Departamento de Estado para cortar esses e outros programas de auxílio é tema de vários processos atualmente em curso em tribunais federais.

ciência



Mia, uma jovem fêmea de bonobo, vocalizando em resposta a membros do grupo distantes na reserva de Kokolopori, na República Democrática do Congo Martin Surbeck/ Programa de Pesquisa Kokolopori Bonobo

Bonobos têm capacidades comunicativas que lembram a linguagem dos humanos

Após observar os primatas na natureza, pesquisadores concluem que vocalizações se combinam de forma relativamente sofisticada

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Os bonobos ou chimpanzés-pigmeus, famosos por serem os primos "paz e amor" do *Homo sapiens*, também têm capacidades comunicativas que lembram a linguagem humana, indica um novo estudo.

De acordo com o trabalho, conduzido por pesquisadores europeus, as vocalizações emitidas pelos primatas se combinam de forma relativamente sofisticada, o que permitiria a produção de novos sentidos que vão além da simples soma dos sons emitidos durante a comunicação entre eles.

A pesquisa, que saiu na última quinta (3) no periódico Science, é mais um exemplo de uma série de estudos dos últimos anos sobre as capacidades linguísticas surpreendentes de outros animais —não só primatas como também cetáceos (o grupo das baleias e golfinhos), elefantes e aves, entre outros.

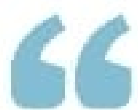
"Estamos demonstrando que muitas capacidades antes consideradas exclusivas da linguagem humana na verdade existem em outras espécies", disse à **Folha** a autora principal do estudo, Mélissa Berthet, do Departamento de Antropologia Evolucionista da Universidade de Zurique, na Suíça.

"Isso sugere que as diferenças-chave entre a linguagem humana e a comunicação animal podem não vir da presença ou ausência de certas habilidades, mas sim do grau de sua complexidade."

Junto com outros dois colegas, Berthet estudou três comunidades de bonobos selvagens que habitam a reserva de Kokolopori, na República Democrática do Congo. A pesquisadora acompanhava os animais durante períodos que iam de 12 a 15 horas por dia, gravando os sons que emitiam e observando seu comportamento. Toda vez que um dos bichos emitia um chamado, ele era classificado numa lista com mais de 300 parâmetros contextuais.

Isso permitiu que ela entendesse o uso consistente dos tipos de vocalizações em contextos específicos e, portanto, estimasse com bom grau de probabilidade o "significado" dos sons.

A pesquisadora conta que, em outro estudo, liderado por Franziska Wedgell, a equipe já tinha estabelecido que os bonobos adultos têm 11 tipos diferentes de chamados. As vocalizações podem ser combinadas em 38 duplas de sons diferentes e muitas outras que envolvem mais do que dois chamados. No estudo publicado na Science, a equipe resolveu se concentrar nos chamados e combinações mais comuns.



Isso sugere que as diferenças-chave entre a linguagem humana e a comunicação animal podem não vir da presença ou ausência de certas habilidades, mas sim do grau de sua complexidade

Mélissa Berthet
autora principal do estudo

De fato, para o trabalho, a combinação de vocalizações era o mais importante. O objetivo da equipe era estudar a chamada composicionalidade, ou seja, a maneira como a junção de dois sons, cada qual com seu próprio sentido, dá origem a um novo conjunto com seu sentido próprio, que é influenciado pelas partes componentes.

Um dos exemplos de composicionalidade dado pelos cientistas no estudo é a expressão "dançarino loiro", ou seja, alguém que é dançarino e também tem cabelos loiros. Esse seria um exemplo de composicionalidade trivial, porque cada palavra contribui para o sentido da expressão de forma independente da outra: quem é um dançarino loiro também pode ser um "irmão loiro" ou um "amigo loiro", por exemplo.

Só que existe também a composicionalidade não trivial. Um exemplo seria a expressão "mau dançarino". Nesse caso, não é possível simplesmente trocar o substantivo: um mau dançarino não é necessariamente também um "mau amigo" ou "mau pai", digamos. Ou seja, nesse caso, o sentido de "mau" não é independente do de "dançarino", mas complementa a segunda palavra.

A composicionalidade trivial já tinha sido registrada em alguns contextos nas vocalizações de primatas e aves, por exemplo. Mas a versão não trivial dessa característica da linguagem humana nunca tinha sido observada nos sons usados por outros animais. Até agora —foi o que estudo com os bonobos congoleses demonstrou, segundo Berthet e seus colegas.

O caçador de chifres tranquiliza os homens

Belga mostra que só 1% dos bebês foram gerados por infidelidade

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Recordo que fiquei bastante intrigado dois anos atrás, quando fiz para esta **Folha** uma reportagem sobre o DNA do gênio musical Ludwig van Beethoven (1770-1827), finalmente "soletrado" pelos cientistas graças a mechas de cabelo dele que foram preservadas. Não entendi muito bem o aparente desinteresse dos colegas gringos por um chifre histórico.

Acontece que uma das descobertas surpreendentes do estudo tinha a ver com o cromossomo Y, presente em quase todos os indivíduos biologicamente machos da nossa espécie. Os descendentes do sexo masculino de um mesmo homem deveriam carregar versões praticamente idênticas desse pedaço do material genético, que só é passado de pai para filho.

Só que o cromossomo Y do célebre Ludwig não bate, nem de longe, com o dos homens vivos hoje com o sobrenome Van Beethoven, que descendem, em tese, do mesmo ancestral que ele. Conclusão inescapável: alguma mulher das gerações anteriores a ele teve um filho com alguém que não era o marido.

Curiosamente, nenhuma das reportagens da imprensa de língua inglesa sobre a pesquisa destacou esse fato nos títulos. Será que eles acharam que seria machista tocar no assunto? Será que brasileiros são culturalmente mais fofoqueiros que a média?

Não sei dizer. Mas só me dei conta recentemente de que um dos coautores do estudo talvez mereça o título de maior caçador de chifres da história da ciência.

Refiro-me a Maarten Larmuseau, geneticista da Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, retratado num divertidíssimo perfil do periódico Science. Ele se dedicou, entre outras coisas, a investigar a verdade por trás de uma estatística chutada que ganhou vida própria nas últimas décadas: a de que 10% dos filhos de casais devidamente casados seriam, na verdade, filhos de outro homem sem que o pai "oficial" soubesse.

Larmuseau se dedicou a investigar a verdade por trás de uma estatística chutada: a de que 10% dos filhos de casais devidamente casados seriam, na verdade, filhos de outro homem

Ninguém sabe como esse número surgiu. Larmuseau, porém, combinando análises de DNA com um trabalho de detetive genealógico (mapeando famílias ao longo do tempo usando registros de batismo centenários, por exemplo), mostrou que 10% é um baita exagero. Beethoven era exceção: ao menos em famílias europeias dos últimos 500 anos, a média de casos fica em apenas 1%.

Mas a coisa é mais interessante do que esse número isolado, claro. Ao menos do ponto de vista reprodutivo, parece que a monogamia funciona quase sempre (para os homens). Mas outros estudos, tanto de Larmuseau quanto de outros pesquisadores, indicam que a proporção não está inscrita em pedra.

Segundo os cálculos dele, no século 19, o número salta para 6% em certas áreas dos Países Baixos em que houve um processo rápido de urbanização e industrialização. O novo proletariado urbano, arrancado de suas raízes rurais e com condições de vida precária, também enfrentou mudanças nos padrões de sexualidade e geração de filhos, ao que parece.

Já entre os himba, um povo de pastores nômades da Namíbia, outro estudo mostrou que o número chega a quase 50%. Na cultura deles, não há estigma quanto à "paternidade externa" —os homens sabem quando suas mulheres têm filhos com outros, mas ainda assim são os pais oficiais das crianças.

Biologia é importante, mas não é tudo. Pai é quem cria, afinal de contas.

DOM. Reinaldo José Lopes **SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral**
TER. Álvaro Machado Dias QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel SAB. Marcia Castro

ambiente

ONGs temem onda de processos após condenação do Greenpeace nos EUA

Multa milionária imposta por tribunal fará organização fechar no país; especialistas veem briga na Justiça como uma tática de poluidores para intimidação de ativistas

Giuliana Miranda

MADRI Os efeitos da recente condenação do Greenpeace, uma das maiores e mais conhecidas organizações não governamentais do planeta, vão além da multa de US$ 660 milhões (R$ 3,7 bilhões) imposta ao grupo por um júri da Dakota do Norte, nos EUA.

Ambientalistas de vários países, incluindo o Brasil, temem que a decisão, até agora sem precedentes em termos de escala, possa encorajar uma onda de processos semelhantes.

"Cria uma preocupação grande dentro do setor, porque o Greenpeace é uma organização reconhecida, que tem uma capacidade muito grande, tanto de expor problemas quanto de se defender. Quando algo assim ocorre mesmo com eles, gera uma preocupação com o que pode acontecer com os demais, principalmente com quem não tem os mesmos recursos", avalia Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, coalizão que reúne mais de 130 entidades.

Em um cenário em que o governo de Donald Trump vem tomando uma série de medidas hostis às proteções ambientais, as organizações da sociedade civil têm se mostrado particularmente alarmadas.

Antes mesmo do veredicto, quando os danos reivindicados no processo ainda estavam rondando os US$ 300 milhões, menos da metade do que foi efetivamente estipulado, o Greenpeace já havia afirmado que o montante seria suficiente para encerrar suas atividades do grupo nos Estados Unidos. Depois da sentença, o grupo anunciou que vai recorrer.

A ação foi movida pela empresa Energy Transfer, que processou a organização por sua atuação em protestos contra o oleoduto Dakota Access, de 2016 a 2017.

Ainda que as manifestações tenham ocorrido em vários pontos dos EUA e até do exterior, o epicentro foi na região da Reserva Sioux de Standing Rock, com milhares de pessoas participando de acampamentos. Os manifestantes alegavam que o oleoduto atravessava áreas sagradas para os indígenas, além de colocar em risco o abastecimento de água.

Durante alguns dos protestos, ocorreram atos de violência e vandalismo. A Energy Transfer, uma das principais empresas de oleoduto dos EUA, acusa o Greenpeace de difamação e de ter contribuído ativamente para o desenrolar das manifestações, incluindo o treinamento de pessoas em táticas de protesto, bem como o fornecimento de recursos financeiros e outros tipos de apoio para as manifestações.

A organização nega as acusações, afirmando que seu único envolvimento foi assinar uma carta, juntamente com outras centenas de signatários, expressando oposição ao oleoduto.

Os argumentos da Energy Transfer, cujo cofundador e presidente do conselho, Kelcy Warren, é aliado e doador de campanha de Trump, convenceram os nove membros do júri popular.

O Greenpeace criticou o resultado, incluindo a escolha do tribunal e as evidências processuais apresentadas. A ONG afirma que a ação é uma tentativa de silenciar seu trabalho e um ataque à Primeira Emenda da Constituição dos EUA, que garante o direito à liberdade de expressão.

"Nós lutamos contra os processos da Energy Transfer por mais de sete anos. A cada etapa do caminho, nós enfatizamos que esse tipo de ação —com o propósito de silenciar e acabar com as críticas— é parte de um ataque nacional crescente aos nossos direitos da Primeira Emenda", diz o Greenpeace EUA, em nota.

Observadores independentes também foram bastante críticos. Em nota, o Trials Monitor afirma que foi um julgamento "profundamente falho, com múltiplas violações do devido processo legal", com júri tendencioso, com vários membros atuando na indústria de combustíveis fósseis.

O Greenpeace classifica a ação como exemplo da manobra jurídica conhecida como SLAPP, sigla em inglês para "processo estratégico contra a participação pública", que visa usar os tribunais como ferramenta de intimidação, silenciamento e desmobilização.

Coordenadora de pesquisa do Juma (Grupo de Pesquisa Direito, Ambiente e Justiça no Antropoceno), da PUC-Rio, Carolina Garrido concorda com essa abordagem, afirmando que se trata de um caso claro de SLAPP.

"É um processo muito grande e que choca muita gente, mas eu vejo isso como tendência: empresas que são alvos de denúncias têm respondido com a perseguição de grupos e de organizações à frente dessas iniciativas."

Para Paulo Busse, membro do Climate Counsel e advogado especializado na área ambiental e criminal, é provavelmente o maior caso de SLAPP já visto. "Tanto pela consequência jurídica, afinal US$ 660 milhões é um valor sem precedentes, quanto por ser contra uma organização que estava exercendo um dos principais direitos fundacionais dos EUA, que é a liberdade de expressão", diz Busse, que já trabalhou com diversas organizações ambientalistas, incluindo o Greenpeace.

A diretora executiva do Greenpeace Brasil, Carolina Pasquali, ressalta que as operações no país não serão diretamente atingidas. "Somos uma rede de organizações independentes, autônomas", explica.

Além de continuar nos tribunais americanos, a batalha jurídica com a Energy Transfer também estará nas cortes europeias. O Greenpeace International, com sede em Amsterdã, processou a empresa na Holanda, com base em diretivas antiSLAPP da União Europeia. A primeira audiência está marcada para 2 de julho.



Ato do Greenpeace em Paris em defesa da ONG em tribunal nos EUA Thibaud Moritz - 20.fev.2025/AFP

US$ 660 milhões

é o valor da multa imposta ao Greenpeace em veredicto na Justiça do estado da Dakota do Norte (EUA), por prejuízos a empresa de oleoduto durante manifestações em 2016 e 2017

Santander EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA - PRESENCIAL E ONLINE FRAZÃO
1º LEILÃO: 23 de abril de 2025, às 14h30min*.
2º LEILÃO: 25 de abril de 2025, às 14h30min*. (*horário de Brasília)
... O leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão. Outras informações no site do Leiloeiro www.FrazaoLeiloes.com.br.

EDITAL DE 1º e 2º PÚBLICOS LEILÕES DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
1º Público Leilão: 24/04/2025, às 10:30hs / 2º Público Leilão: 25/04/2025, às 10:30hs
FERNANDA DE MELLO FRANCO, Leiloeira Oficial, Matrículas JUCEMG nº 1030 e JUCESP nº 1281, com escritório na Av. Barão Homem de Melo, 2222 – Sala 402 – Estoril – CEP 30494-080 – Belo Horizonte/MG., autorizado por BANCO INTER S/A, CNPJ sob nº 00.416.968/0001-01, venderá em 1º ou 2º Leilão Público Extrajudicial, nos termos do artigo 27 da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023 e regulamentação complementar com Sistema de Financiamento Imobiliário, o seguinte: Apartamento nº 54, localizado no 1º pavimento da Torre 2, do empreendimento KZ Sacomã, situado na Rua Sousa Coutinho, nº 98, Sacomã, no 18º Subdistrito – Ipiranga, São Paulo/SP, possui uma área privativa coberta edificada de 40,500m²; Área comum de 30,327m² (sendo 15,528m² coberta e 14,799m² descoberta); totalizando 70,827m² (construída + descoberta) e fração ideal no solo de 0,005822. Já incluso na área comum a área correspondente a 1 vaga individual e indeterminada na garagem coletiva do empreendimento. Imóvel objeto da Matrícula CNM. 142935.2.0246530-38 trasladada da Matrícula nº 246.530 do 6º Registro de Imóveis da Comarca de São Paulo/SP. Dispensa-se a descrição completa do IMÓVEL, nos termos do art. 2º da Lei nº 7.433/85 e do Art. 3º do Decreto nº 93.240/86, estando o mesmo descrito e caracterizado na matrícula anteriormente mencionada. **1º PÚBLICO LEILÃO - VALOR: R$ 368.072,18 (trezentos e sessenta e oito mil, setenta e dois reais e dezoito centavos); 2º PÚBLICO LEILÃO - VALOR: R$ 352.442,87 (trezentos e cinquenta e dois mil, quatrocentos e quarenta e dois reais e oitenta e sete centavos)**. O arrematante pagará à vista, o valor da arrematação, 5% de comissão do leiloeiro e arcará, também à vista, com despesas cartorárias, impostos de transmissão para lavratura e registro de escritura, responsabilizando-se, ainda, por todas as despesas que vencerem a partir da data da arrematação. O imóvel será entregue no estado em que se encontra. Venda ad corpus. Imóvel ocupado: desocupação a cargo do arrematante, nos termos do art. 30 da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. Ficam os Fiduciantes: PAULA SUZANA CANDIA, brasileira, corretora de imóveis, solteira, nascida em 26/05/1985, RG: 34705148 SSP/SP, CPF: 332.405.708-86, residente e domiciliada na Rua Izonzo, nº 554, 0, bairro Sacomã, São Paulo/SP, CEP: 04249000, intimado(s) da data dos leilões pelo presente edital. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico, podendo o(s) fiduciante(s) readquirir(em) o imóvel entregue em garantia fiduciária, sem concorrência de terceiros, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos, despesas e comissão de 5% do Leiloeiro, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do artigo 27, da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023, ainda que outros interessados já tenham efetuado lances para o respectivo lote do leilão. Leilão online, os interessados deverão obrigatoriamente, tomar conhecimento do edital completo através do site www.francoleiloes.com.br.

Presença de estrangeiros mais que triplicou no Campeonato Brasileiro na última década

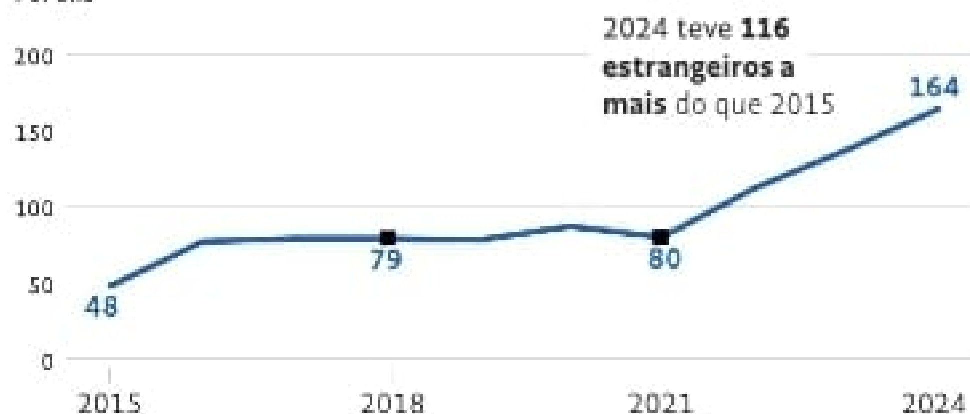
Com 'invasão' de argentinos, participação de não brasileiros no total de inscritos saltou de 4,5% para 15%; recorde foi registrado em 2024

DELTAFOLHA

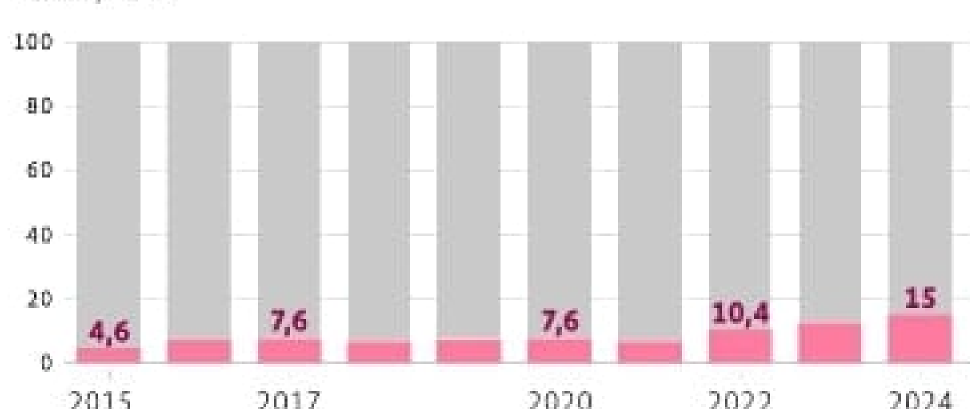
Luciano Trindade, Natália Santos e Nicholas Pretto

Cresce participação estrangeira no futebol brasileiro

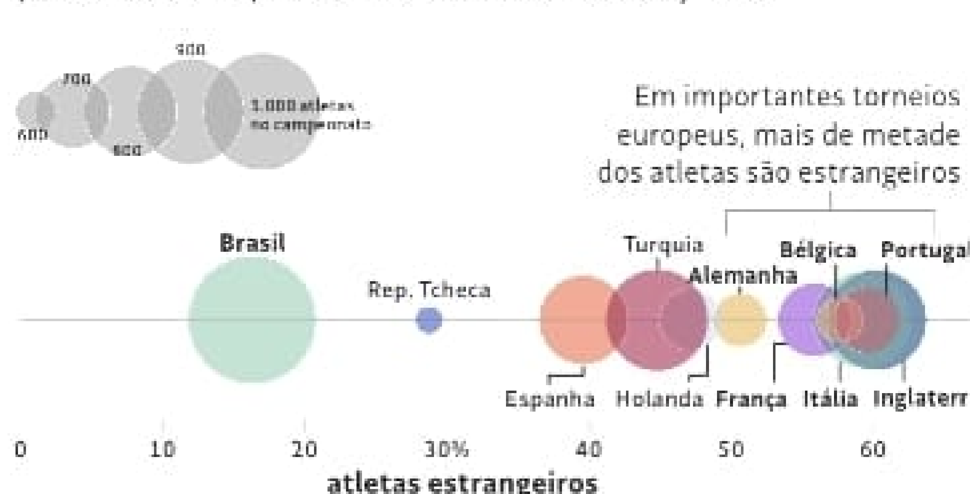
Jogadores estrangeiros na Série A do Brasileiro
Por ano



Evolução percentual
Por ano, em %



Percentual de estrangeiros em diferentes ligas, considerando as 10 principais da Europa
Quanto maior o círculo, maior o número total de atletas no campeonato



Fonte: Análise do DeltaFolha com base em dados do Transfermarkt

SÃO PAULO Um jogador português e um argentino ajudaram o Vasco a vencer o Santos de virada. Um uruguaio abriu o caminho para a vitória do Grêmio sobre o Atlético. Um espanhol evitou que o Corinthians estreasse com derrota diante do Bahia. E o Sport se beneficiou do erro de um argentino para empatar com o São Paulo.

A rodada de abertura do Campeonato Brasileiro de 2025 reproduziu, no último fim de semana, o que tem sido cada vez mais frequente no principal certame do país, onde a presença de estrangeiros é cada vez maior.

A nova edição do torneio tem, até o momento, 140 estrangeiros, mais de um quinto do total de inscritos (20,9%). A maior parte vem da Argentina, com 47 nomes (33,6%), seguida pelo Uruguai, com 27 (19,3%), e a Colômbia, com 15 (10,7%).

Ao todo, são 18 países, de quatro continentes, representados no torneio —além do Brasil.

Embora significativo, o número atual não supera os 164 gringos que passaram aqui em 2024, quando o campeonato registrou seu recorde. A marca poderá ser superada no meio do ano, quando será aberta a janela de transferências internacionais.

A presença de atletas estrangeiros no Brasileiro mais que triplicou na última década, conforme a **Folha** verificou a partir de dados do site Transfermarkt, que agrega dados de colaboradores e usa fontes públicas e da mídia para validar informações.

Em 2015, eram apenas 48 profissionais estrangeiros no país, o que correspondia a 29,2% do que se viu no ano passado.

No mesmo período, também aumentou a participação desses jogadores no total de inscritos no torneio. Na temporada de 2015, eles representavam 4,5% dos elencos. Em 2024, esse valor saltou para 15%.

Alguns fatores ajudam a entender a migração para o Brasil, sobretudo de países da América do Sul, onde há uma enorme disparidade entre o poder financeiro dos clubes brasileiros e seus rivais do continente.

As premiações pagas pelas ligas nacionais são um bom exemplo disso. Campeão brasileiro em 2024, o Botafogo recebeu R$ 48,1 milhões pela conquista. O valor é quase sete vezes maior do que o embolsado pela LDU, campeã equatoriana. O clube de Quito recebeu US$ 1,2 milhão (R$ 6,9 milhões) por seu 13º troféu nacional. O Campeonato Uruguaio, terceira liga com maior prêmio na América do Sul, destinou US$ 750 mil (R$ 5,8 milhões) ao Peñarol.

Além de jovens promissores, os clubes brasileiros também têm buscado reforços com mais experiência, sobretudo na Europa. Em 2024, por exemplo, o Corinthians se reforçou com o holandês Memphis Depay, 31, segundo maior artilheiro de sua seleção.

O Corinthians é, atualmente, o segundo clube com mais estrangeiros, ao lado do Grêmio. Os dois times têm, cada um, 11 atletas de fora do país. O Vasco é o time mais internacional, com 12.

"O avanço de recursos dos departamentos de análise fazem com que os clubes voltem suas atenções para outros mercados, com opções muito vantajosas financeiramente, mas que trazem principalmente ganhos técnicos e de performance", diz à **Folha** o presidente do Sport, Yuri Romão.

Diante do movimento de migração, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) fez duas alterações recentes. Em 2023, subiu de cinco para sete o número de atletas estrangeiros que podem ser relacionados para uma partida. Em 2024, houve um novo aumento, de sete para nove, quantidade mantida para 2025.

"Isso possibilita aos clubes ter um leque ainda maior de oportunidades no mercado sul-americano, em tão claro e evidente crescimento, nos trazendo opções extremamente interessantes de grandes jogadores", afirma José Olavo Bisol, vice-presidente do Internacional.

O Brasil nos torneios continentais

A estreia dos brasileiros na Libertadores e Sula não foi o que se esperava

Juca Kfouri
Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Em 13 jogos, cinco vitórias, quatro empates e quatro derrotas.

Para quem se imagina os maiorais na América do Sul, convenhamos, ficou longe de ser o que se esperava.

Primeira rodada, cabe ponderar, é assim mesmo, até piores times, em casa, são capazes de complicar a vida dos melhores para depois irem definhando à medida que o tempo passa.

Seja como for, nenhum dos cinco times brasileiros vencedores na estreia na Libertadores e na Sul-Americana jogaram o futebol previsto e exigidos deles.

De todos, o melhor resultado foi o do São Paulo ao vencer o Talleres (1 a 0) na Argentina. Entre outros motivos porque, enfim, uma equipe hermana perdeu para nosotros.

Depois do 4 a 1 entre as seleções e as derrotas do Cruzeiro, fora de casa, para o Unión de Santa Fé (0 a 1), do Corinthians, em Itaquera, para o Huracán (1 a 2), e do Fortaleza, no Castelão, para o Racing (0 a 3), o tricolor do Morumbi deu uma limpada em nossa barra. De leve, mas deu.

Atenção Fiel torcida: título estadual não justifica lua de mel. No máximo, um fim de semana feliz

Dessas coisas do futebol que dão razão à rara leitora e ao raro leitor quando acham que o colunista enlouqueceu, na melhor atuação dos brasileiros ninguém ganhou, deu empate entre Bahia e Internacional (1 a 1), na Fonte Nova.

Belo clássico para reavivar a final do Brasileiro de 1988, com os baianos ligeiramente superiores e com os gaúchos capazes de buscar um empate.

O Palmeiras também deixou a desejar na palpitante vitória por 3 a 2 sobre o Sporting Cristal, em Lima.

Teve contra si inesperados dois golaços de fora de área, cujos autores nunca mais farão nada parecido, e reuniu força para desempatar no fim, emoção que não pode encobrir as deficiências, mas que dá força para pensar em um futuro melhor.

Mais decepcionante acabou sendo o Flamengo contra o Deportivo Táchira, mesmo na Venezuela.

Os desfalques explicam parte da má apresentação, pois ninguém fica sem Gerson e Arrascaeta e não sente a falta, embora a Gávea tenha investido para montar elenco em condições de superar baixas.

Admitamos que meio de campo com Pulgar, De La Cruz e Luiz Araújo, como esteve em campo, faria exultar os torcedores de 90% dos clubes brasileiros.

Os do Botafogo não contavam com a derrota (0 a 1) da Universidad Católica, em Santiago.

Depois da convincente estreia no Brasileirão, contra o Palmeiras, do campeão da Libertadores e nacional esperava-se bem mais do mostrado no Chile, apesar de o botafoguense viver tamanha, e justificável, lua de mel com o clube que tudo será perdoado ainda por bom tempo.

Atenção Fiel: título estadual não justifica lua de mel. No máximo, um fim de semana feliz.

Dos três empates na Sula, só o do Atlético Mineiro pode ser avaliado sem restrições, porque a 3.600m de altitude em Cusco, contra o Cienciano, sem gols.

Porque tanto o 3 a 3 do Vasco, fora de casa, contra o também peruano Melgar, depois de estar com 3 a 1 de dianteira, e o 1 a 1 do Vitória, no Barradão, contra a equatoriana Universidad Católica, impedem previsões otimistas sobre o que vem pela frente.

Os tricolores Fluminense e Grêmio voltaram vitoriosos da Colômbia e Paraguai, contra Once Caldas (1 a 0) e Sportivo Luqueño (2 a 1), respectivamente.

Ao fim, uma cornetada: deixe o Carrillo na ponta, Díaz!

DOM. Tostão, Juca Kfouri SEG. Juca Kfouri
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre/O Mundo é uma Bola SAB. Marina Izidro

ESPORTE AO VIVO Campeonato Brasileiro
18h30 Sport x Palmeiras, Record, R7.com, CazéTV e Premiere

Antigo, moderno e modismo

O que é moderno hoje pode já ter sido considerado ultrapassado

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

As pessoas deveriam escutar as palavras sobre o hediondo racismo ditas por Roger Machado após o jogo contra o Bahia, no lugar de ouvir os midiáticos e repetitivos discursos. Roger termina falando que quando não houver nenhum caso noticiado não significará que acabou o racismo, apenas ficará adormecido, pois existe há mais de 500 anos. O racismo precisa ser educado e severamente punido.

O melhor jogo da primeira rodada da Copa Sul-Americana e da Copa Libertadores foi entre Bahia x Inter. Poucas vezes vi substituições tão ruins e confusas como as do técnico Ramón Díaz na derrota do Corinthians para o Huracán. O Flamengo mostrou novamente que o elenco não é tão bom quanto dizem.

Repito, o que ficou mais evidente após a primeira rodada das duas competições é que muitos times brasileiros ainda não incorporaram, de rotina, as transformações positivas na maneira de jogar que ocorreram nos últimos tempos no futebol mundial, como o jogo intenso, a marcação por pressão, a compactação entre os setores e outros detalhes.

Existem muitas distorções sobre o que é ultrapassado, moderno e modismo. Os volantes atuais que marcam, constroem e avançam com talento, ainda poucos no Brasil, não são modernos, são excelentes. No início do futebol, os times jogavam com dois zagueiros, três médios e cinco atacantes. O centro médio era geralmente o craque do time. Marcava e apoiava com belos e eficientes passes. As coisas vão e voltam.

Apesar dos riscos, é bonito e eficiente ver o Barcelona jogar, com os defensores na linha do meio de campo. A distância entre o zagueiro mais recuado e o atacante mais avançado é sempre pequena

Quando um jogador atual ocupa mais de uma posição e tem mais de uma função em campo, dizem que ele é moderno. Zagallo, nas Copas de 1958 e 1962, e Rivellino, no mundial de 1970, eram pontas esquerdas e armadores. Formavam um trio no meio campo com outros dois jogadores e avançavam pelas pontas.

Hoje, é chamada de moderna a equipe que marca e ataca com muitos jogadores. Não é moderna, é uma grande equipe. Na Copa do Mundo de 1970, no México, no segundo gol do Brasil contra o Uruguai, quando o jogo estava difícil e empatado por 1 x 1, o Uruguai avançou e os três atacantes do Brasil (Pelé, Jairzinho e Tostão) recuperaram a bola no próprio campo, trocaram passes e Jairzinho foi receber na intermediária do Uruguai para daí chegar ao gol. Hoje diriam que foi uma aula moderna de contra-ataque.

Os grandes e atuais times marcam por pressão em todo o campo. Na Copa de 1974, a Holanda encantou o mundo com a mesma postura. Após a Copa, essa marcação não se tornou frequente porque os jogadores não tinham condições físicas para executá-la. Hoje, o preparo físico é muito melhor, porém muitos treinadores não gostam porque morrem de medo de avançar a marcação em bloco e deixar muitos espaços na defesa. O Brasil assistiu à Argentina trocar passes e ganhar com facilidade o jogo.

A compactação entre os setores é um grande avanço, mas no futebol brasileiro os zagueiros continuam colados à grande área, longe do meio campo, que está também sempre longe do ataque. Apesar dos riscos, é bonito e eficiente ver o Barcelona jogar, com os defensores na linha do meio campo. A distância entre o zagueiro mais recuado e o atacante mais avançado é pequena.

O que é moderno hoje pode ter sido considerado ultrapassado. Os grandes times e craques do futebol e de todas as áreas não são antigos nem modernos. São definitivos.



Pelé é carregado nos braços após o Brasil bater a Itália e conquistar a Copa de 1970 Xinhua - 21.jun.1970/Imago/ZUMAPRESS

Pesquisador resgata narrações raras da Copa do Mundo de 1970

Para Thiago Uberreich, autor do livro '1970: o Brasil é Tri', áudios são uma espécie de Santo Graal dos colecionadores e dos fãs do futebol

Lucas Fróes

SALVADOR No primeiro tempo do jogo do Brasil contra a Inglaterra, na Copa do Mundo de 1970, quando uma bola foi cruzada na área brasileira, o narrador Geraldo José de Almeida descreveu a ação do goleiro da seleção no lance dizendo um "Sai que é sua, Felix".

Nos anos 1990, o bordão ficaria famoso na voz de Galvão Bueno com o "Sai que é sua, Taffarel". Mas o trecho da narração exibida na televisão brasileira durante a transmissão da Copa de 1970 só voltou à tona agora, 55 anos depois.

A descoberta dos áudios aconteceu por acaso neste ano. "Entrei em contato com uma pessoa que dizia ter uma parte do acervo da TV Tupi. Como essa pessoa não conhece futebol, ela separou um material e me passou um monte de coisa. No meio de tudo isso tinham esses jogos da Copa do Mundo de 1970. Foi uma surpresa", conta o jornalista, escritor e pesquisador Thiago Uberreich, que é autor do livro "1970: o Brasil é Tri", de 2020.

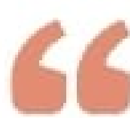
Para Uberreich, essas narrações são uma espécie de Santo Graal dos colecionadores. "O público não tem muito a noção do quanto isso é raro", diz. A frase "Vai que é sua, Felix", conforme o pesquisador, é uma das que ele resgatou entre as inéditas, só ouvidas mesmo ao vivo por quem acompanhou o campeonato.

Disputada no México, a Copa do Mundo de 1970 foi a primeira a ser transmitida ao vivo na televisão para o Brasil. Na época, ainda não havia videocassete, portanto os telespectadores não tinham como gravar.

Apesar das imagens da Copa serem bastante conhecidas, as narrações originais ficaram guardadas por Globo, Record, Bandeirantes e Tupi, as quatro emissoras que formaram um "pool" para transmitir por meio da Rede Brasileira de Televisão.

De lá para cá, apenas trechos foram exibidos, em geral na TV Cultura. Normalmente, os lances do Tri são reprisados com narrações feitas posteriormente, ou então usando o áudio das rádios.

O material resgatado por Thiago Uberreich inclui a quase totalidade dos jogos do Brasil na Copa. A principal exceção é a narração do primeiro tempo das quartas de final contra o Peru, da qual não há vestígio.



No material da TV Tupi veio a vinheta original de encerramento na voz de Cid Moreira. A gente já conhecia a vinheta de abertura, mas a de encerramento, não
Thiago Uberreich
jornalista, escritor e pesquisador, autor do livro '1970: o Brasil é Tri', de 2020

"Nesse material da TV Tupi nós temos meia hora de pós-jogo [da final], inclusive com a vinheta original de encerramento na voz de Cid Moreira. A gente já conhecia a vinheta de abertura, mas a de encerramento ninguém conhecia", diz Uberreich.

Ex-diretor-geral da Globo, Walter Clark contou no livro "O campeão de audiência" que, na negociação feita no México pelos direitos de transmissão da Copa, o magnata Emilio Azcárraga Milmo estava irredutível com a proposta da delegação brasileira.

Segundo Clark, tudo mudou quando Paulo César Ferreira, conhecido pelos colegas como Tarzan, deu um murro na mesa e disse que, se a Copa não fosse transmitida para o Brasil, a seleção não iria ao México disputá-la. Tarzan não tinha nenhum poder para definir os rumos da seleção, mas o blefe fez Milmo ceder.

Como só havia um sinal de áudio para os canais de TV, a solução foi exibir a mesma narração em todos os canais, com o revezamento dos narradores Fernando Solera, Geraldo José de Almeida, Walter Abrahão e Oduvaldo Cozzi ao lado dos comentaristas João Saldanha, Rui Porto, Geraldo Bretas e Leônidas da Silva.

"Solera narrou sete gols do Brasil, Geraldo José narrou seis, Walter Abrahão, três, e Cozzi, três", diz Uberreich.

O pesquisador está divulgando as narrações originais sincronizando-as com as imagens coloridas, já que a Copa foi transmitida em preto e branco para o Brasil.

"Aí está o cidadão brasileiro Carlos Alberto Torres recebendo [a taça Jules Rimet] de sua excelência, o senhor presidente Díaz Ordaz. E esse beijo que você deu, Carlinhos, foi o beijo do Brasil inteiro nesta taça que não é de mais ninguém, não será de mais ninguém porque é nossa", narrou Geraldo José de Almeida.

No pós jogo do Tri, todos os narradores e comentaristas, além de outros membros da equipe, falaram ao microfone. Oduvaldo Cozzi, que se despedia da narração, foi homenageado pelos colegas.



Trump tributa Brasil em 10% e acirra guerra comercial com China e Europa

O presidente dos EUA anunciou na quarta (2), na Casa Branca, tabela com as taxas então cobradas pelo país e as que passará a cobrar nas relações comerciais, com alíquotas maiores sobre China e União Europeia; a medida derrubou mercados e o dólar e provocou reações Brendan Smialowski/AFP

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Tarifaço de Donald Trump desafia relações comerciais

Anúncio das medidas pelo presidente dos EUA, as repercussões, os impactos sobre o Brasil e o mundo e as retaliações, como as tomadas pela China, dominaram o noticiário na semana



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Prisão é o fim da minha vida, estou com 70 anos, diz Bolsonaro

No dia em que o golpe de estado que instaurou a ditadura militar no Brasil faz 61 anos, indico três entrevistas da **Folha** no campo da direita. Na primeira, o ex-presidente Jair Bolsonaro dá a entender que o golpe chegou a ser cogitado, mas "foi descartado logo de cara".

Virtualmente cassada, a deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) afirma se arrepender do episódio em que saiu de arma em punho na véspera das eleições e diz se sentir "abandonada" por Jair Bolsonaro.

Por fim, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), declara que sua candidatura à Presidência em 2026 não está condicionada ao destino de Bolsonaro nem a sua chancela.

3ª

Receita libera declaração pré-preenchida completa do IR 2025

A Receita Federal liberou nesta terça-feira (1º) a declaração pré-preenchida completa do Imposto de Renda 2025 e o novo app que substitui o PGD (Programa Gerador da Declaração). O período para declarar começou em 17 de março e vai até 30 de maio. Acompanhe a cobertura na **Folha**.

Recomendo também reportagem de Geovana Oliveira sobre litigância climática, prática que leva a crise do clima ao Judiciário. O Brasil já é considerado o terceiro país com maior número de ações judiciais desse tipo.

4ª

Delegacia de Pinheiros tem o maior número de roubos em SP

Reportagem na **Folha** mostra que a delegacia localizada em Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, recebeu o maior número de queixas de roubo da capital no primeiro bimestre de 2025. Foram 602 notificações neste ano, alta de 10% em relação ao mesmo período do ano passado.

Recomendo também texto de Clayton Castelani sobre alagamentos em São Paulo, que crescem na zona leste enquanto caem na média da capital paulista.

5ª

Como o governo Trump calculou cada taxa do tarifaço global?

Texto na **Folha** explica como Donald Trump calculou cada taxa do tarifaço global. Na lógica do republicano, quanto mais um país cobra de imposto sobre produtos americanos, maior será a taxa praticada contra ele. Economistas, porém, contestaram as tarifas apresentadas pelo presidente dos EUA.

De Milão, a repórter Michele Oliveira escreve sobre as mudanças no direito a cidadania italiana para descendentes nascidos fora do local. O país europeu restringiu a transmissão desse status, o que afeta muitos brasileiros.

6ª

Retaliação da China sobre tarifas dos EUA atinge a soja, fortalecendo Brasil

A **Folha** destaca as repercussões da guerra comercial entre EUA e China na economia brasileira. A retaliação chinesa às tarifas de Donald Trump pode favorecer o mercado para soja do Brasil.

De Brasília, a repórter Nathalia Garcia relata medidas anunciadas para proteger vítimas de golpe do Pix. Bancos serão obrigados a disponibilizar função nos aplicativos para clientes contestarem transações em suas contas.

FRASES DA SEMANA

“2 de abril de 2025 será lembrado como o dia que a indústria americana renasceu, que o destino da América foi recuperado e o dia que começamos a tornar a América rica novamente

Donald Trump
presidente dos EUA, na quarta (2), no anúncio que chamou de Dia da Libertação

“Estou preocupada com a possibilidade de uma escalada para uma guerra tarifária com um ciclo de medidas retaliatórias que levem a mais declínios no comércio

Ngozi Okonjo-Iweala
diretora-geral da Organização Mundial do Comércio, quinta (3)

“E este episódio, infelizmente, reabre essas velhas feridas

Santiago Peña
presidente do Paraguai, nesta sexta (4), sobre a invasão dos sistemas do país pela Abin

“A esquerda está isolada, com poucos setores sociais defendendo um ambiente democrático

Manuela d'Ávila
ex-deputada, na quinta (3), em entrevista à Folha

“Prisão é o fim da minha vida. Estou com 70 anos

Jair Bolsonaro
ex-presidente, em entrevista à Folha, no último final de semana

Eufrázio

ilustríssima

ilustrada

FOLHA DE S.PAULO
DOMINGO, 6 DE ABRIL DE 2025 B1

Vertical e oca

Boom de construção de prédios em São Paulo ergue floresta de microapartamentos subutilizados enquanto a cidade continua a se espalhar B4



Saiba como foi o pioneiro desfile de moda no Masp, em 1952 B8

FHC supunha ser marxista nos anos 60, mas já era liberal, diz Bresser-Pereira B12

Ilustração
Adams Carvalho

Eufrázio

MÔNICA BERGAMO

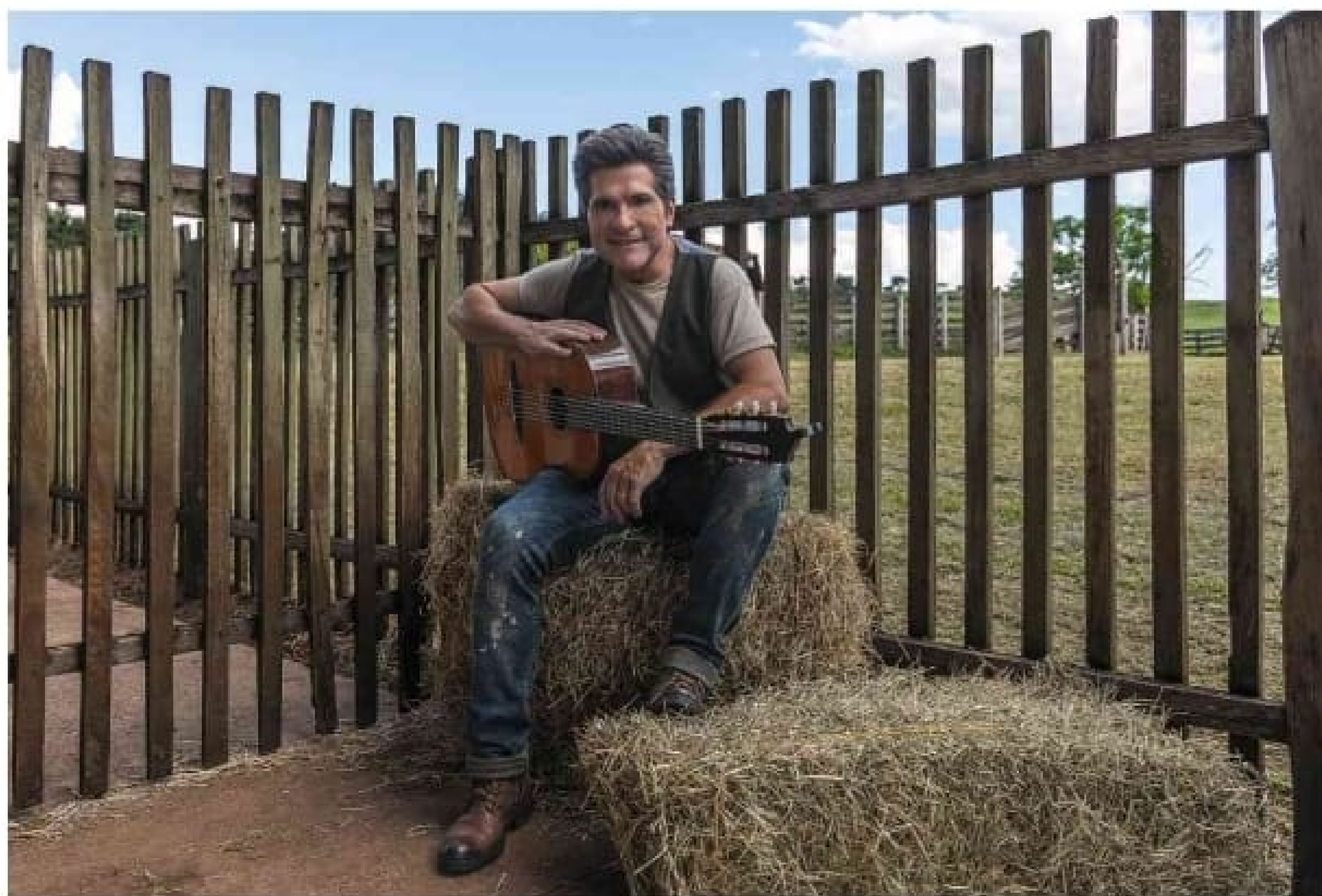
monica.bergamo@grupofolha.com.br

Daniel

Até hoje ouço a voz dele na minha cabeça quando me apresento sozinho

Cantor comemora sucesso como apresentador do Viver Sertanejo, na Globo, e conta que, depois da morte do parceiro João Paulo, nunca pensou em formar outra dupla, mas também nunca superou a carência de cantar sozinho

Por **Teté Ribeiro**



Daniel grava o programa Viver Sertanejo na sua fazenda em Brotas, no interior de São Paulo Beatriz Damy/Globo

"Foi difícil para caramba fazer carreira solo, quando ele morreu eu pensei 'pronto, acabou'", diz o cantor Daniel, tomando um café enquanto conversa com a reportagem na sala da sede de sua maior fazenda, em Brotas, a 250 km de São Paulo.

☆

São mais ou menos 10 horas, e o cantor já está acordado —e trabalhando— desde antes de o sol nascer. No dia da entrevista não tinha gravação do programa, mas ele, o pai, um dos irmãos e uma equipe técnica de umas 80 pessoas gravavam merchandising para as marcas Chevrolet —patrocinadora do primeiro Viver Sertanejo, que foi ao ar em dezembro de 2024—, Claro e Cresol, uma cooperativa de crédito voltada para o agronegócio.

☆

"Eu sou muito pé no chão, nunca ia deixar de cantar, mas não ia insistir na carreira solo se não desse certo. E não tinha porque continuar depois que ele morreu", afirma. Mas Daniel não teve nem tempo direito para decidir abandonar a vida de artista.

☆

"Uns 40 dias depois do acidente eu fiz o primeiro show solo no Olympia [casa de espetáculos com 5.000 lugares que durou de 1988 a 2006, em São Paulo]. Era um sonho da gente. Até hoje não sei como consegui entrar naquele palco", conta. "A plateia estava lotada, parecia que as pessoas queriam me pegar no colo, foi uma sensação muito louca. E eu tive certeza de que não estava ali sozinho", diz.

☆

João Paulo morreu em um acidente de carro na madrugada do dia 12 de setembro de 1997, quando voltava para Brotas depois de um show em São Caetano do Sul. Tinha 37 anos. A dupla com Daniel foi formada em 1981. E tinha estourado no ano anterior com o lançamento do álbum "João Paulo e Daniel Vol. 7", que tinha o hit "Estou Apaixonado", versão para o português de uma música da dupla latina Donato & Estefano, um colombiano e um cubano.

☆

"É muito legal ter um parceiro, não só para cantar em dupla mas para te apoiar no palco quando você não está 100%", diz o cantor. "Ter alguém para comemorar as coisas boas e sofrer junto as dificuldades, isso é maravilhoso."

☆

"Eu e o João Paulo passamos por umas situações horríveis no começo da carreira. Tinha empresário que ouvia nossa música no rádio e contratava um show, aí chegava o cartaz da banda e eles viam que era um branco e um negro e cancelavam", lembra.

☆

"Eu não aceitava, ia cantar mesmo sem cachê, achava inadmissível testemunhar o racismo assim", afirma. "Aconteciam várias coisas incômodas, tinha gente que vinha conversar e insinuava que se eu encontrasse outro parceiro ia ser melhor para a minha carreira. Eu nunca nem cogitei uma coisa dessas."

☆

"Até hoje eu sinto falta dele, toda hora invento um jeito de cantar junto com outras pessoas. O Viver Sertanejo está suprindo muito essa minha necessidade, mas esse projeto não é meu, fui convidado. E não aceitei de cara porque não quero mais passar muito tempo longe da minha família."

☆

Daniel é casado desde 2010 com Aline de Pádua, uma jundiaiense, e o casal tem três filhas, Lara, de 15 anos, Luiza, de 12, e Olívia, de 3. "A Globo me ligou falando do projeto e eu disse que só faria se fosse gravado aqui em Brotas. Eles vieram conhecer a fazenda, e viram que dava certo, aí começamos a trabalhar."

☆

O sucesso de audiência foi imediato. Em média, o programa dá nove pontos de Ibope, cinco a mais que a concorrência no horário. E, o mais importante de tudo para a emissora, o Viver Sertanejo aumenta a audiência ao longo dos 45 minutos de duração, ou seja, o programa começa com um número X de TVs ligadas e termina com um número maior ainda.

☆

O contrato inicial era para que Daniel gravasse 18 episódios, em que receberia músicos para uma conversa informal e, depois, cantariam juntos. Os convidados também teriam oportunidade de gravar suas músicas em um estúdio improvisado dentro de um galpão construído pelo cantor para ser um lugar de lazer da família.

☆

Assim que o terceiro programa foi ao ar, no meio de janeiro deste ano, a equipe recebeu a notícia: "Virou grade". Isso quer dizer que agora o Viver Sertanejo faz parte da programação oficial da TV Globo, assim como o Jornal Nacional, o Fantástico, a novela das nove.

☆

Naquela segunda-feira de manhã, entre uma tomada e outra da gravação de um merchandising com a participação de seu pai, o empresário Zé Camillo, em que os dois conversam apoiados em uma porteira da fazenda, Daniel pergunta como está o preço da arroba, que corresponde a 15 kg de carne antes do abate.

☆

Ele vive assim, com um olho no peixe e outro no gato, como se diz por aí. Sua carreira de artista, apesar do baque da perda do amigo e parceiro, atingiu um nível de sucesso que a dupla com João Paulo nem sonhava. E Daniel, por orientação do pai, começou cedo a investir em terra, principalmente na sua cidade, de onde nunca saiu. Hoje é um grande fazendeiro, com muita, muita terra. Tem gado, milho, cana, alguns bons cavalos para montar com a família. E ainda empresta um trecho para um dos irmãos criar ovelhas. Também não faltam opções de lazer.

Continua na pág. B3

> "Você liga o rádio e não reconhece quem está cantando, tá tudo muito igual. Acho que os jovens estão sentindo isso e ficando meio carentes, voltaram a ouvir os mais antigos. Eu sinto isso, sabe?"

Continuação da pág. B2

A sede foi construída na frente de um lago, e, para as meninas, mandou construir uma casinha suspensa por palafitas com cozinha, ar-condicionado, móveis, TV, wi-fi. Tem ainda uma quadra de beach tênis e está terminando a construção de uma casa de pedra, ainda sem saber ao certo como vai usá-la. Fica na frente de um mirante, também construído sobre palafitas, com uma mesa e dois bancos, onde o cantor vai para ter um pouco de silêncio e sossego para compor, ou só pensar na vida.

*

Além das terras, Daniel comprou em 2006 o único cinema de Brotas, o Cine São José, inaugurado em 1956, e que estava fechado e esquecido havia décadas. Foi reformado e inaugurado em grande estilo em 2009, com o filme "O Menino da Porteira", em que o cantor era o protagonista.

*

Foi o auge, até agora, da carreira de ator de Daniel, que teve início em 1998 com um convite de Xuxa para que ele participasse do filme "Xuxa Requebra", lançado no ano seguinte. Em 2009, ele fez a novela "Paraíso", de Benedito Ruy Barbosa, em que interpretava o personagem Zé Camillo, escrito em homenagem ao pai do cantor. Desde então participou de vários programas como jurado e foi um dos técnicos de voz do reality The Voice Brasil, também da Globo.

*

Hoje em dia, o cine São José passa duas sessões diárias do filme "Branca de Neve", uma às 18h e outra às 21h, sempre dublado. Na porta do cinema, uma réplica do cantor feita por uma fã em papel machê, sentado, de perna cruzada, toma um café cenográfico. Andar por Brotas, aliás, é ver Daniel por todos os lados. Além de fotos ou desenhos autografados e emoldurados, como se vê de muito artista mundo afora, há na cidade uma série de totens de tamanho natural com imagens ultrarrealistas do cantor, que chegam a assustar.

*

Ele conta que teve a ideia depois de se ver em imagens de má qualidade pela sua cidade e não gostar nem um pouco. Então, junto de Vandinho, seu braço direito, fez uma sessão de fotos exclusivamente para serem usadas por quem quisesse associá-las ao seu negócio, ou ter em casa, em casos mais extremos. A equipe do cantor disponibiliza o arquivo em alta definição para quem quiser.

Daniel confessa que é muito vaidoso. "Principalmente com o cabelo, cabelo quando cai não tem o que fazer, então cuido muito", afirma. "Compro fora do Brasil uma espuminha de Minoxidil que passo todo dia, há mais de 15 anos. E faço umas coisinhas mais tecnológicas também, microagulhamento no couro cabeludo", diz.

*

No rosto, conta que começou a fazer alguns procedimentos, ou "coisinhas tecnológicas", como ele gosta de dizer. "Depois dos 50 a gente tem que se cuidar, acho importante ter uma boa aparência". A alimentação também é ultra regrada e faz muito esporte. Quando digo que tive a impressão de que os convidados do programa, especialmente os mais jovens, estão com a aparência de quem faz "coisinhas tecnológicas" em excesso, ele ri, concorda e elogia meu olho clínico. O que, na verdade, ninguém precisa para notar as testas e sobrancelhas paralisadas de alguns sertanejos. O figurino de vários deles também é idêntico: calça jeans bem justa e camisa de botão com manga longa, rente ao corpo, vestida por fora da calça.

*

"Isso é natural, pode ser até uma influência da minha geração, que usa esse tipo de roupa", ele diz. Daniel, de fato, está vestido exatamente assim nesta manhã, com uma camisa xadrez. "Eu também fazia isso quando comecei, tinha o cabelo mais comprido atrás, que nem o Xororó." O que o incomoda é que as novas duplas sertanejas estão soando muito parecidas. "Você liga o rádio e não reconhece quem está cantando, tá tudo muito igual. Acho que os jovens estão sentindo isso e ficando meio carentes, voltaram a ouvir os mais antigos. Eu sinto isso, sabe?."

*

Pergunto o que ele gosta de ouvir. "Recentemente, recebi no programa uma dupla gospel sensacional, André e Felipe, adorei o trabalho deles. Mas eu gosto de tudo, de música boa, não importa o estilo", diz. "De sertanejão mesmo eu curto Tião Carreiro e Pardinho. E Zezé Di Camargo e Luciano, aquelas músicas dos anos 1990, tem obras de arte ali."

*

"Minhas filhas também me trazem muitas novidades, tenho ouvido muito Olivia Rodrigo, Taylor Swift, Camila Cabello, acho incríveis. Agora, você quer me ver botar um artista e ouvir a obra inteira, sem parar? Aí tem que ser Abba, Bee Gees, Whitney Houston ou Elton John. Sou muito fã".

teatro uol

ABRIL/25
Ingressos à venda

O Marido da Minha Mulher — Sex., Sáb. e Dom., 20h — De R$60 a R$150* — 12

Vinicius Aguiar em: Diga que Não Me Conhece — a peça — Sáb. e Dom., 18h — De R$40 a R$100* — 16

O Prazer é Todo Nosso — com Juliana Martins — Uma comédia sobre sexo e liberdade — Sáb., 22h — De R$50 a R$120* — 14

Pra Você Lembrar de Mim — com Carina Sacchelli, Eduardo Martini — Ter., 20h — De R$10 a R$20* — 12

Memórias Póstumas de Brás Cubas — Um musical cômico-fantástico — Últimas apresentações até 10/04 — Qua. e Qui., 20h — De R$50 a R$100* — 14

Finlândia — Jiddu Pinheiro, Paula Cohen — Estreia 16/04 — Qua. e Qui., 20h — De R$40 a R$80* — 16

Os Saltimbancos de Chico Buarque — Sáb. e Dom., 15h — De R$45 a R$90* — L

A Pequena Sereia — Sáb. e Dom., 16h30 — De R$45 a R$90* — L

Shopping Pátio Higienópolis
Av. Higienópolis, 618 - Terraço
Televendas: 3823-2737

*Valor do ingresso variável de acordo com a sessão, meia-entrada e demais descontos. Consulte a bilheteria.
teatrouol.com.br

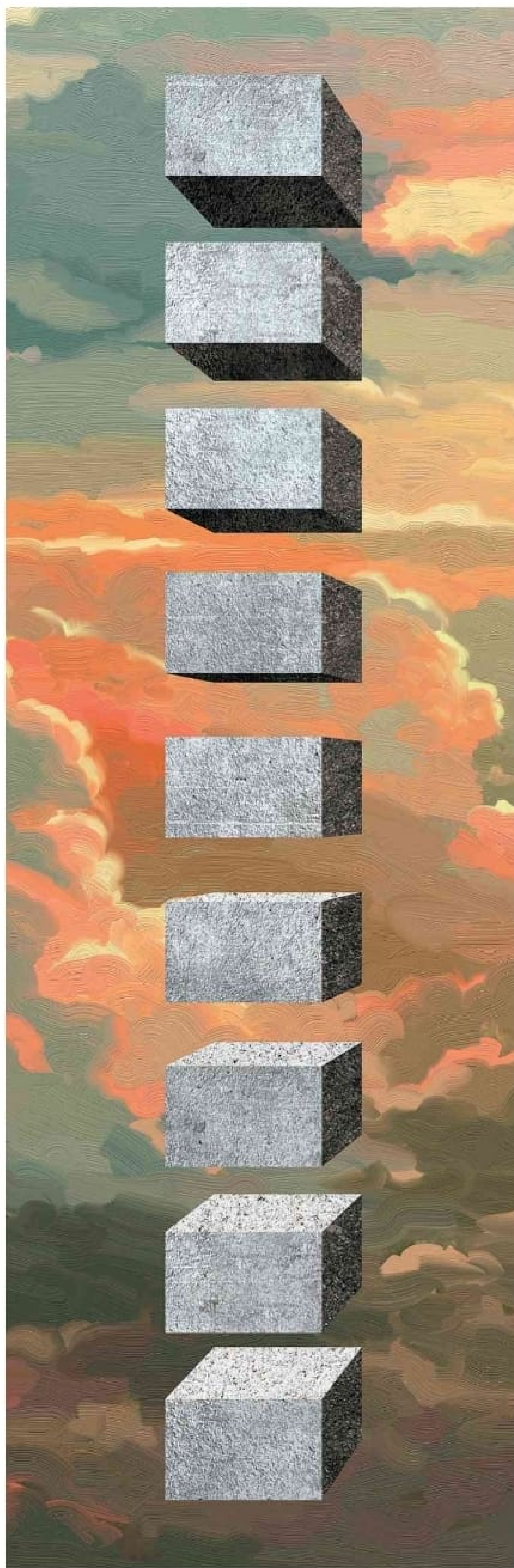
Alvará do corpo de bombeiros - Validade 22/08/2025; Alvará funcionamento local de reunião (AFLR) - Processo 1020.2024/0004487 e Acessibilidade - Processo 1020.2023/0024165-9



Compre aqui


Realização: Conteúdo Teatral
Patrocínio: Germed, Banco Luso Brasileiro, Bain & Company, Folha, UOL

@teatrouol
/teatrouol



Na selva de pedra

[RESUMO] Apesar da verticalização intensa, São Paulo manteve densidade demográfica baixa. A cidade vive o pior de dois mundos —construção de prédios sem incremento populacional em áreas centrais e espraiamento urbano nas periferias

Por **Philip Yang**
Fundador do Urbem (Instituto de Urbanismo e Estudos para a Metrópole)

Ilustração **Adams Carvalho**
Artista visual

A verticalização vertiginosa de São Paulo gera repulsa e fascínio, crítica e encantamento. A explosão de prédios construídos suscita sensações subjetivas que se contrapõem à razão, sem necessariamente resultar em uma opinião clara. Afinal, a verticalização faz bem ou mal? A cidade deve crescer para cima (se verticalizar) ou para os lados (se espraiar)? Quais forças estão em jogo?

Verticalização sem adensamento

Como ponto de partida do controverso debate verticalização versus espraiamento, vale lembrar que a proliferação de prédios não implica necessariamente adensamento populacional.

Ainda que novos edifícios surjam por toda parte, estudos apontam que, em São Paulo, a expansão de domicílios (2,9% entre 2010 e 2022) coexiste com o declínio populacional em áreas centrais (-0,4% no mesmo período), a queda do número de moradores por domicílio (de 2,3 para 1,6 no centro) e o aumento de domicílios vazios, principalmente nos anéis centrais (22,2% em 2022).

A densidade demográfica nem sempre está atrelada à altura dos prédios. São Paulo tem menos de 100 habitantes por hectare, enquanto Paris, majoritariamente com prédios de até seis andares, atinge uma densidade de cerca de 200; megacidades asiáticas chegam a 400, e Paraisópolis, mais de 800. A verticalização não garante maior densidade.

De fato, a capital paulista ainda é predominantemente horizontal: somente quatro subprefeituras têm mais prédios que casas, e apenas um terço da população vive em apartamentos.

Olhando o trânsito infernal, parece que a cidade está mais cheia, mas as áreas centrais de São Paulo não tiveram um grande incremento populacional e algumas até perderam moradores, apesar de novos empreendimentos imobiliários.

Bairros como Vila Andrade, Brooklin Novo, Panamby e trechos do Tatuapé e Anália Franco ilustram a chamada cidade oca: edifícios brotam, mas o contingente efetivo de moradores não cresce, seja pela migração de grupos para outras regiões ou pelo aumento de imóveis vazios. Surgem ruas pouco movimentadas, comércio local fraco e a sensação de bairros-dormitórios verticais.

A impressão de uma cidade mais cheia se deve mais a fatores exógenos à verticalização, como o crescimento das entregas de comércio eletrônico e o aumento da frota de veículos, o que também se reflete na queda recente de usuários do transporte público.

Microapartamentos nos eixos e megacondomínios nas bordas

Esse "desadensamento" é agravado por dois fenômenos ligados à verticalização paulistana: o aumento de microapartamentos nos eixos de transporte e a expansão de grandes empreendimentos nas periferias. Combinados, moldam o padrão de ocupação da metrópole e parecem reforçar a dispersão populacional nas regiões mais estruturadas.

O primeiro fenômeno é o boom de apartamentos de até 45 m². Segundo o Secovi-SP, mais de 86 mil dessas unidades foram lançadas em 2024, volume que representa 83% dos lançamentos e 81% das vendas no ano. Em tese, esses microapartamentos deveriam aumentar a densidade, mas isso não ocorreu nas áreas onde se multiplicaram. É possível que sejam ocupados por um só morador, alugados temporariamente (Airbnb) ou, por hipótese improvável, estejam vazios.

Uma investigação do Ministério Público de São Paulo sugere que imóveis que receberam incentivos para moradia popular foram destinados a públicos de renda superior, o que reforçaria a hipótese de usos de baixa ocupação na cidade.

Quando efetivamente direcionados a faixas de renda mais baixas, a ocupação costuma atingir a média paulistana de três pessoas por família. Trata-se de uma inferência baseada no fato de que os lançamentos de padrão Minha Casa, Minha Vida, de 34 a 36 m² e dois dormitórios, são voltados a esse público e responderam por mais 56% das unidades lançadas em São Paulo no ano passado.

Novos levantamentos serão necessários para aferir o real impacto desses microapartamentos na densidade dos eixos. Se desvios tiverem ocorrido, as implicações urbanas são consideráveis: das 445 mil unidades aprovadas entre 2019 e 2024 pela prefeitura como habitação social, mais de 240 mil estão sob suspeita de venda a públicos acima da renda permitida.

O segundo fenômeno é o avanço de megacondomínios, com mais de mil unidades, nas bordas da cidade. Segundo a Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados) e a Embraesp (Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio), cerca de 40% das unidades habitacionais licenciadas na região metropolitana se situam em municípios como Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos, Suzano, Itapevi, Franco da Rocha e Poá.

Continua na pág. B5

Continuação da pág. B4

Esses empreendimentos não se limitam a áreas fora do município. Nos extremos das zonas sul e leste, em bairros como Parelheiros, Jardim Boa Vista, Jurubatuba, Itaquera e Cidade Tiradentes, também surgiram projetos implantados em locais sem infraestrutura adequada e distantes dos polos de emprego. As chamadas ZCs (zonas de centralidade), que poderiam apoiar essa infraestruturação da cidade, são reguladas de forma muito restritiva e pouco atrativa ao capital.

Esses projetos distantes —além de desconectados da vida urbana— pioram o trânsito, comprometem a qualidade de vida e frequentemente avançam sobre áreas de proteção e mananciais.

Avanços e limites do Plano Diretor de 2014

Hoje, com pouco mais de um decênio de vigência do PDE (Plano Diretor Estratégico) de 2014 —o instrumento legal que orienta a organização espacial da cidade—, São Paulo está mais vertical, mas não necessariamente mais densa. Ainda assim, não se pode dizer que o plano fracassou.

O PDE orientou o crescimento para os eixos de transporte público e, com isso, buscou gerar uma nova visão para os usos do espaço urbano: menos dependência de carros, maior circulação de pedestres, redução de deslocamentos longos, criação de centralidades e maior diversidade e convívio entre diferentes faixas de renda.

O plano desestimulou a construção de estacionamentos em áreas servidas por metrô, trem e corredores de ônibus, reduzindo ou zerando a exigência de vagas e estabelecendo limites, com vistas a desestimular a cultura do automóvel.

O PDE também incentivou fachadas ativas (comércio e serviços no térreo) e a mistura de usos (residencial, comercial, institucional) em determinadas áreas, visando diminuir deslocamentos e estimular a vida nas ruas —contrapeso à predominância de condomínios fechados e edifícios com grades ou muros. Em zonas mais centrais ou nos eixos, surgiram projetos com lojas, cafés ou pequenos serviços na rua, o que gera dinamismo no espaço público.

Outro avanço relevante foi a eliminação de recuos obrigatórios —o afastamento entre edifícios e a calçada— nos eixos de transporte público. Tais recuos são um desperdício. Com o novo plano, prédios podem ser construídos no alinhamento da calçada, com fachadas que se integram ao espaço público.

É certamente uma medida positiva que não tem sido adotada em outras grandes cidades brasileiras. Várias capitais ainda seguem um modelo de verticalização dispersa, com edifícios altos recuados e sem fachadas ativas, construídos em lotes que antes abrigavam sobrados e comércios no térreo. Além de comprometer o adensamento eficiente e a vida urbana do futuro, matam o que havia de bom no passado.

Outra meta do plano é promover maior diversidade de renda, mediante a expansão das Zeis (zonas especiais de interesse social) e a criação da cota de solidariedade e dos EHIS (empreendimentos habitacionais de interesse social).

A ideia das Zeis é reservar áreas centrais ou bem localizadas para HIS (habitação de interesse social), destinada a famílias de renda mais baixa, de forma a quebrar a lógica natural de mercado que empurra as moradias populares para regiões periféricas com pouca infraestrutura. Já a cota de solidariedade obriga empreendimentos com área acima de 20 mil m² a destinar parte do projeto para HIS ou recursos equivalentes para a construção de moradias em outros locais.

A criação da figura do EHIS atendeu a uma demanda antiga de distribuir a produção de HIS por toda a cidade, não apenas em Zeis. Passo positivo para promover a inclusão socioespacial e aproximar a moradia popular de áreas dotadas de infraestrutura e serviços, os EHIS recebem incentivos urbanísticos (maior potencial construtivo e isenção parcial ou total de outorga onerosa) para se tornarem viáveis em regiões onde o custo da terra é mais elevado.

Os resultados ainda são mistos, mas há avanços. No caso da cota, até o fim de 2023, 24 empreendimentos optaram por produzir HIS no próprio projeto, resultando em cerca de 1.800 unidades habitacionais licenciadas. Em relação às Zeis, existem exemplos de empreendimentos para populações de baixa renda em bairros centrais com boa infraestrutura, como Brás, Pari, Cambuci, Bela Vista e Santa Cecília. Esse movimento, ainda que relativamente discreto, demonstra que as Zeis podem viabilizar moradia social em áreas menos periféricas.

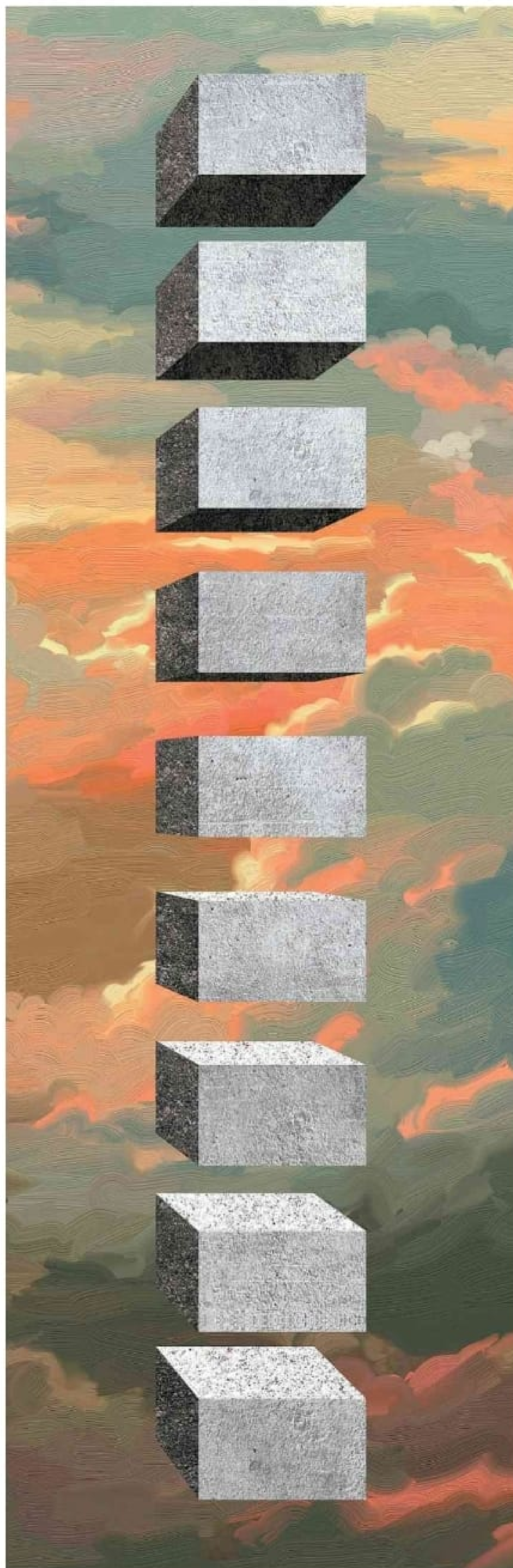
A mera presença das Zeis na legislação mantém a inclusão socioespacial em pauta: o instrumento reforça a ideia de que a cidade deve ser pensada de modo a equilibrar mercado imobiliário e direito à moradia, impulsionando discussões e pressões por políticas habitacionais mais robustas.

Finalmente, vale registrar que os prédios antigos de São Paulo guardam uma força silenciosa capaz de readensar o coração da cidade. O PDE de Fernando Haddad (PT) semeou incentivos para ocupar áreas consolidadas, abrindo caminho para os programas promissores de requalificação histórica adotados pela gestão Ricardo Nunes (MDB).

Continua na pág. B6

Ainda que novos edifícios surjam por toda parte, estudos apontam que, em São Paulo, a expansão de domicílios coexiste com o declínio populacional em áreas centrais, a queda do número de moradores por domicílio e o aumento de domicílios vazios nos anéis centrais

Uma investigação do Ministério Público sugere que imóveis que receberam incentivos para moradia popular foram destinados a públicos de renda superior, o que reforçaria a hipótese de usos de baixa ocupação



Na selva de pedra

Continuação da pág. B5

Berço de um dos maiores acervos modernistas do mundo, São Paulo renasce ao valorizar esse patrimônio, unindo memória, adensamento e qualidade de vida em uma só expressão urbana.

Essas inovações conceituais começam a se refletir na cidade, mesmo que em ritmo mais lento que o ideal —seja em função de ajustes necessários, seja em razão da resistência de interesses, políticas públicas conflitantes ou mesmo desvios, como os casos recentes de unidades de habitação social possivelmente desviadas para públicos de maior renda.

De toda forma, as diretrizes do Plano Diretor seguem orientando o desenvolvimento do ambiente construído e a organização territorial em São Paulo.

Coordenação ou colapso

A verticalização recente —com todos os seus vícios e virtudes— certamente traz lições. Em um mundo de baixíssimos limiares de atenção e de paciência, polarização e pouca disposição para diálogos reais, vale antecipar que há ensinamentos para todo o espectro político-ideológico envolvido na transformação do espaço urbano.

Para quem defende ações do Estado e regulações mais abrangentes, fica evidente que regras e parâmetros rígidos não são suficientes para produzir equilíbrio social, sustentabilidade e inclusão. O mercado se adapta, seja legal ou ilegalmente, e sempre encontra brechas em um ordenamento excessivamente restritivo.

Planejadores e reguladores precisam, portanto, conceber mecanismos mais dinâmicos que, de partida, representem um mínimo denominador comum entre o interesse público e os privados. Se não for assim, o mercado de alguma forma contornará as regulações.

O comportamento de incorporadoras é previsível, e suas razões são legítimas em certos casos. São empresas que nasceram para produzir imóveis, e o insumo mais fundamental para o setor —a terra— é um bem relativamente escasso. Nesse contexto, precisam lutar por áreas e por potenciais construtivos que maximizem lucros. Não compete a elas pensar o todo.

No entanto, essa visão limitada não pode prevalecer diante do avanço distópico que se verifica a olhos vistos na cidade: do crime organizado sobre o mercado imobiliário, de eventos climáticos extremos, do trânsito caótico, da insegurança pública, do contraste entre riqueza e pobreza, de desabrigados e imóveis ociosos ante a renitência do déficit habitacional.

Aprender com os erros e os acertos dos últimos dez anos é crucial para idealizar um futuro urbano mais justo. O setor privado deve perceber o valor, inclusive econômico, de um planejamento responsável, pois o caos urbano leva à desvalorização a longo prazo. Planejadores e reguladores, por sua vez, precisam entender melhor as exigências e as dificuldades do mercado.

Diante dessa incompreensão mútua, será necessário conceber um modelo de regulação que alie rigor e flexibilidade. Deve ser firme o bastante para garantir previsibilidade e elástico o bastante para não ser contornado ou reformado no varejo de modo obscuro. Se muito genérico, abre margem a interpretações particulares; se excessivamente específico, não abrange a complexidade da vida urbana. Em ambos os casos, a burocracia gera inúmeros pontos de veto, frequentemente superados em negociações opacas.

As variáveis são múltiplas e se superpõem em meio ao pantanoso jogo político em que o marco regulatório é concebido, aplicado e ajustado.

Nesse contexto, parece que nos resta perseguir modelos regulatórios aprimorados, que ensejem mais transparência, participação social e responsabilização dos agentes públicos envolvidos em atos ilícitos. É fundamental que prazos para a tomada de decisão pelas autoridades, tanto do Executivo quanto do Legislativo, sejam cristalinos e inelásticos.

A digitalização integral dos processos é fundamental, e regras autoaplicáveis —cujo cumprimento se dá automaticamente, sem depender da interpretação de um agente público— devem ser ampliadas para reduzir o espaço da corrupção ou da arbitrariedade.

Por fim, o marco regulatório urbano precisa de mais autonomia em relação ao sistema político. No mundo todo, instituições democráticas vêm sendo capturadas pelo poder econômico. A melhor maneira de blindar o regulatório da corrupção é pela via da transparência e do controle social. Nenhuma ferramenta, por mais sofisticada, trará um modelo justo para as cidades enquanto persistirem instituições frágeis e incentivos que alimentem práticas ilícitas.

O pior dos dois mundos

Para onde a cidade deve crescer? O debate sobre a verticalização de São Paulo deixa essa questão mal resolvida.

No processo de revisão da Lei de Zoneamento, que detalha as diretrizes do Plano Diretor, o setor imobiliário pressionou pelo alargamento dos eixos de transporte, ou seja, a ampliação das áreas que gozam de coeficientes de construção elevados, próximas a corredores de ônibus, linhas de metrô ou trem, com vistas a viabilizar empreendimentos maiores (prédios mais altos e com maior área construída).

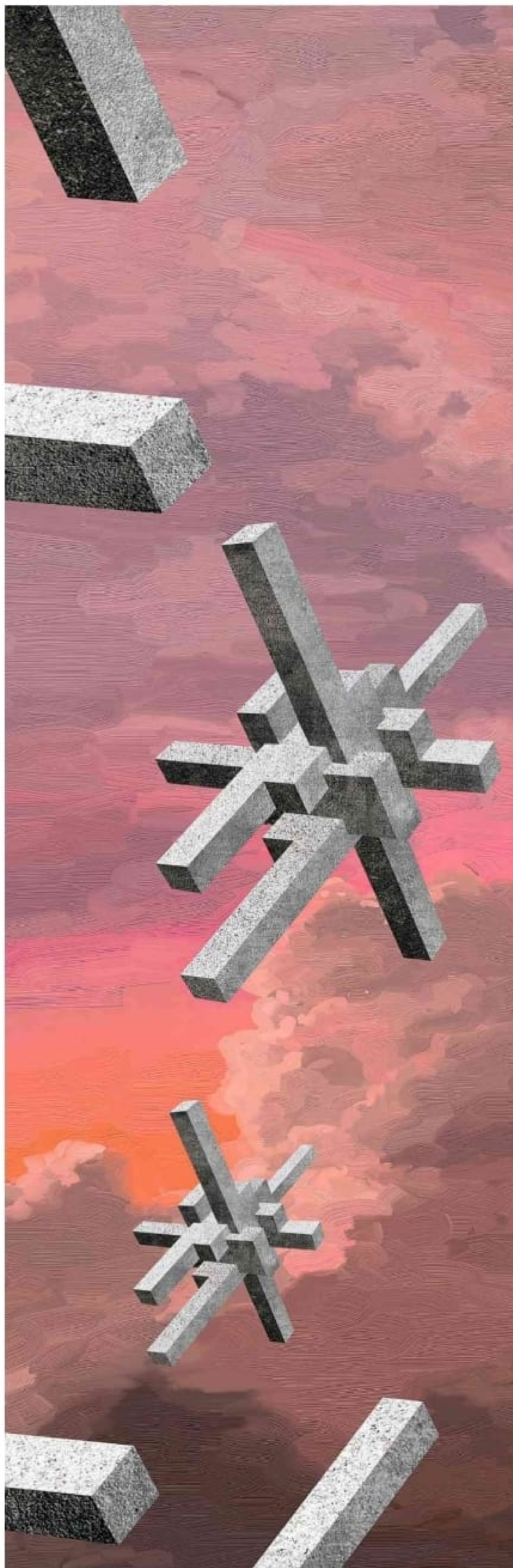
Por outro lado, técnicos de planejamento urbano resistiram, alegando que a infraestrutura não suportaria esse adensamento populacional. Redes de água, esgoto, energia, drenagem, trânsito e equipamentos sociais ficariam sobrecarregados sem investimentos proporcionais.

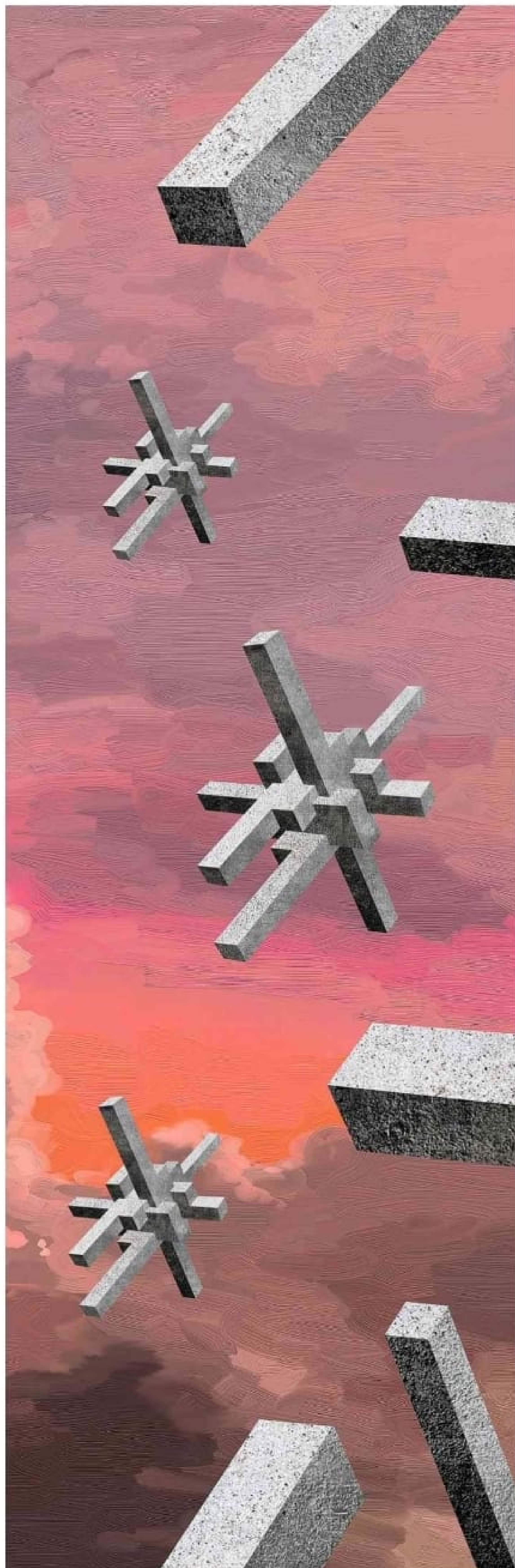
Agentes de mercado argumentaram que, se o alargamento "para dentro" não ocorrer, a verticalização avançará "para fora", em regiões periféricas. Nessa linha de raciocínio, se a ideia é conter o espraiamento da mancha urbana em áreas ainda mais carentes de infraestrutura e com maior dependência do carro, faz mais sentido concentrar empreendimentos em regiões centrais ou próximas ao transporte público.

Apesar da aguerrida resistência de grupos ligados a associações de bairro, técnicos de planejamento e organizações da sociedade civil, a pressão do mercado foi mais intensa. Ao cabo do processo de revisão da Lei de Zoneamento, o alargamento dos eixos prevaleceu.

O processo por meio do qual a decisão foi adotada pelo município, em seus âmbitos Executivo e Legislativo, não gerou um debate mais substantivo,

Continua na pág. B7





Continuação da pág. B6

No entanto, parece de fato fazer mais sentido buscar a verticalização nas proximidades dos eixos de transporte que espraiar a cidade para áreas periféricas sensíveis, onde os danos ambientais podem ser irreversíveis.

Vários argumentos parecem sustentar essa visão. A densidade populacional média de São Paulo é, conforme vimos, baixa em comparação com outras grandes cidades. A disponibilidade de terrenos propícios à incorporação de empreendimentos ao longo dos eixos é ainda grande e talvez seja razoável pensar que é sempre possível melhorar a infraestrutura desses locais ao longo do tempo.

O fato é que, nesse nível de generalização que a norma é capaz de situar o desenvolvimento urbano, o dilema entre adensar (no eixo alargado) ou espraiar é e sempre será difuso. Cidades são organismos complexos e, provavelmente, a ciência jamais será capaz de antever cenários com precisão absoluta. A preferência em torno de um ou de outro cenário terá sempre uma dose elevada de subjetividade, e as opções adotadas refletirão a força que os diferentes grupos de pressão serão capazes de mobilizar.

São Paulo parece viver o pior dos dois mundos: a combinação de verticalização com espraiamento. Há verticalização sem real adensamento nas regiões centrais —muitos edifícios, mas sem aumento significativo de moradores— e, ao mesmo tempo, expansão horizontal populosa nas periferias, carentes de qualidade urbana, que avança sobre áreas ambientalmente sensíveis.

A verticalização paulistana não é apenas um fenômeno construtivo; ela reflete as crises globais de desigualdade, mudanças climáticas, disputa territorial e democracia. A segregação socioespacial se agrava quando as áreas centrais não se adensam, enquanto as periferias, ambientalmente sensíveis, recebem ocupações informais. O crime organizado também disputa espaço imobiliário, exacerbando a luta pelo controle territorial. Corrupção e captura regulatória não são incomuns

Laboratórios de esperança?

Um antídoto para essa distopia em curso seria a coordenação de políticas municipais, estaduais e federais. Enquanto o Plano Diretor de 2014 visava adensar áreas centrais, o governo federal impulsionava o Minha Casa, Minha Vida, fomentando milhões de habitações em periferias sem critério de localização.

Já o governo do estado detém o domínio sobre linhas de trem e metrô, capazes de contribuir para o adensamento em eixos de transporte. A PPP Habitacional Casa Paulista, lançada em 2012 e modelada pelo Urbem em resposta a um chamamento do governo estadual, constitui um exemplo de boas práticas a ser aprofundado em parceria com as demais esferas de governo.

No município, ferramentas como OUCs (operações urbanas consorciadas), PIUs (planos de intervenção urbana) e PPPs (parcerias público-privadas) podem mobilizar recursos privados para infraestrutura, mas encontram resistência no mercado em razão da complexidade regulatória. O poder público precisa aperfeiçoá-las, conciliando interesses e reduzindo as possibilidades de captura por interesses privados —ponto maior de resistência de setores antimercado às PPPs.

Reguladores, arquitetos e urbanistas podem sugerir novas tipologias para adensar e preservar a ambiência das ZERs (zonas exclusivamente residenciais) de baixíssima densidade em bairros tombados e bem-servidos de infraestrutura, como Jardim Europa, City Lapa, Boaçava, Butantã e Alto de Pinheiros, mediante negociação de planos de bairro com moradores e associações locais.

A verticalização paulistana não é apenas um fenômeno construtivo; ela reflete as crises globais de desigualdade, mudanças climáticas, disputa territorial e democracia. A segregação socioespacial se agrava quando as áreas centrais não se adensam, enquanto as periferias, ambientalmente sensíveis, recebem ocupações informais. O crime organizado também disputa espaço imobiliário, exacerbando a luta pelo controle territorial. Corrupção e captura regulatória não são incomuns.

Ao abrigar cerca de 85% da população brasileira, as cidades são expressões cotidianas da crise democrática, à medida que decisões sobre o espaço urbano não necessariamente refletem a vontade popular. Servem, como em diversos outros países, mais aos interesses de oligarquias que a soluções capazes de promover mais equidade e sustentabilidade.

O futuro é incerto. Talvez o facho de esperança esteja no fato de que, em meio ao caos urbano, práticas criativas de governança possam germinar. Estratégias de uso misto do solo, políticas de inclusão habitacional, iniciativas de integração social e cultural e projetos de mobilidade podem inspirar reformas em todas as escalas.

Esperemos que São Paulo, ao mesmo tempo que exibe nosso abismo de contradições, possa indicar o potencial das cidades como laboratórios capazes de engendrar não só uma cultura urbana, mas fórmulas de reprodução do capital condizentes com novas formas de convívio humano integrado. Outras verticalizações e outros adensamentos, mais justos e mais belos, são possíveis. ←

Nelson Jurno/Diários dos Associados/Masp/Divulgação



Peter Scheier/IMS/Masp/Divulgação



Peter Scheier/IMS/Masp/Divulgação



Modelos do 'Primeiro Desfile de Moda Brasileira', realizado no Masp em 1952; vestidos 'Foguete' (esq.), 'Mãe de Santo' (centro) e 'Olaria' (dir.)

O desfile pioneiro de moda brasileira

[RESUMO] O desfile realizado em 1952 na primeira sede do Masp, no centro de São Paulo, representou uma tentativa ousada do casal Lina Bo Bardi e Pietro Bardi de fomentar uma moda brasileira que se afastasse do modelo hegemônico da alta-costura europeia e expressasse a complexa cultura do país. A experiência confluiu com o esforço de criação de um museu que ultrapassasse a ideia de mausoléu empoeirado e o isolamento das diversas expressões artísticas

Por **Lilian Pacce**
Jornalista e curadora, com mestrado pela University of the Arts London. Autora de 'O Biquini Made in Brazil'

A moda é um segmento recente no Brasil: pode-se dizer que começou em meados do século 20, enquanto na França, por exemplo, é assunto de Estado desde o reinado de Luís 14 (1643-1715).

Aqui, entre as iniciativas recentes que tiveram o objetivo de fortalecer e profissionalizar o setor, podemos mencionar Grupo Moda Rio, Núcleo Paulista de Moda, Fashion Rio, Phytoervas e São Paulo Fashion Week, o único que continua ativo e comemora 30 anos apresentando desfiles de marcas nacionais —a edição 2025 começa neste domingo (6).

A experiência pioneira mais radical provavelmente foi a do casal Lina Bo Bardi (1914-1992) e Pietro Maria Bardi (1900-1999), que organizou, em 1952, o chamado "Primeiro Desfile de Moda Brasileira" no Masp (Museu de Arte de São Paulo) —que, aliás, acaba de expandir seu espaço museológico e iniciar uma nova fase com a inauguração de um novo edifício.

O "Primeiro Desfile de Moda Brasileira" aconteceu em meio às obras da pinacoteca da primeira sede do museu, na rua Sete de Abril, no centro de São Paulo, e apresentou cerca de 50 looks, batizados com nomes que não deixam dúvida sobre a intenção dos organizadores: despertar a elite local para a valorização de uma estética calcada em materiais e tradições brasileiras, mais adequadas ao clima e ao estilo de vida tropical.

Para viabilizar a parte comercial, Bardi criou uma parceria com a loja de departamentos Casa Anglo-Brasileira, o Mappin.

Seguindo o padrão dos desfiles de alta-costura de Paris, um narrador anunciava a entrada de cada look: "Macumba", "Favela", "Balaio", "Bala de Coco", "Cunhambebe", "Cuíca", "Papagaios", "Cachoeira", "Cascavel", "Abacate", "Carambola", "Escola de Samba", "Ouro Preto", "Mãe de Santo", "Jangada", "Perequê" etc. Os títulos davam protagonismo a temas ligados a indígenas, afrodescendentes, lugares turísticos e frutas tropicais —na contracorrente do modelo dominante que enaltecia o padrão francês de luxo.

O 'Primeiro Desfile de Moda Brasileira' aconteceu na primeira sede do museu e apresentou cerca de 50 looks, batizados com nomes que não deixam dúvida sobre a intenção dos organizadores: despertar a elite local para a valorização de uma estética calcada em tradições brasileiras

Poucos anos antes, os Bardi haviam se casado, emigrado da Itália e se estabelecido em São Paulo: ele como fundador e diretor do Masp, criado pelo magnata da imprensa Assis Chateaubriand em 1947.

Na Itália, Pietro trabalhava como jornalista e chegou a dirigir uma galeria de arte em Roma a convite de Benito Mussolini, fundador do Partido Nacional Fascista que se tornou ditador em 1922.

A estratégia nacionalista de Mussolini concebia a construção de uma moda italiana autêntica, que tivesse qualidade e autonomia em relação aos ditames da França, berço da moda contemporânea. O regime fascista da Itália implementou medidas como o incentivo à indústria têxtil e a exposições e semanas de moda e até o lançamento de um dicionário para familiarizar os italianos com o léxico da moda.

Bardi também foi influenciado pelos princípios iniciais da Bauhaus. Criada por Walter Gropius na cidade de Weimar, na Alemanha, a escola buscava romper —ou, ao menos, borrar— os limites entre a arte e o artesanato, o design e a moda com o intuito de promover uma transformação social e criar "um novo ser humano".

No "Manifesto da Bauhaus", de 1919, Gropius defendia que os artistas retornassem ao artesanato, já que acreditava que não havia "nenhuma diferença essencial entre o artista e o artesão". "O artista é uma elevação do artesão." Também propunha a criação de uma cooperativa de artesãos, sem a presunção e a arrogância elitista de criar "um muro de orgulho entre artesãos e artistas".

Continua na pág. B9

Nelson Jurno/Diários dos Associados/Masp/Divulgação



Nelson Jurno/Diários dos Associados/Masp/Divulgação



Masp/Divulgação



Modelos do 'Primeiro Desfile de Moda Brasileira', realizado no Masp em 1952; vestidos 'Papagaios' (esq.) e 'Macumba' (centro); a atriz Odete Lara (dir.), descoberta no desfile

Continuação da pág. B8

Por outro lado, a Bauhaus tinha uma postura bastante sexista: as mulheres que se matriculavam na escola eram encaminhadas automaticamente para as aulas de têxteis (costura, bordado, tecelagem), considerada uma "arte menor".

Adepto desses preceitos, Bardi perseguiu a ideia de criação de um "museu fora dos limites", título de um artigo de sua autoria publicado na revista Habitat em 1951. Segundo o texto, os museus eram, "na melhor das hipóteses, um banho de antiguidade e coisas mortas [...] e contribuíram muito para separar as artes umas das outras". O Masp viria para ensinar "as pessoas a amar, compreender e estudar a arte, todas as artes que incorporam os pensamentos mais elevados do homem".

Bardi segue: "Nossa preocupação é criar uma unidade entre as artes porque a distinção, ou melhor, o violento divórcio que se estabeleceu atualmente entre as artes, deixando cada uma delas isolada e fechadas em si mesmas, como se estivessem num compartimento hermético, é um desvio grave".

Era preciso, portanto, criar um contramuseu, um museu fora dos limites, um museu para todos, que atraísse tanta gente quanto os cinemas na época. Meses depois, a mesma Habitat declararia o Masp uma "instituição que considera o campo da moda um campo verdadeiramente artístico".

A Habitat foi fundada por Lina e Pietro e, embora independente, atuava como órgão oficial das atividades do Masp.

Na primeira edição, Lina assina o artigo "Função social dos museus", defendendo a dessacralização deles, "um mausoléu intelectual" empoeirado, e a integração de vários tipos de arte, bem ao estilo da Bauhaus. A segunda edição da revista declara que o Masp "procura por todos os meios se afastar do campo da museografia tradicional, a fim de abreviar sempre mais a distância entre o museu-templo e a vida", argumento posto em defesa da realização de um desfile na primeira sede do museu.



Gloria, a única modelo negra do desfile, com o vestido 'Balaio', de Klara Hartoch, ao lado de 'Madame Georges van Muyden', de Modigliani, no 'Primeiro Desfile de Moda Brasileira', realizado no Masp em 1952 Masp/Divulgação

Essa primeira iniciativa, intitulada "Desfile de Trajes Antigos e Modernos", buscava criar uma cronologia da evolução da moda destacando modelos de alta-costura de Christian Dior, que estava no auge da sua carreira, e o famoso "Traje para o Ano 2045", criado por Salvador Dalí e pertencente à coleção do Masp até hoje.

Ao fazer uma pesquisa para o curso "Moda no Masp: em busca de uma identidade brasileira", no próprio museu, tive a impressão de que o "Desfile de Trajes Antigos e Modernos" soou como um alerta vermelho nas mentes modernistas no comando do Masp. O desfile representava os valores da burguesia europeia, uma imagem empoeirada que seguia à risca a moda criada e ditada em Paris.

Imagino como isso repercutiu nas intenções museológicas de Bardi e despertou várias questões. Como aqueles modelos importados dialogavam com o clima tropical, o tipo físico, os costumes, as tradições e a realidade tão diversa do Brasil?

Os fatos que se seguiram convergem para essa hipótese. Os Bardi criaram, no Masp, o IAC (Instituto de Arte Contemporânea), uma escola que, entre vários cursos, ministrou aulas de costura, modelagem, maquiagem e formação de modelos profissionais —a atriz Odete Lara foi descoberta nesse desfile.

O objetivo era capacitar profissionais para realizar, em 1952, o "Primeiro Desfile de Moda Brasileira", definido como "uma tentativa ousada" diante da referência dominante da moda de Paris e mesmo da Itália: "O Brasil [...] deve — como o temos feito — criar sua moda individual". "Uma moda, enfim, correspondente à complexa estrutura cultural brasileira, formada por camadas substancialmente diversas entre si, mas que tendem e concorrem todas à formação de um aspecto único, que é justamente o nosso país."

Continua na pág. B10

Eufrázio



Manequins com trajes do 'Primeiro Desfile de Moda Brasileira', evento realizado pelo Masp em 1952, expostas em vitrine do Mappin Masp/Divulgação

O desfile pioneiro de moda brasileira

Continuação da pág. B9

Na década de 1950, o conceito do prêt-à-porter (pronto para usar) ainda não havia surgido. A elite ocidental, tanto do Sul quando do Norte globais, se vestia com modelos de alta-costura ou reproduções desses modelos confeccionados por magazines e maisons, espécies de butiques de luxo que atendiam sob medida. A profissão de estilista não existia, e a profissão de costureiro, associado ao luxo, estava começando a surgir no Brasil.

Aqui, as referências eram Casa Canadá, Madame Rosita, Madame Boriska —comandadas por mulheres imigrantes— e Casa Vogue. Bardi, no entanto, não procurou nenhuma delas para criar o desfile de moda brasileira. Preferiu formar uma equipe dentro do próprio museu, com o casal Luisa e Roberto Sambonet, imigrantes italianos como ele, como espécie de diretores criativos.

A artista têxtil Klara Hartoch, responsável pelas oficinas de tear manual e pela criação de vários modelos para o desfile, fazia parte dessa equipe. Fugindo do tradicional, Hartoch experimentava misturando materiais como lã e camurça, lã e palha e até plástico.

Roberto Sambonet ensinava pintura e desenho à mão livre e desenhou os cerca de 50 croquis que deram origem aos modelos da "moda brasileira" desfilados em 6 de novembro de 1952 na pinacoteca do Masp.

Não são nítidas as funções específicas de Luisa Sambonet, mas tudo indica que coube a ela a coordenação geral do evento. Segundo a pesquisadora Ethel Leon, Luisa Sambonet teria ministrado o curso de estamparia e, acredito, também as aulas para manequins (as modelos da época), curso fundamental para a realização do evento. Foi provavelmente a primeira vez que uma modelo negra, Gloria, desfilou.

Carybé, artista argentino radicado na Bahia, contribuiu trazendo personagens do candomblé, como a sereia do mar para o modelo "Macumba", pintado à mão pelos alunos do IAC.

O paisagista e artista plástico paulista Roberto Burle Marx criou as estampas "Papagaios" (referente à pipa, não à ave), "Foguete" e de inspiração marajoara. Roberto Sambonet trabalhou com grafismos nos modelos "Perequê", "Carambola", "Carajuru" e "Faísca" e fez a única estampa de flor do desfile, "Anturium", aceita por ser uma flor tropical. Lina fez joias, e Hartoch trouxe sua expertise na construção inovadora de vários tecidos feitos em tear em modelos como "Favela", "Balaio", "Iguassu" ou "Bala de Coco".

A Habitat declarou sem modéstia que o desfile havia ultrapassado as expectativas: "A moda brasileira passava a ser de mero sonho de alguns a uma realidade positiva. Nisto está talvez a mais bela iniciativa do Museu de Arte e sem dúvida a iniciativa que saiu melhor. E agora, imitadores de ideias: continuais!". A **Folha** publicou um texto elogioso sobre o evento, em uma página, com fotos, em 9 de novembro de 1952.

Como o próprio Pietro Bardi reconheceu anos mais tarde, no entanto, sua iniciativa não rendeu muitos frutos, frustrando sua intenção de —para usar um termo atual— decolonizar o mercado da moda.

Na verdade, talvez coubesse a ele um mea culpa, já que nem mesmo o arquivo do Masp guardou uma boa documentação desse desfile de extrema relevância para a moda brasileira. Nenhum dos 50 looks, por exemplo, entrou para a coleção do museu. Tampouco há registros fotográficos de todos os looks, amostras dos tecidos ou os croquis e os desenhos das estampas. ←

Como o próprio Pietro Bardi reconheceu anos mais tarde, no entanto, sua iniciativa não rendeu muitos frutos, frustrando sua intenção de — para usar um termo atual— decolonizar o mercado da moda

O perdão e seus limites

Filósofo defende que ninguém pode perdoar ofensa cometida contra outra pessoa

Juliana de Albuquerque

Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Em janeiro, escrevi para a Folha a respeito de "The Sunflower: on the Possibilities and Limits of Forgiveness" (o girassol: sobre as possibilidades e os limites do perdão), livro de 1969 de Simon Wiesenthal (1908-2005), sobrevivente do Holocausto e célebre caçador de nazistas.

Dividido em duas partes, o livro compreende uma narrativa baseada nas experiências do autor enquanto prisioneiro de um campo de concentração, além de comentários escritos por outros sobreviventes e personalidades diversas.

Em seu relato, Wiesenthal comenta que, durante a guerra, ele e outros prisioneiros foram escalados para limpar um hospital de campanha nos arredores da cidade de Lviv, na atual Ucrânia. Lá chegando, ele foi levado ao quarto de um jovem oficial nazista que, gravemente ferido e ciente da proximidade da morte, desejava pedir perdão a um judeu pelos crimes que havia cometido contra membros da comunidade judaica.

Na ocasião, chocado com a confissão do nazista e sem saber se aquilo tudo não era uma armadilha, o autor deixou o quarto em silêncio. Anos mais tarde, porém, ao refletir sobre o episódio, ele resolveu questionar alguns dos seus conhecidos: "E você, o que teria feito no meu lugar?".

Entre os comentários ao relato de Wiesenthal, o meu predileto foi escrito pelo filósofo Abraham J. Heschel (1907-1972), amplamente reconhecido pelo seu ativismo em prol dos direitos civis nos Estados Unidos das décadas de 1950 e 1960.

Em resposta a Wiesenthal, Heschel escreve que não teria perdoado o oficial nazista. No entanto, o que mais me chamou atenção no texto de Heschel não foi exatamente a sua conclusão, mas a maneira como ele construiu o seu raciocínio, utilizando-se do mesmo gênero textual de Wiesenthal, isto é, a partir de uma narrativa.

Heschel escreve que não teria perdoado o oficial nazista. O que mais me chamou atenção foi a construção do seu raciocínio

Antes de dizer o que ele teria feito no lugar do sobrevivente, Heschel relata uma situação vivida por Chaim Soloveitchik (1853-1918), o rabino de Brest, na atual Belarus, muito admirado tanto pela sua afabilidade quanto pelo seu grande conhecimento do Talmud.

Certa vez, em um trem que partia lotado de Varsóvia para Brest, o rabino sentou-se junto a um grupo de caixeiros-viajantes que passava o tempo a jogar cartas. Um deles, incomodado pela postura de Soloveitchik, que nunca havia jogado baralho e se recusava a participar das apostas, resolveu enxotar o rabino do vagão.

Sem conseguir encontrar outro assento vago, Soloveitchik passou horas em pé até alcançarem Brest. Já na cidade, para a surpresa do caixeiro-viajante, que ignorava a sua identidade, o rabino foi recebido por uma multidão de admiradores.

Ao tomar conhecimento de que o homem que ele havia agredido era o rabino de Brest, o caixeiro-viajante apressou-se em lhe pedir desculpas, mas todos os seus pedidos e promessas de caridade foram refutados pelo rabino.

Vendo que o caixeiro-viajante estava claramente angustiado com toda aquela situação, o filho mais velho de Soloveitchik resolveu questionar o pai sobre a dureza da sua decisão, ao que o rabino respondeu: "Meu filho, eu não tenho condições de perdoá-lo. Ele não sabia quem eu era. Ele ofendeu um homem comum. Deixe que o caixeiro-viajante vá até ele e lhe peça perdão".

Para Heschel, essa anedota nos ensina que ninguém tem o direito de perdoar uma ofensa cometida contra outra pessoa. Há, no entanto, algo de extraordinário na maneira como ele opta por também contar uma história para comunicar o seu posicionamento. Isto é assim pois uma narrativa possui espaços vazios e inconsistências que abrem margem para a discordância.

Aqui, por exemplo, ao terminar de ler a história contada por Heschel, alguém poderia questionar se o rabino de Brest, por mais excepcional que fosse, também não seria um homem como outro qualquer. Isso, por sua vez, complicaria a conclusão do filósofo, da qual eu compartilho, mas teria a vantagem de prolongar a nossa discussão com o seu texto, ampliando, a partir do contraditório, o nosso entendimento sobre o perdão e os seus limites.



Klara Hartoch (ao fundo) com aluna na oficina de tecelagem do Masp no início da década de 1950 Peter Scheier/IMS/Masp/Divulgação



O MUSEU DE ARTE DE S. PAULO

convida-o para assistir à primeira apresentação da

MODA BRASILEIRA

realizada nos ateliers e nas escolas do museu em colaboração com a casa anglo-brasileira, por um grupo de artistas, industriais, artesãos brasileiros, na certeza que o nosso país, assim como projetou internacionalmente a sua arquitetura poderá também trabalhar pela criação da

MODA BRASILEIRA

museu de arte, rua 7 de abril, 230, dia 6 de novembro, às 17 horas.

Convite do 'Primeiro Desfile de Moda Brasileira' Masp/Divulgação

Masp/Divulgação



Folhapress



LANÇAMENTO DA MODA BRASILEIRA

Modelo posa no 'Primeiro Desfile de Moda Brasileira' (esq.); Reprodução da pág. 7 do caderno Vida Social e Doméstica da Folha da Manhã de 9.nov.52 (dir.)



Ulysses Guimarães aperta a mão de Mário Covas; ao centro, Fernando Henrique Cardoso, em reunião sobre o movimento das Diretas Já, em 1984, em São Paulo Matuitu Mayezo/Folhapress

O marxismo neoliberal da USP

[RESUMO] Em análise de livro sobre acadêmicos da USP, Bresser-Pereira escreve que FHC e intelectuais de seu entorno elegeram o desenvolvimentismo como adversário e abandonaram o marxismo ainda nos anos 1970 para, na década de 1990, se tornarem neoliberais

Por **Luiz Carlos Bresser-Pereira**

Professor emérito da Fundação Getulio Vargas, ex-ministro da Fazenda (1987, governo Sarney), da Administração e da Reforma do Estado e da Ciência e Tecnologia (1995-1998 e 1999, governo FHC)

Fábio Mascaro Querido acaba de publicar "Lugar Periférico, Ideias Modernas", no qual estuda o que denomina marxismo acadêmico da USP —um grupo de sociólogos que, nos anos 1960, se aproximou do marxismo, que havia emergido com força na Europa no pós-guerra e alcançado o Brasil.

Esses sociólogos, sob a liderança de Fernando Henrique Cardoso, criaram um seminário para estudar Marx e "O Capital". Quando Cardoso assumiu a Presidência em 1995, o seminário se tornou célebre, sempre citado pela imprensa conservadora de maneira simpática porque os autores envolvidos já haviam abandonado havia tempos o marxismo. Querido afirma que esse foi o mito fundador do grupo.

O núcleo do grupo —aqueles que proponho chamar de marxistas neoliberais— foi constituído por Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti e Francisco Weffort.

Trata-se de um oximoro que se aplica bem a eles, que se encantaram com o marxismo nos anos 1960, quando ainda estava viva a esperança na revolução socialista, tornaram esse marxismo menos contraditório e revolucionário, definiram o desenvolvimentismo como o adversário e abandonaram o marxismo já nos anos 1970, enquanto Cardoso desenvolvia a teoria da dependência associada, que implicou a subordinação do Brasil ao império. Em síntese, nos anos 1960, eles supunham ser marxistas mas já eram liberais; nos anos 1990, se tornaram neoliberais.

A denominação marxismo neoliberal naturalmente não se aplica a Roberto Schwarz e Francisco de Oliveira, que eram do grupo, nem a Octavio Ianni e Florestan Fernandes, que não eram realmente do grupo.

Florestan foi o mestre de todos, o maior sociólogo que a USP já teve. Inicialmente, se associou à sociologia da modernização e, depois, indignado com o que via no Brasil, se tornou um marxista revolucionário. Querido, naturalmente, não usa essa expressão, porque ele era antes um admirador que um crítico do marxismo neoliberal.

Querido distingue Roberto Schwarz dos demais, alguém que permaneceu marxista ao longo dos anos e, como escreve, "radicalizou a dimensão 'negativa' da crítica". Como crítico literário e escritor, Schwarz não se preocupou em propor políticas nem fez concessões para ser aceito no seu entorno. Ao contrário do núcleo duro do grupo, Schwarz continuou nacionalista como havia sido antes dele seu grande mestre, Antonio Candido, e se associou a Paulo Arantes, um crítico do marxismo neoliberal.

Entre todos, Schwarz é o único que, no plano teórico, é reconhecido internacionalmente. (A teoria da dependência associada teve repercussão internacional, mas, além de ser equivocada, não pode ser considerada uma teoria —é apenas uma sofisticada e pouco clara justificação de subordinação.)

Querido usou o pensamento de Schwarz como referência ou fio condutor do livro e lhe dedicou dois excelentes capítulos. Salientou o amplo papel que teve Adorno em seu pensamento, como também a crítica da modernização realizada por Robert Kurz em 1991, um momento em que a União Soviética entrava em colapso.

Querido deu pouca importância ao nacionalismo do crítico, o que contradiz a sua perspectiva negativa, mas, no final do segundo ensaio, cita um texto significativo: "A última palavra não pertence à nação, nem à hegemonia ideológica internacional, mas pertence ao presente conflituado que as atravessa". Este presente conflituado é o da luta de classes dos grupos de interesse específicos para esse ou aquele problema.

Nos anos 1960 e 1970, o núcleo neoliberal marxista e, mais amplamente, a esquerda antivarguista combateram o desenvolvimentismo nacionalista porque pretendiam ser revolucionários, enquanto o desenvolvimentismo implicava um compromisso da classe trabalhadora e da esquerda social-democrata com a burguesia.

O núcleo acadêmico neoliberal marxista seguiu o mesmo caminho: ao contrário da visão desenvolvimentista, pretendia não fazer concessões e acabou concedendo tudo nos anos 1990, quando se tornou neoliberal. A esquerda anti-Vargas o combateu porque definiu um "culpado interno" pela derrota: haviam sido os desenvolvimentistas, que, em vez de serem revolucionários, haviam apostado em um acordo da classe trabalhadora com a burguesia industrial intermediado pela burocracia pública.

O núcleo só passou a ter alguma relevância a partir do golpe militar de 1964, a grande derrota da social-democracia desenvolvimentista. Derrotados os adversários sem que fosse preciso lutar contra eles, estava agora na hora dos sociólogos da USP assumirem o comando intelectual da esquerda.

No capítulo "A Revanche dos Paulistas", o autor relata a nova fase.

Continua na pág. B13



O sociólogo Francisco de Oliveira, que nos anos 1990 foi um dos principais críticos do governo FHC Divulgação

Continuação da pág. B12

Revanche por quê? Ele não explica, porque não foi realmente uma revanche. Na partida anterior, nossos amigos não tinham sido derrotados: estavam simplesmente fora do jogo. Em 1964, entraram no jogo e se tornaram conhecidos. Os que estavam no jogo até então eram os nacional-desenvolvimentistas social-democratas como Celso Furtado, Guerreiro Ramos, Helio Jaguaribe e Ignácio Rangel. Na época, eu já era desenvolvimentista.

Eles estavam fora do jogo, mas desesperados para entrar, especialmente para derrotar os dois mais importantes sociólogos dos anos 1950, Guerreiro Ramos e Gilberto Freyre. O golpe militar se encarregou de derrotar Guerreiro ao cassar seu mandato de deputado federal e seu direito de se recandidatar. Enquanto Celso Furtado foi exilado, ele e seus companheiros do Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) Jaguaribe e Rangel foram submetidos a intenso ataque pela esquerda alienada, para a qual o nacional-desenvolvimentismo associado a Getúlio Vargas era inaceitável. Isto além do ataque pela direita.

O próximo passo foi o livro de Cardoso e Enzo Faletto, "Dependência e Desenvolvimento na América Latina" (1969), no qual a dependência se torna a causa do desenvolvimento, em vez de obstáculo. Era a teoria da dependência associada que surgia. A nova verdade, que se espalhou rapidamente por toda a esquerda intelectual, afirmava taxativamente que uma coalizão de classes desenvolvimentista associando os empresários industriais às esquerdas e à classe trabalhadora era impossível.

A burguesia não existia nem poderia existir (na verdade, a burguesia industrial desenvolvimentista existiu no Brasil em dois breves períodos: 1950-1964 e 1967-1980), mas a falta de uma burguesia nacionalista não era problema, porque o chamado império era na verdade apenas um "hegemon" benevolente — suas empresas multinacionais estavam contribuindo para o desenvolvimento do país e bastava que o Brasil se associasse a ele que se desenvolveria.

Não foi o que aconteceu: em 1990, a submissão aconteceu; em 1995, se aprofundou. País entrou em quase estagnação.

Não se imagine, porém, que os intelectuais nacionalistas e desenvolvimentistas tenham escapado do ataque de Cardoso e Faletto, ainda que esse ataque não fosse perfeitamente claro.

Em um primeiro momento, a Cepal de Raúl Prebisch e Furtado percebeu que estava sob ataque e não quis publicar o livro por meio do Ilpes (Instituto Latino-americano e do Caribe de Planejamento Econômico e Social). Mais tarde, porém, ela se adaptou à crítica, se acomodou ao império e perdeu qualquer relevância no plano das ideias.

A Cepal somente existiu como uma ideia —a do desenvolvimentismo estruturalista clássico voltado para a industrialização— entre 1949 e 1963, sob o comando de Raúl Prebisch. Em 1964, os desenvolvimentistas foram derrotados e obrigados a ficar em silêncio. No começo dos anos 1970, a Cepal abandonou o desenvolvimentismo.

Nos anos 1970, essa mesma esquerda, desprevenida, se deixou envolver pelas ideias propostas por Cardoso e Falleto. No plano econômico, essas ideias foram aceitas provavelmente porque a ideia de associação ao império não estava clara no livro e nos trabalhos que seguiram —e porque a esquerda estava ressentida com o golpe de 1964.

Por outro lado, a versão realmente marxista da teoria da dependência, a teoria de André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos, também era equivocada porque contava com a revolução socialista na América Latina a curto prazo.

Essa versão sofreu um ataque violento e injusto em artigo assinado por José Serra e o próprio Cardoso. Creio que a iniciativa tenha sido mais de Serra que de Fernando Henrique, porque este é um homem da melhor qualidade e cuja personalidade é incompatível com uma atitude como essa.

Nossos marxistas neoliberais flertaram com a revolução sem muito empenho e, mais tarde, se associaram ao império e se tornaram neoliberais

Os acadêmicos paulistas lograram se adaptar à realidade social e política que os circundava em vez de tentar mudá-la. Algumas vezes, vi Fernando Henrique, enquanto presidente da República, agir procurando se adaptar em vez de procurar moldar o que estava acontecendo. Ele e seus companheiros eram mais sociólogos que agentes republicanos

Em 1969, sob a liderança de Cardoso e com apoio da Fundação Ford, o Cebrap foi criado. Logo, ele se tornou o grande centro de estudos em defesa da democracia e de crítica à desigualdade.

Foi nessa época em que fui convidado a ser membro do conselho da nova entidade de pesquisa e me juntei a eles. Estava isolado na Fundação Getulio Vargas e precisava de diálogo. Percebia que minhas ideias desenvolvimentistas não eram ali bem vistas, mas fui muito bem recebido e me associei à luta do Cebrap, onde, além dos intelectuais já citados, estavam figuras notáveis como Chico de Oliveira e Paul Singer. Lutávamos todos contra o regime militar.

Nessa época, porém, muitas das coisas que estou narrando aqui não estavam claras para mim. Entre 1995 e 1999, participei do governo FHC e, sob influência do que me envolvia, minhas convicções desenvolvimentistas e meu interesse pelo marxismo diminuíram por algum tempo.

Fiquei, porém, decepcionado com o caráter neoliberal que assumiu a direção da economia e, em 2003, revi minha posição em relação a meu amigo Fernando Henrique. Voltei a ler seu livro com Faletto e escrevi o ensaio "Do Iseb e da Cepal à Teoria da Dependência", publicado em 2005, cuja primeira cópia entreguei a ele. Não era um rompimento pessoal, mas intelectual. Havia compreendido o sentido de sua obra e de seu pensamento.

Estimulado pelo excelente livro de Querido, decidi, nesta resenha, voltar agora ao tema da história intelectual. Uma resenha mais crítica do que fora o artigo de 2005, uma crítica ao marxismo neoliberal. Qual foi a contribuição ao Brasil desse grupo de sociólogos, cientistas políticos e filósofos? Como compará-la com a contribuição dos desenvolvimentistas social-democratas?

Os desenvolvimentistas se associaram a Vargas, ainda que ele tenha sido um ditador entre 1937 e 1945, porque ele foi o grande estadista que promoveu a industrialização e o grande desenvolvimento econômico do Brasil. Os principais desenvolvimentistas tiveram uma influência significativa na realização da revolução capitalista brasileira, que aconteceu entre 1930 e 1980. Alguns deles eram socialistas, mas sabiam que a revolução socialista não era uma possibilidade realista.

Enquanto isso, nossos marxistas neoliberais flertaram com a revolução sem muito empenho e, mais tarde, se associaram ao império e se tornaram neoliberais.

Na conclusão de "Lugar Periférico, Ideias Modernas", Querido afirma que, enquanto os intelectuais do ciclo nacional-desenvolvimentista popular das décadas de 1950 e 1960 estavam interessados em um projeto de modernização nacional (anti-imperialista, acrescentaria), "os acadêmicos paulistas expressavam a redefinição entre intelectuais e política ocorrida na esteira das transformações pelas quais passaram tanto a sociedade quanto a universidade brasileira, a partir dos anos 1970".

Ou seja, eles lograram se adaptar à realidade social e política que os circundava em vez de tentar mudá-la. Algumas vezes, vi Fernando Henrique, enquanto presidente da República, agir procurando se adaptar em vez de procurar moldar o que estava acontecendo. Ele e seus companheiros eram mais sociólogos que agentes republicanos.

O livro de Querido é notável contribuição à história intelectual do Brasil. ←

Lugar Periférico, Ideias Modernas
AUTOR Fabio Mascaro Querido **EDITORA** Boitempo **PREÇO** R$ 65 (288 págs.)

QUADRÃO

Ricardo Coimbra



DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

2	9			5			4	
			4		6	9	2	
								5
		1	9					
9		3				1		8
					3	7		
8								
	2	6	7		1			
	1			6			9	7

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

2	9	7	3	5	8	6	4	1
1	5	8	4	7	6	9	2	3
6	3	4	2	1	9	8	7	5
7	6	1	9	8	5	4	3	2
9	4	3	6	2	7	1	5	8
5	8	2	1	4	3	7	6	9
8	7	9	5	3	4	2	1	6
3	2	6	7	9	1	5	8	4
4	1	5	8	6	2	3	9	7

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. (Med.) Abaixamento (de um órgão) **2.** Amor, em inglês / Lista das iguarias postas à disposição dos clientes nos restaurantes **3.** Ave preta que se alimenta de carrapatos / (Abrev. ingl.) Uma senha para celulares **4.** A terceira maior cidade da Colômbia / Veículo de aluguel para passageiros **5.** Estender o comprimento de **6.** O que faz Sara virar Sandra / Com frango se prepara um típico prato mineiro **7.** Que total (fem. e pl.) **8.** Espetar **9.** O R do IRPJ / Bruno Torres, ator **10.** Fazer uma criança adormecer ao som de cantigas / Rio gaúcho, um dos formadores do estuário do Guaíba **11.** Ofendida, injuriada **12.** 1.051, em algarismos romanos / Chegar a temperatura capaz de tirar a pele **13.** Aquele que tem a maxila inferior proeminente.

VERTICAIS

1. Órgão vascular que une o feto à parede do útero materno / No interior de, junto de (fem.) **2.** O humorista paulista Golias (1929-2005) / (Ingl.) Um acessório elétrico da cozinha **3.** Pequeno ovo / O cineasta americano Tarantino, de "Bastardos Inglórios" **4.** (Mans) Cidade francesa com uma famosa pista de corridas / Poluir **5.** Manta que se coloca na garupa da cavalgadura, sob a sela **6.** O promécio, em química / Peixe comum no Atlântico Sul, desova em água doce / (ski) Uma moto aquática **7.** Impresso que contém artigos publicados em jornal ou revista, mantendo a mesma composição tipográfica / Endurecimento da pele causado por atrito **8.** Um dos carros mais vendidos no Brasil / Uma mulher do circo **9.** O U de EUA / A mitra usada pelo papa em grandes cerimônias.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									■
2					■				
3				■	■	■			
4					■				
5								■	
6			■						
7		■							
8									■
9	■						■		
10						■			
11									
12				■					
13		■						■	

HORIZONTAIS: 1. Prolapso, **2.** Love, Menu, **3.** Anu, Pin, **4.** Cali, Táxi, **5.** Elongar, **6.** Nd, Quiabo, **7.** Quantas, **8.** Aguilhar, **9.** Renda, BT, **10.** Ninar, Caí, **11.** Ultrajada, **12.** MLI, Pelar, **13.** Nhato.
VERTICAIS: 1. Placenta, Numa, **2.** Ronald, Grill, **3.** Óvulo, Quentin, **4.** Le, Inquinar, **5.** Gualdrapa, **6.** Pm, Tainha, Jet, **7.** Separata, Calo, **8.** Ônix, Barbada, **9.** Unidos, Tiara.



Gleisi Hoffmann, ministra da Secretaria de Relações Institucionais, e Fernando Haddad, ministro da Fazenda, em reunião no Palácio do Planalto que anunciou programa de ampliação de isenção no Imposto de Renda Gabriela Biló-18.mar.25/Folhapress

Populismo técnico

[RESUMO] Pressionado por modelo de contenção de despesas que ajudou a criar, governo Lula adota estratégia nova na seara econômica brasileira: o populismo técnico, distante da gastança dos primeiros governos petistas e do fiscalismo-frio de Temer-Guedes

Por **Marcio Aith**

Advogado e jornalista, foi secretário de comunicação do Supremo Tribunal Federal e do Estado de São Paulo. Foi também correspondente da Folha em Tóquio e Washington

Há algo de fascinante —e arriscado— na estratégia econômica do governo Lula (PT) em 2025: a tentativa meticulosa de produzir alívio social cirúrgico, com impacto imediato na base eleitoral, sem acionar os alarmes do mercado. É o populismo em versão de alta precisão.

Uma equação instável que mistura salário mínimo reajustado, crédito consignado digital e isenção de Imposto de Renda —tudo às vésperas de um ano eleitoral decisivo, com a inflação em marcha lenta e os juros em marcha forçada.

O pano de fundo é conhecido: a política monetária segue dura, guiada por um Banco Central comprometido em combater a inflação, blindar a moeda e manter o Brasil minimamente atrativo diante da fuga global de capitais. Juros altos, crescimento baixo, consumo contido. Um cenário tecnicamente coerente —e socialmente impopular.

Diante disso, o governo opera em três frentes simultâneas: renda, crédito e tributo. Ou, em outras palavras, bolso, fôlego e alívio. A pergunta que paira sobre Brasília, o mercado e o eleitorado é simples e incômoda: será possível agradar a todos sem quebrar a conta? Ou estamos apenas adiando um novo desequilíbrio?

O primeiro movimento do governo Lula veio com forte apelo simbólico: o reajuste do salário mínimo acima da inflação, em 2,5%, elevando o piso nacional para R$ 1.518.

A medida, que afeta diretamente aposentados, pensionistas, trabalhadores formais de baixa renda e milhões de microempreendedores, foi apresentada como uma correção moral, uma revalorização do trabalho diante da corrosão inflacionária.

A matemática orçamentária, contudo, não conhece moral: ela conhece impacto. Segundo cálculos da Instituição Fiscal Independente (IFI), cada real a mais no piso nacional representa cerca de R$ 370 milhões a mais em gastos públicos por ano. A razão é simples: o salário mínimo indexa uma ampla gama de benefícios sociais obrigatórios.

Eis a armadilha: o mesmo reajuste que injeta renda no consumo de base pressiona os cofres públicos, encarece contratações e acende alertas no mercado. O dilema é clássico e recorrente. O salário mínimo como instrumento de política social entra em choque com a lógica fiscal do equilíbrio intertemporal.

A narrativa oficial fala em justiça social. A leitura técnica fala em risco de expansão de gastos permanentes. A verdade, como sempre, está no meio —e no tempo. O ganho real de hoje pode virar inflação amanhã. E o alívio imediato pode custar caro em termos de credibilidade e estabilidade no médio prazo.

A segunda medida do pacote governamental foi a liberação de uma nova modalidade de crédito consignado para trabalhadores do setor privado, agora diretamente vinculada à Carteira de Trabalho Digital (CTPS). Trata-se, tecnicamente, de uma inovação regulatória: o trabalhador pode contratar empréstimos com desconto automático em folha, sem depender de convênios específicos entre empresas e instituições financeiras.

O objetivo é explícito: ampliar o acesso ao crédito barato, com juros entre 3% e 4% ao mês, bem abaixo das taxas de cartão, cheque especial ou crediário. Em tese, um refinanciamento racional da dívida da população de baixa renda.

A adesão prática, porém, expôs um descompasso. Nas primeiras semanas, foram registradas mais de 64,7 milhões de simulações no aplicativo da CTPS Digital, mas apenas 48 mil contratos foram efetivamente fechados. A disparidade revela uma realidade incômoda: o endividamento das famílias brasileiras não é apenas uma questão de acesso ao crédito, mas de capacidade de arcar com ele.

O modelo, embora promissor, levanta dúvidas. A principal delas: o que acontece se o trabalhador mudar de emprego? A reaverbação, mecanismo que transfere automaticamente o desconto para a nova empresa, ainda não foi testada em larga escala. E a inadimplência, se vier, poderá recair sobre as instituições financeiras, sobre o Judiciário ou sobre o Tesouro, dependendo da arquitetura legal do sistema.

Além disso, há um risco macroeconômico: se o crédito expandir de forma desordenada, pode estimular o consumo num ambiente já pressionado por preços. Nesse caso, a consequência é conhecida. O Banco Central responderá com mais juros, neutralizando o estímulo —e talvez até invertendo seus efeitos.

A terceira iniciativa, e talvez a mais ambiciosa, é a proposta de isentar do Imposto de Renda todos os brasileiros com renda mensal de até R$ 5.000.

A medida toca no nervo da regressividade tributária brasileira e busca, com inegável acerto político, aliviar a carga sobre a classe média assalariada, que há anos vem sendo comprimida entre inflação, endividamento e crescimento pífio.

A ideia é simples: quem ganha menos, paga menos. E quem ganha muito —especialmente por meio de lucros, dividendos ou rendas no exterior— passa a contribuir mais. O projeto, em tramitação no Congresso, prevê a criação de um "imposto mínimo" para quem tem renda acima de R$ 600 mil por ano. Se o total pago ao longo do ano for inferior a um patamar preestabelecido, a diferença será cobrada.

A lógica é correta. Mas a execução é arriscada. Primeiro, porque a elite econômica brasileira tem histórico de resistência criativa à tributação. O planejamento tributário agressivo é uma indústria no país. Segundo, porque o Fisco, embora eficiente, não está aparelhado para fiscalizar com profundidade as movimentações dos super-ricos, especialmente no exterior.

Há, ainda, o efeito colateral de ampliar significativamente a base de isentos, o que pode comprometer a arrecadação futura e pressionar ainda mais os tributos indiretos —como o ICMS, que incide sobre o consumo e penaliza justamente os mais pobres. Paradoxo em sua forma mais pura: o alívio na renda vira custo no consumo.

O pano de fundo dessas três medidas é uma tentativa quase cirúrgica de operar dentro de um sistema de contenção que o próprio governo ajudou a criar. O novo arcabouço fiscal —com meta de resultado primário, bandas de variação e mecanismos de correção— não permite grandes saltos. Mas também não proíbe movimentos táticos.

É exatamente aí que Lula e sua equipe operam: na margem de manobra. Cada benefício anunciado é calibrado para não disparar os sensores de descontrole. É um populismo com régua. Uma bondade contida. Um assistencialismo que sabe fazer conta.

Há, todavia, um problema: o mercado também sabe fazer conta. E sabe distinguir alívio pontual de tendência estrutural. Se a percepção for de que o governo está, aos poucos, cavando brechas para gastar mais —e de que o Congresso está disposto a flexibilizar o arcabouço—, a reação virá. Via dólar. Via juros futuros. Via perda de confiança.

O governo sabe disso. E, por isso mesmo, vende suas medidas com um discurso duplo. Para o povo, diz que está cuidando de quem mais precisa; para o mercado, afirma que está respeitando os limites. É uma retórica sofisticada, mas que só se sustenta se os números fecharem.

O que se vê, portanto, é a emergência de um novo modelo: o populismo técnico. Não é a gastança explícita dos anos 2000, nem o fiscalismo frio da era Temer-Guedes. É um meio-termo que tenta fazer política social com responsabilidade contábil. Um equilíbrio fino entre o desejo de agradar e o medo de romper.

No entanto, a natureza do populismo, mesmo o de alta precisão, é expansiva. O reajuste do mínimo de hoje abre espaço para demandas maiores amanhã. O crédito de hoje pode virar inadimplência amanhã. A isenção de hoje cria pressão para novos cortes amanhã. E o amanhã, como se sabe, é o dia seguinte das urnas.

Resta saber se o país conseguirá manter esse jogo por muito tempo. Ou se, como tantas vezes na história recente, o equilíbrio de hoje não passa de um prenúncio de desequilíbrio futuro. ←

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

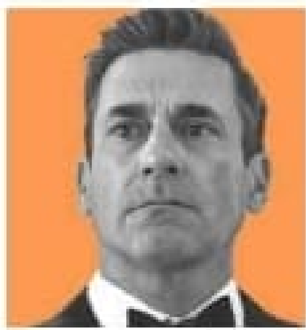
Após vencer Oscar histórico, 'Ainda Estou Aqui' estreia no catálogo do Globoplay

Ainda Estou Aqui
Globoplay, 14 anos
Chega ao streaming o primeiro filme brasileiro vencedor de um Oscar, "Ainda Estou Aqui". Baseado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva e dirigido por Walter Salles, levou anos em desenvolvimento e foi a quinta maior bilheteria na história do cinema do país. Conta como Eunice Paiva, mulher do ex-deputado Rubens Paiva, foi em busca do marido desaparecido durante a ditadura militar e sua luta para se reinventar e criar um futuro para os cinco filhos.

Hacks
Max, 16 anos, a partir desta quinta-feira (10)
Na quarta temporada, o ódio e o humor de Deborah e Ava continuam em forma. Elas estão empenhadas em lançar seu novo programa, que agora é comandado por Ava. Criada por Paul Downs, Lucia Aniello e Jen Statsky, a série já ganhou três prêmios no Emmy como a melhor comédia do ano.

O Quarto ao Lado
Netflix, 14 anos, a partir desta quarta-feira (9)
O primeiro longa-metragem em inglês de Pedro Almodóvar tem Tilda Swinton e Julianne Moore vivendo duas amigas, Martha e Ingrid, que se conheceram quando trabalhavam em uma revista. Sem contato há anos, elas se reencontram quando Martha está sofrendo com um câncer terminal.

Michael Jackson This Is It
Max, livre
Kenny Ortega filmou mais de cem horas dos bastidores do show "This is It", que Michael Jackson apresentaria em Londres a partir de julho de 2009. Mas Jackson morreu repentinamente duas semanas antes da estreia, em 25 de junho, em circunstâncias trágicas.



+

Seus Amigos e Vizinhos
Apple TV+, 16 anos, a partir desta sexta-feira (11)
Andrew 'Coop' Cooper, um gestor de fundos de investimento rico e bem-sucedido, está finalmente aceitando seu divórcio. O problema é que, na mesma época, ele perde o emprego. Se sentindo emasculado, Coop decide que, para manter o estilo de vida, vai roubar as casas de seus vizinhos no abastado subúrbio de Nova York chamado Westmont Village. Não demora até que ele descubra que os segredos e casos escondidos atrás das fachadas suntuosas são mais perigosos do que ele poderia imaginar. A série é uma comédia dramática criada por Jonathan Tropper e protagonizada por Jon Hamm, em um papel cômico, e tem ainda as atrizes Amanda Peet e Olivia Munn. Lançada no streaming da Apple, a série chega com dois capítulos disponíveis

Sob o Signo de Capricórnio
Belas Artes à la Carte, 12 anos
Este filme de Alfred Hitchcock de 1949, diferente de suas outras obras, é um romance melodramático que se passa durante a colonização australiana em 1830. É protagonizado por Ingrid Bergman e Joseph Cotten e só não teve Burt Lancaster no papel principal porque seu cachê foi considerado muito caro.

The Dinner Table Detective
Prime Video, sem classificação
A série de anime japonesa é baseada nos livros de Tokuya Higashikawa e conta a história de Reiko Houshou, uma herdeira que se torna detetive. Ao lado do inspetor Kazamatsuri, ela tenta resolver um caso misterioso com a ajuda de seu leal e cáustico mordomo Kageyama.

Bizarros Peixes das Fossas Abissais
Canal Brasil, 19h20, 10 anos
Filme brasileiro de animação sobre uma mulher com superpoderes, uma tartaruga com transtorno obsessivo compulsivo e uma nuvem com incontinência pluviométrica que seguem todos juntos em uma jornada até as maiores profundezas do oceano.

Canal Livre
Band, 0h, livre
O presidente do Banco de Brasília, Paulo Henrique Costa, fala sobre a provável aquisição de parte das ações do Banco Master. Se o negócio for aprovado por órgãos reguladores, deve movimentar cerca de R$ 2 bilhões e formar mais um gigante financeiro no país.

Black Mirror
Netflix, 18 anos, a partir desta quinta-feira (10)
A série de antologia de ficção científica produzida pela Netflix, uma história satírica de Charlie Brooker, chega à sétima temporada com seis novos episódios filmados em diferentes estilos. No elenco, estão atores como Cristin Milioti, Issa Rae e Awkwafina, entre outros.

CINEMA

Filme 'A Garota da Agulha', que disputou o Oscar, será tema de discussão no MIS

SÃO PAULO O Museu da Imagem e do Som, o MIS, exibe o filme "A Garota da Agulha", de 2024, do diretor Magnus von Horn, nesta terça-feira, às 19h. A sessão faz parte do Ciclo de Cinema e Psicanálise, evento que acontece em parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a SBPSP, com apoio da **Folha**.

O longa, em preto e branco, conta a história de Karoline, cujo marido desapareceu na Primeira Guerra. A operária se envolve com o patrão, mas é abandonada ao engravidar. Ao ser acolhida por Dagmar, que comanda uma suposta agência de adoção, a protagonista se envolve numa trama de horror. Como indicação da Dinamarca, a produção concorreu ao Oscar de melhor filme internacional com o brasileiro "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles. No Festival de Cannes, disputou a Palma de Ouro e perdeu para "Anora".

Com mediação da psicanalista Luciana Saddi, o debate após a sessão reúne a também psicanalista Helena Cunha Di Ciero, membro da SBPSP, e o crítico Humberto Silva, professor da Fundação Armando Álvares Penteado. O evento acontece no auditório do MIS. Os ingressos ficam disponíveis na bilheteria com uma hora de antecedência.



A atriz Victoria Carmen Sonne como Karoline em 'A Garota da Agulha', filme dinamarquês de 2024 dirigido por Magnus von Horn Divulgação



Luiza Pannunzio

Só uma 'griprisãozinha'

Sommelier de sentenças, Bolsonaro não chegará ao seu fim caso seja encarcerado

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Quando a **Folha** perguntou a Bolsonaro se uma eventual prisão seria o fim da sua carreira política, o ex-presidente respondeu: "É o fim da minha vida. Eu já estou com 70 anos".

Fiquei surpreso com este drama exagerado. Me parece evidente que, se for preso, Bolsonaro conseguirá resistir. Pelo seu histórico de atleta, acredito que, caso fosse encarcerado, não precisaria se preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, afetado por uma gripezinha ou resfriadinho.

Ao longo do tempo, muita gente já foi presa, e é preciso enfrentar a prisão como homem, pô, não como moleque. Aliás, mantendo claro o que é a vida, e que todos nós vamos morrer um dia.

Além disso, chegaram boas notícias para Bolsonaro: a sua amiga Marine Le Pen foi condenada à prisão por desvio de verbas públicas e impedida de se candidatar à Presidência da República, o que é um escândalo. Bolsonaro tem um método para distinguir as decisões de tribunal que condenam políticos a penas de prisão e os proíbem de se candidatar à Presidência.

Chegaram boas notícias para o ex-presidente: sua amiga Marine Le Pen foi condenada à prisão e não poderá se candidatar à Presidência da República

É um sofisticado sommelier de sentenças. Prova cada uma, com o seu apurado palato judicial e decide de acordo com o seguinte critério: se o político condenado é seu adversário, a sentença é justa; se o político condenado é seu aliado, a sentença é um escândalo.

Ao contrário daquelas pessoas mais rústicas, para as quais um réu deve ser condenado ou absolvido conforme gostem ou não da cara dele, Bolsonaro faz uma avaliação mais séria e profunda.

Que modelo de sociedade defende o bandido? Se seguirmos a ideologia de Bolsonaro, é um excelente bandido —e como a expressão "excelente bandido" é um oxímoro, ele deve ser absolvido.

Se o bandido é excelente, como pode ser um bandido? Os críticos do sistema judicial que Bolsonaro propõe dizem que ele é arbitrário, o que é completamente falso. Uma das características fundamentais do direito é a previsibilidade, e não há nada mais previsível do que isso.

Nenhum cidadão pode dizer que foi apanhado de surpresa. Sob a égide deste modelo de justiça, quaisquer réus terão direito à defesa. E a absolvição dependerá do seu engenho de demonstrar, perante o juiz, que, apesar de terem roubado, violado e/ou matado, concordam com Bolsonaro no essencial da ação política. Alguns nem terão de se esforçar muito.

DOM. Ricardo Araújo Pereira QUA. Bia Braune
QUI. Flávia Boggio SEX. Renato Terra SAB. José Simão